

Patrícia Daniela Maciel

O ENSINO FEMININO PRIVADO EM PELOTAS/RS, ATRAVÉS
DOS ANÚNCIOS DE JORNAIS (1875-1890)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas, sob a orientação da Professora **Dr^a Eliane T. Peres**, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Educação.

PELOTAS

2007

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Câmara Bastos

Prof.^o Dr. Elomar A. C. Tambara

Prof.^a Dr.^a Eliane T. Peres

Agradecimentos

O término deste trabalho, necessariamente, me remeteu ao seu início. Ao desejo de um dia chegar ao mestrado, às pessoas que carinhosamente e profissionalmente contribuíram nessa trajetória, às novas e importantes aprendizagens e desafios que me acompanharam. A caminhada foi, sem dúvida, repleta de novos conhecimentos sobre a educação, sobre a história da educação, história das mulheres e, especialmente, sobre mim como mulher, filha, mãe, aluna, amiga e principalmente pesquisadora. Sendo assim, agradeço a presença dessas pessoas que compartilharam esse momento especial e me apoiaram em cada etapa, e, em especial, às mulheres que generosamente me ajudaram, pois sem elas essa dissertação não teria sido possível.

A Deus...

À Prof.^a Eliane Peres, a quem serei eternamente grata, pelo exemplo de profissionalismo, trabalho, dedicação, ética e humanidade. Agradeço pela oportunidade, disponibilidade, amizade, grandeza e confiança que sempre depositou em mim. Pelo carinho e atenção.

A minha família, meu marido Marco, pelo amor e compreensão; meus filhos, Amanda e João Lucas, pela paciência e carinho; meu pai e irmãos, pela confiança e incentivo que sempre depositaram em mim. Pessoas das quais me orgulho em dividir essa caminhada.

A minha mãe (em memória), que sempre amou, vibrou e acreditou nos seus filhos. Com amor.

Às professoras (es) e funcionários da FaE/UFPEL, aos coordenadores do Mestrado, em especial à prof.^a Lucia Peres. Aos colegas do Mestrado e do grupo HISALES – História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares - pelo conhecimento, amizade e aprendizagens compartilhadas.

À direção e colegas da minha escola, E.M.E.F. Jornalista Deogar Soares, pela possibilidade e entendimento da necessidade da formação continuada.

À Biblioteca Pública Pelotense, pelo material e espaço disponibilizados para que este trabalho se tornasse possível.

À professora Dr^a Maria Helena Câmara Bastos e ao Professor Dr.^o Elomar Tambara pelas sugestões e contribuições na ocasião da qualificação. E à prof.^a Taiçara Farias Canêz Duarte pelo trabalho, sugestões e “correções” do texto.

Aos demais amigos e familiares que acreditaram e apoiaram, obrigado pelo carinho!

Sumário

RELAÇÃO DE QUADROS.....	VII
RELAÇÃO DE ILUSTRAÇÕES.....	VIII
RESUMO.....	XIII
ABSTRACT.....	XIV
INTRODUÇÃO.....	15
 1. HISTÓRIA DAS MULHERES E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.....	 19
1.1 A imprensa – os jornais e os anúncios do século XIX em Pelotas como fonte de pesquisa.....	22
 2. AS MULHERES EM PELOTAS (1875-1890): O CONTROVERSO DISCURSO DA EMANCIPAÇÃO FEMININA.....	 45
2.1 Os discursos acerca da <i>emancipação feminina</i> e das profissões exercidas e ‘permitidas’ às mulheres através de notícias de jornais pelotenses.....	46
2.2 As notícias nos jornais pelotenses sobre a educação feminina no século XIX.....	57
 3. AS AULAS PARTICULARES ATRAVÉS DOS ANÚNCIOS DOS JORNAIS.....	 64
3.1 As aulas particulares ministradas por professoras.....	69
 4. OS COLLEGIOS FEMININOS PRIVADOS.....	 93
4.1 O currículo: os conhecimentos anunciados.....	120

4.2 As <i>directoras</i> , as professoras e os professores dos <i>collegios femininos</i>	126
4.3 A localização dos colégios femininos.....	138
4.4 As mensalidades, contribuições e/ou pensões trimestrais.....	143
4.5 A avaliação: os <i>exercicios escolares</i>	146
 5. ALGUNS ASPECTOS DA VIDA DA PROFESSORA MADAME BERTA JEANNERET.	 153
5.1 Aspectos do colégio e da vida profissional da professora ‘Mme. Jeanneret’	154
5.2 Aspectos da vida familiar de Berta Jeanneret.....	159
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 167
FONTES DE PESQUISA	172
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	173
ANEXO	181

Relação de Quadros

Quadro 1: Jornais pesquisados, anos e semestres.....	29
Quadro 2: Quantidade de jornais utilizados por semestre na pesquisa.....	32
Quadro 3: Quantidade de anúncios dos <i>collegios femininos</i> e das aulas particulares pesquisados no período de 1875-1890.....	38
Quadro 4: Professoras que ofereciam aulas particulares e solicitações 1875-1890.....	76
Quadro 5: Quantidade de anúncios dos <i>collegios femininos</i> 1875-1890: período, publicação, nome dos colégios, fundadoras e matérias oferecidas.....	97
Quadro 6: Nome dos colégios e anos de publicação dos seus respectivos anúncios.....	104
Quadro 7: Denominação das ruas onde os colégios se localizavam no ano de 1815 e nos dias atuais.....	139

Relação de Ilustrações

Ilustração 1: Fotografia dos anúncios do <i>Collegio Santa Rosa</i> e <i>Mme. Jeanneret</i> , Correio Mercantil, 04/01/1878.....	35
Ilustração 2: Fotografia do anúncio do <i>Collegio Victoria</i> , Jornal do Commercio, 07/01/1881.....	36
Ilustração 3: Fotografia do anúncio da professora <i>Mlle. Isabel Mac’Ginity</i> , Jornal do Commercio, 09/04/1880.....	37
Ilustração 4: Fotografia do anúncio do <i>Collegio Pedro II</i> , Diário de Pelotas, 10/01/1887.....	43
Ilustração 5: Fotografia do anúncio da oferta de uma professora, Correio Mercantil, 17/04/1889.....	72
Ilustração 6: Fotografia do anúncio de pedido de uma professora, Correio Mercantil, 02/08/1889.....	73
Ilustração 7: Fotografia do anúncio do <i>Collegio</i> de <i>Mme. Messeder</i> , Correio Mercantil, 11/12/1887.....	80
Ilustração 8: Fotografia do anúncio do colégio <i>Externato Particular</i> , A Nação, 05/06/1884.....	81
Ilustração 9: Fotografia do anúncio da professora <i>Isabel Mac’Ginity</i> , Jornal do Commercio 09/04/1880.....	91

Ilustração 10: Fotografia do anúncio do <i>Collegio Victoria</i> , Jornal do Commercio 07/01/1881.....	91
Ilustração 11: Fotografia do anúncio do <i>Collegio Acacia</i> , Diário de Pelotas 07 /01/1880.....	95
Ilustração 12: Fotografia do anúncio do <i>Collegio de Madame Jeanneret</i> , Correio Mercantil, 28/07/1875.....	100
Ilustração 13: Fotografia do anúncio do <i>Collegio Acacia</i> , A Discussão, 05/11/1885.....	101
Ilustração 14: Fotografia do anúncio do <i>Collegio Pedro II</i> , Correio Mercantil, 25/12/1886.....	102
Ilustração 15: Fotografia do anúncio do <i>Collegio Sta. Anna</i> , Correio Mercantil, 05/01/1890.....	103
Ilustração 16: Fotografia do anúncio do <i>Collegio Santa Rosa</i> , Correio Mercantil, 04/01/1878.....	106
Ilustração 17: Fotografia do anúncio da <i>Mme. Audissou</i> , Correio Mercantil, 10/01/1876.....	107
Ilustração 18: Fotografia do anúncio do <i>Collegio Santa Cecília</i> , Correio Mercantil, 22/01/1878.....	108
Ilustração 19: Fotografia do anúncio do <i>Collegio de Instrucção Elementar</i> , Correio Mercantil, 08/02/1878.....	108
Ilustração 20: Fotografia do anúncio do colégio <i>Pensionato Francez e Portuguez</i> , Correio Mercantil, 11/07/1880.....	109
Ilustração 21: Fotografia do anúncio do <i>Collegio Francez</i> , Jornal do Commercio, 30/11/1880.....	110

Ilustração 22: Fotografia do anúncio do <i>Collegio Victoria</i> , Jornal do Commercio, 07/01/1881.....	112
Ilustração 23: Fotografia do anúncio do <i>Collegio Minerva</i> , Jornal do Commercio, 12/03/1882.....	113
Ilustração 24: Fotografia do anúncio do <i>Collegio Perseverança</i> , Correio Mercantil, 27/12/1883.....	113
Ilustração 25 Fotografia do anúncio do colégio <i>Externato Particular</i> , A Discussão, 02/01/1885.....	114
Ilustração 26: Fotografia do anúncio do colégios <i>Elementarschul für</i> , Correio Mercantil, 05/01/1886.....	114
Ilustração 27: Fotografia do anúncio do <i>Collegio S. João</i> , Correio Mercantil, 19/05/1886 ..	115
Ilustração 28: Fotografia do anúncio do <i>Collegio Pedro II</i> , Correio Mercantil, 25/12/1886..	115
Ilustração 29: Fotografia do anúncio do <i>Collegio Jeanneret</i> , Diário de Pelotas, 20/12/1887.....	116
Ilustração 30: Fotografia do anúncio do <i>Collegio Sta. Anna</i> , Correio Mercantil, 05/01/1890.....	117
Ilustração 31: Fotografia do anúncio do <i>Collegio Mme. Messeder</i> , Correio Mercantil, 11/12/1887.....	118
Ilustração 32: Fotografia do anúncio do <i>Collegio N. S. da Conceição</i> , A Pátria, 05/01/1888.....	118
Ilustração 33: Fotografia do anúncio do <i>Collegio Honra e Trabalho</i> , Diário de Pelotas, 11/01/1887.....	119
Ilustração 34: Fotografia do anúncio do colégio <i>Externato Nacional</i> , Correio Mercantil, 21/03/1889.....	119

Ilustração 35: Fotografia do anúncio do <i>Collegio Perseverança</i> , Correio Mercantil, 27/12/1883.....	128
Ilustração 36: Fotografia do anúncio do <i>Collegio Evolução</i> , Correio Mercantil, 28/04/1887.....	129
Ilustração 37: Fotografia do anúncio do <i>Collegio Francez</i> , do Jornal do Commercio, 30/01/1880.....	133
Ilustração 38: Fotografia do anúncio do <i>Collegio Mme. Messeder</i> , A Discussão, 11/12/1887.....	135
Ilustração 39: Mapa da Cidade de Pelotas, 1973.....	141
Ilustração 40: Fotografia do anúncio do <i>Collegio S. João</i> , Correio Mercantil, 19/05/1886...	144
Ilustração 41: Fotografia do anúncio do colégio <i>Externato Nacional</i> , Correio Mercantil, 23/01/1889.....	144
Ilustração 42: Fotografia do anúncio do <i>Collegio Pedro II</i> , Correio Mercantil, 25/12/1886..	144
Ilustração 43: Fotografia da imagem e biografia de Idalina Caleiro, A Ventarola, 02/06/1888.....	152
Ilustração 44: Fotografia da imagem e biografia de Berta Jeanneret, A Ventarola, 08/01/1888.....	153
Ilustração 45: Fotografia do anúncio do <i>Collegio de Madame Jeanneret</i> , ano de 1875.....	155
Ilustração 46: Fotografia do anúncio do <i>Collegio de Madame Jeanneret</i> , ano de 1878.....	155
Ilustração 47: Fotografia do anúncio do <i>Collegio de Madame Jeanneret</i> , ano de 1880.....	156
Ilustração 48: Fotografia do anúncio do <i>Collegio de Madame Jeanneret</i> , ano de 1881.....	157

Ilustração 49: Fotografia do anúncio do <i>Collegio de Madame Jeanneret</i> , ano de 1887.....	157
Ilustração 50: Fotografia do anúncio do ‘Instituto Jeanneret’, <i>Correio Mercantil</i> , 30/12/1890.....	158
Ilustração 51: Fotografia da imagem e biografia de Berta Jeanneret, <i>A Ventarola</i> , 08/01/1888.....	161
Ilustração 52: Fotografia do <i>Anuario da Província do Rio Grande do Sul</i> , 1888.....	163
Ilustração 53: Fotografia do anúncio de leilão dos bens da família <i>Jeanneret</i> , <i>Correio Mercantil</i> , 17/12/1890.....	165

Resumo

Esta dissertação tem como foco central a história da educação feminina privada em Pelotas, no século XIX, mais precisamente entre os anos de 1875 e 1890. É uma pesquisa que se constitui na análise documental, a qual utiliza como fonte os jornais disponíveis no Museu da Biblioteca Pública Pelotense (BPP), nos quais privilegiei notícias, avisos e principalmente os anúncios de aulas particulares ministradas por professoras e de *collegios femininos*. São analisados 1006 anúncios, 349 referentes a 20 aulas particulares e 657 relacionados aos 21 *collegios femininos*, que revelam uma das principais formas de educação das mulheres da elite pelotense e da expansão do mercado de trabalho para mulheres através do magistério.

Nesse sentido destaca-se que havia nesta cidade, no século XIX, uma significativa e diversificada rede de ensino feminino – colégios, aulas particulares, externatos, internatos, etc. – e, em consequência, um amplo mercado de trabalho para as mulheres, especialmente às mulheres professoras.

Palavras-chave: Educação, História da Educação, História das Mulheres, História da Educação Feminina.

Abstract

This dissertation, has as main focus the history of private female education in Pelotas, in the XIX century, more accurately between 1875 and 1890. It is a research based in document analysis, which uses as sources the newspapers available in the Public Library of Pelotas (BPP), in which I privileged news, announcements of private classes taught by female teachers and the *collegios femininos*. There were analysed 1006 announces, 349 referred to 20 private classes and 657 related to 21 *collegios femininos*, that reveal one of the women elite greatest forms of education in Pelotas and the expansion of the women working market through teaching.

In this sense, we emphasize that, there was in this city, in the XIX century, a significant variety of female education network – schools, private classes, boarding schools, etc – and, in consequence, a great work market for women, specially for teachers.

Key-words: Education, History of Education, Women History, History of Women's Education.

INTRODUÇÃO

No Brasil, MULHERES DE TODAS as classes sociais, longe de se reduzirem a meros componentes passivos, sempre tiveram as suas próprias áreas de influência e jamais deixaram de desempenhar papéis historicamente significativos, participando de modo essencial da construção do país e contribuindo decisivamente para o seu desenvolvimento (HAHNER, 2003, p. 23) (grifo no original).

Essa é uma história das aulas particulares, em sua maioria ministradas por professoras, e dos *collegios femininos* particulares que fazem parte da história da educação feminina privada em Pelotas, entre os anos de 1875 e 1890. É, portanto, uma história da educação das mulheres que viveram em Pelotas nessa época, que fundaram e dirigiram colégios femininos ou lecionaram como professoras particulares.

O interesse pelo tema da ‘educação feminina’ surgiu em razão de uma pesquisa que realizei no jornal pelotense Correio Mercantil, entre os anos de 2001 a 2004, como bolsista de Iniciação Científica (CNPq), no Curso de Pedagogia, UFPEL, na área de História da Educação. Durante esse período, percebi nos anúncios dos jornais locais, principalmente do século XIX, uma significativa oferta de ensino feminino e masculino privado. Meu interesse pela história das mulheres fez com que o olhar sobre esses anúncios, especialmente dos colégios femininos, fosse se aprimorando e pudesse se configurar em um projeto de pesquisa em nível de Mestrado. Portanto, é um projeto que resultou do contato com as próprias fontes e dos discursos produzidos por agentes sociais, que deixaram registrados nos impressos aspectos que dizem respeito à vida dos colégios femininos privados, às aulas particulares, às

professoras e alunas, portanto, à história da educação de uma parcela das mulheres pelotenses.

Considero que a escolha do tema ‘história da educação feminina’ é resultado, também, de uma posição política que considera as mulheres como agentes da história. É a possibilidade de trabalhar, resgatar e dar visibilidade aos *silêncios da história* (PERROT, 2005), especialmente no que se refere à história da educação das mulheres. A presença das mulheres na história e, mais especificamente, na história da educação é apontada por algumas autoras, como por exemplo, Perrot (2005), Hahner (2003), Lopes (2001), Louro (1995), Bastos (2004), como sendo uma parte da história de sujeitos ‘excluídos’.

Conforme Hahner (2003), existe uma escassez de estudos sobre mulheres na história da educação, e um dos motivos se dá exatamente pela falta de produções escritas pelas próprias mulheres no século XIX, pelo fato de muitas mulheres não terem acesso à educação e às escolas. Sendo assim, as histórias femininas, diversas e diferentes histórias, sequer foram escritas, mas sim negadas, ocultadas, *silenciadas*, o que resulta para os pesquisadores (as) na dificuldade de encontrar fontes e registros que documentem as histórias das mulheres. Nesse sentido, os anúncios das aulas e colégios femininos particulares revelaram-se como um registro importante, uma vez que documentam uma parte da história das mulheres que tiveram acesso à educação, ou seja, a educação e instrução de meninas e moças da elite pelotense, bem como documentam a atuação e a existência de mulheres na profissão do magistério. Neste estudo, portanto, dialogo com os estudos da História da Educação e História das Mulheres, com o objetivo de fundamentar a produção que embasa esta investigação.

Nessa perspectiva, analisei jornais pelotenses e, principalmente, os anúncios como parte da necessidade de se trabalhar com fontes “não oficiais” ou “não tradicionais” (LOPES, 2001). Os anúncios são, portanto, neste trabalho, novas fontes para explicar questões fundamentais sobre como se deu uma parte da educação e instrução feminina pelotense. Os anúncios são, sem dúvida, registros importantes de alguns aspectos da história da educação feminina e da educação brasileira e, provavelmente, não estariam disponíveis em larga escala se dependessem dos documentos oficiais. Sendo assim, através do trabalho com uma fonte pouco explorada, mas que se revelou de grande importância, os anúncios dos jornais permitiram o conhecimento de uma parte da educação feminina em Pelotas.

Após a definição das fontes, procurei estabelecer relações do referencial teórico-metodológico com os anúncios e algumas notícias e avisos que foram incorporados na

investigação, para complementar nesse período, o contexto histórico e os próprios anúncios. Utilizei, portanto, além dos anúncios, fontes principais da pesquisa, algumas notícias que tratavam da educação feminina e que traziam como temas centrais a emancipação da mulher, a profissão e a educação das mulheres, para mostrar exatamente as divergências e as controvérsias dos discursos no que diz respeito a esses temas; também utilizei algumas notícias referentes aos ‘exames finais’ dos *collegios femininos* e alguns avisos referentes às aulas e colégios particulares.

Do contato com essas fontes surgiam várias questões como: Que educação era esta oferecida às mulheres e referida nos anúncios? Quais as características dessa educação? Quem eram essas mulheres professoras? Quem eram as alunas? Quais os espaços da cidade utilizados por essas escolas? Qual o currículo desses colégios? Quais os modelos de avaliação?, entre outras.

Essas questões contribuíram no sentido de elucidar quais os motivos e interesses que levaram mulheres, algumas delas estrangeiras, a criar e manter vários espaços privados de educação feminina, demonstrando, desde já, que Pelotas detinha uma forte demanda por essa educação, ou seja, por aulas e colégios, principalmente por ter um grande desenvolvimento social, econômico e cultural.

Sendo assim, essas questões contribuíram na definição do objetivo principal desta pesquisa, que é tentar compreender, através de anúncios, a educação e instrução feminina privada. Mostrar que havia nesta cidade, no século XIX, uma significativa e diversificada rede de ensino feminino (colégios, aulas particulares, externatos, internatos, etc.) e, em consequência, um amplo mercado de trabalho para as mulheres, especialmente às mulheres professoras.

Busquei, nesse sentido, explicar uma parte desse fenômeno, a educação e instrução feminina privada na cidade, analisando especialmente os anúncios, que traziam informações sobre as idéias, as práticas e os modelos de educação oferecidos pelas professoras das aulas e colégios. O século XIX foi um período de importantes conquistas das mulheres no que se refere à educação e à abertura do magistério como uma profissão e espaço de trabalho. Nesse sentido, a pesquisa se justifica por mostrar uma época de pleno desenvolvimento, consolidação e permanência das aulas particulares e dos colégios femininos particulares como formadores da elite feminina pelotense e principalmente como espaços de trabalho para as mulheres.

O processo de análise, portanto, indicou vários aspectos que deveriam ser aprofundados e estão organizados, na dissertação, nos seguintes capítulos:

No primeiro, apresento o apoio teórico-metodológico que embasa a pesquisa, sendo apresentados, além do ‘diálogo’ com alguns autores da História da Educação e da História das Mulheres, os procedimentos de coleta, organização e análise dos dados da investigação: avisos, notícias e, principalmente, anúncios de professoras e *collegios* privados femininos publicados em jornais pelotenses, que foram as principais fontes da pesquisa.

No segundo capítulo, apresento as notícias dos jornais que discutiam a *emancipação feminina*, a profissionalização e educação das mulheres, a fim de contextualizar o momento histórico e referenciar os discursos sobre as mulheres, os quais veiculavam em nível mundial, nacional e local. O capítulo serve de base para compreensão da situação feminina e ajuda a compreender o ensino feminino em Pelotas.

No terceiro capítulo, analiso especificamente os anúncios das aulas particulares, mostrando os agentes, as características, as matérias, os locais e valores desse modelo de ensino.

No quarto, analiso os anúncios dos *collegios femininos*, apontando o currículo, as *directoras*, as professoras e professores, os locais, valores e avaliações dessa educação e instrução feminina.

No quinto capítulo, apresento, a partir de uma história de ‘destaque’ da professora Mme. Jeanneret, alguns caminhos percorridos por essa mulher e alguns aspectos da construção da sua trajetória como professora. Sem dúvida, remexer na sua história, conhecê-la no seu tempo poderá contribuir para a escrita da história das mulheres.

E, por fim, apresento, nas considerações finais, através das análises feitas no decorrer da pesquisa, as conclusões, que indicam que havia, em Pelotas, uma diversificada rede de escolarização feminina, através das aulas particulares e dos *collegios femininos*, e principalmente, destaco, nessa época, o magistério como um espaço importante de trabalho para as mulheres.

1. História das Mulheres e História da Educação

Em uma sociedade globalmente dominada pelo poder masculino, as mulheres exerceram, entretanto, todo o poder possível. As mulheres do século 19 – e provavelmente em todos os tempos – não foram somente vítimas ou sujeitos passivos. Utilizando os espaços e as tarefas que lhes eram deixados ou confiados, elas elaboraram, às vezes, contrapoderes que podiam subverter os papéis aparentes (Perrot, 2005, p.273).

Para realizar a pesquisa, foi necessário buscar referências metodológicas que nortegassem essa investigação a fim de ressaltar e dar visibilidade àquilo que os jornais demonstram ter sido uma parte da educação feminina em Pelotas. Dessa forma, as análises têm como referência os estudos sobre a história das mulheres e a história da educação, no intuito de demonstrar e indicar, através dos anúncios, alguns fatos e intenções daquilo que foi a educação feminina.

A opção pelo estudo das mulheres é exatamente pela intenção de mostrar que as mulheres têm muitas histórias. Conforme Wolff e Possas (2005, p.1), “durante muito tempo as mulheres não foram consideradas sujeitos da história e, portanto, estiveram excluídas das narrativas dos historiadores”. Sendo assim, este trabalho é uma pesquisa histórica educacional que traz eminentemente as mulheres como sujeitos. Lopes argumenta que na história da educação “era sempre de meninos que se falava” (Lopes, 2001, p. 69). Scott faz a seguinte questão de forma instigante: “Por que (e desde quando) as mulheres são invisíveis como sujeitos históricos, ainda que saibamos que elas participaram de grandes e pequenos eventos da história humana?”

Segundo Perrot (2005), essa invisibilidade é constituída das próprias diferenças que marcam o século XIX, deixando as mulheres no privado e no doméstico. Conforme a autora, nessa época, “o pensamento filosófico da diferença dos sexos é relativamente pobre” e salienta nesse discurso que há:

duas espécies ‘dotadas de qualidades diferentes e de aptidões particulares. Os homens estão do lado da razão e da inteligência que fundam a cultura; a eles cabe a decisão, a ação e, conseqüentemente, a esfera pública. As mulheres se enraízam na Natureza; elas têm coração, a sensibilidade, a fraqueza também. A sombra da casa lhes pertence (2005, p.268-269).

Segundo Louro, para os historiadores/as, o interesse deve estar “nas transformações, continuidades e descontinuidades; enfim a idéia de dinâmica social” (1995, p.106). Conforme a autora, essas características refutam a idéia de que fazer história da educação se “resuma em fazer panoramas históricos”, mas mostram que é necessário “articular questões, teoria histórica, fontes e procedimentos metodológicos”, o que define a história da educação como uma especialização. Apesar dessas afirmações, enfatiza que muitos trabalhos em educação ignoraram a “entrada de gênero” e afirma que:

a História da Educação que se produz no Brasil é usualmente escrita no masculino, ou seja, ‘refere-se aos *alunos*, aos *operários*, aos *professores*, aos *adultos*, etc., ou utiliza termos genéricos, como a *classe trabalhadora*, a *elite brasileira*, a *burguesia*, o *professorado*, o *movimento sindical*’...(LOURO, 1995, p.107).

São todos termos que, segundo a autora, “desprezam as complexas diferenciações dentro desses grupos” e “mostram uma desatenção à questão de sujeitos sem corpo, sem cor, sem gênero” (Idem, p.107). Louro denuncia a pouca quantidade de trabalhos sobre mulheres e meninas e menos ainda sobre meninos e homens. A questão de gênero é, portanto, negligenciada nos estudos educacionais.

Na História da Educação do Rio Grande do Sul, a ausência de trabalhos sobre a educação das mulheres se mantém, conforme estado de arte realizado por Bastos, em 2002. Ao referir-se sobre a História das Mulheres, ela revela que, para o século XIX, “encontramos poucos estudos centrados na educação da mulher” (2002b, p.26). A autora afirma a “necessidade de estudos que *tanto dêem continuidade à análise do processo educativo das mulheres como dirijam a atenção para a educação masculina*”. Aponta dois trabalhos, o de

Clarisse Ismério (1995) – “*Mulher. A moral e o imaginário 1889-1930*, em que a autora analisa a influência da doutrina positivista na educação feminina”; e o de Eliane Peres (2002), no artigo “*História da Educação: as relações de gênero em Pelotas no final do século XIX e início do século XX*”, que aborda as relações entre homens e mulheres no espaço urbano. Nesse sentido, a autora salienta a ausência de trabalhos que abordam a “história das mulheres” na historiografia gaúcha.

Conforme a mesma autora (Bastos, 2004, p. 32), apesar de a Região Sul demonstrar uma “ampliação do campo de pesquisa” em história da educação, com a “inclusão de temas”, entre eles a “educação das mulheres”, são insuficientes os trabalhos que abordam explicitamente essa questão. Segundo Wolff e Possas (2005, p. 2):

o campo da história das mulheres e das relações de gênero mantém-se como ‘um campo’ na história. Profundamente ligado à história social e à história cultural, de cujas perspectivas tem se apropriado e ao mesmo tempo para cujas discussões teórico-metodológicas tem grandemente contribuído, conforme admitem historiadores e cientistas sociais dos mais acreditados, esse campo tem porém, razões de ainda se firmar como um campo específico.

Assim, cabe ultrapassar os limites do campo da história e, mais precisamente, da história da educação e estabelecer um diálogo com os estudos que analisam a história das mulheres, no sentido de não apenas “provar que as mulheres tiveram uma história” (SCOTT, 1995, p.74), mas no caso específico deste estudo, mostrar uma história que analisa a construção e a participação das mulheres pelotenses na esfera educacional, no exercício do poder de organizar espaços educativos, e de todo um conjunto de decisões, estratégias e lutas para garantir um espaço de trabalho e afirmação social.

Sendo assim, é possível destacar esse universo feminino através dos jornais, principalmente pelo fato de o século XIX, conforme Salomon (2005, p. 5), poder ser considerado um período bastante marcante na diferenciação entre os sexos, “com todas aquelas discussões sobre a natureza das mulheres, seja do ponto de vista biológico, seja do ponto de vista cultural”. Este foi um século que dividiu e separou homens e mulheres, inclusive na educação. Por isso foi preciso estar atenta a todas as manifestações da imprensa sobre a vida, o cotidiano, a educação e o trabalho feminino como tema de debates, na tentativa de mostrar a participação de algumas mulheres no trabalho, nos espaços públicos de convivência e fundamentalmente na educação.

Nessa perspectiva, pretendo enfatizar, através dos anúncios das aulas particulares e dos colégios femininos, a história das mulheres. Se a ausência de trabalhos sobre a educação feminina marca a história da educação brasileira, possivelmente o intuito de tornar visíveis os espaços de escolarização feminina, a iniciativa privada como um dos modelos de educação adotados na época e a atuação das professoras como profissionais destacadas possam contribuir e somar como um estudo a mais para a efetivação deste campo de pesquisa, ou seja, história da educação feminina.

1.1 A imprensa – os jornais e os anúncios do século XIX em Pelotas como fonte de pesquisa

Como afirmei, esta é uma pesquisa que se constitui na análise documental, utilizando como fonte os jornais disponíveis no Museu da Biblioteca Pública Pelotense (BPP). Os jornais pesquisados são: *Correio Mercantil*, *Jornal do Commercio*, *A Discussão*, *Onze de Junho*, *A Pátria*, *Diário de Pelotas*, *Rio Grandense* e *A Nação*. Nos jornais pelotenses de circulação diária, através de notícias, avisos e anúncios, eram divulgados os *collegios femininos*, bem como professoras se ofereciam ou eram solicitadas para ministrar aulas particulares em residências ou outros espaços públicos e privados.

Sendo assim, ao utilizar os jornais como fonte principal, abordo, neste capítulo, aspectos da história dos jornais, no sentido de contextualizar um momento histórico em que este impresso tornou-se o testemunho da vida cotidiana, política, social, cultural e educacional das sociedades. O jornal, conforme Chartier (2001, p. 128), surgiu “no processo no qual houve uma emancipação do periódico em relação ao livro,” principalmente porque o periódico vincula a *atualidade*. Segundo o autor, a diferença que irá marcar essa emancipação se dará pelo registro do acontecimento político da ‘vida cotidiana’. Conforme o autor, essa transformação, na França, aconteceu no século XIX:

O momento aconteceu na década de 1860, com a compra por número, que permitiu a difusão em todo país graças ao correio ou a estradas de ferro, e com a invenção do formato grande dos periódicos ou diários, que já se vinculavam à atualidade, não só política como também da vida cotidiana (Chartier, 2001, p.128).

Segundo o autor, se “lembrarmos o sentido etimológico da palavra diário, *journal*”, veremos que o mesmo revela vínculo direto com a atualidade. No sentido de lançar notícias rápidas, urgentes e a sucessão dos fatos é que, conforme o autor, “surge a transformação” e define-se o periódico (Idem, 2001, p. 128), e neste formato o “conteúdo é mais importante”. O jornal no século XIX é, portanto, um meio pelo qual há uma intensa renovação dos fatos, que traz a *atualidade* e dá visibilidade aos acontecimentos, preocupações, discussões, pessoas, profissões, serviços, produtos e espaços sociais, culturais, políticos e educativos de uma determinada época. Segundo Belo (2002, p.30), essa popularização dos jornais na segunda metade do século XIX chegou a fazer com que autores brasileiros e portugueses afirmassem “que o jornal matou o livro”. E ao citar os jornais como parte da história da imprensa, continua:

só na segunda metade do século XIX se verificou o aparecimento da grande tiragem nos jornais e outras publicações de baixo custo, trazendo consigo importantes novidades no número de leitores atingidos e nos tipos de gêneros publicados (Belo, 2002. p.30).

Os periódicos impressos “que nasceram na Europa no século XVII, introduziram progressivamente novas maneiras de organizar na tipografia e permitiram a exploração de novas formas comerciais”, entre elas os jornais. Um momento em que, conforme o autor, “o modo de produção e o formato dos periódicos se destacou do livro” (2002, p.86). Segundo ele, o período, final do século XIX e XX, coincidiu com a “perda da hegemonia do livro impresso” para a produção de “objetos tipográficos mais baratos, a começar pelo jornal” (2002, p.92-93).

No Brasil, durante o século XIX, muitos jornais surgiram, mesmo sendo alguns de curta duração, conforme ALVES (2001, p.1):

Durante o século XIX, a imprensa escrita constituiu-se na mais importante forma de comunicação e expressão de modos de agir e pensar. Inaugurada a experiência no início daquela centúria, no caso do Brasil, o jornalismo iria se propagar através do território nacional indo atingir desde as grandes aglomerações populacionais até as mais longínquas e pouco povoadas localidades. As maiores cidades brasileiras constituíram-se então, por meio dos jornais, em verdadeiros pólos irradiadores de notícias, opiniões, cultura e idéias.

No estudo sobre a Imprensa Periódica Educacional (1808-1944), Bastos (1997, p.174), ao fazer um histórico sobre a imprensa pedagógica brasileira, destaca a imprensa no Brasil a

partir de 1808, “quando D. João VI, cria a Imprensa Régia pelo Decreto de 13 de maio de 1808. Esse decreto recebe uma emenda, em 26 de julho, a qual destaca como uma das principais razões para sua criação a expansão da educação pública”. Conforme a autora, a imprensa que aportava no Brasil até o século XIX vinha de Portugal, França e Inglaterra. Porém, foi no dia 10 de setembro de 1808 que a imprensa periódica iniciou-se, com a “publicação do primeiro jornal do Rio de Janeiro – **A Gazeta do Rio de Janeiro**”, e “três meses antes da impressão oficial, um outro jornal brasileiro é publicado – **Correio Braziliense**” (BASTOS, 1997, p.175).

Bastos, ao comentar sobre o nascimento da imprensa no Brasil, destaca que: a “imprensa nasce sob a tutela do Estado”, sendo que até o ano de 1821 “a censura acompanhou nossa imprensa, como decorrência da imprensa portuguesa, que desde o século XV estava sob controle” (BASTOS, 1997, p.176). Foi a partir da “estada da família Real no Brasil” que houve “modificações na vida administrativa, social, cultural do país, refletindo também no papel da imprensa”, independência que marcará a proliferação de periódicos, em “decorrência do público-leitor, do acréscimo gradativo do público feminino, e de maior interesse por questões políticas, contribuindo para o incremento, diversificação e maior circulação da imprensa, por todas as províncias” (Idem, 1997, p.176).

Na cidade de Pelotas, circularam no século passado, conforme pesquisa de Garcia e Loner (2000, p. 1-15), vários jornais. Entre eles estão: Jornal do Comércio (1875-1882), O País (1876-1877), Correio Mercantil (1875-1915) – (1929-1932), Diário de Pelotas (1876-1889), A Discussão (1881-1887), O Comercial (1886-1887), A Nação (1882-1886), Rio Grandense (1885-1888), A Pátria (1887-1891), Opinião Pública (1896-1907), Nacional (1889-1892), Gazeta da Manhã/Gazeta da Tarde (1890-1892), Tribuna Federal (1892-1893), Diário Popular, que iniciou em 1890 e existe até os dias de hoje.

Todos esses periódicos que circularam nessa época nos dão a idéia do grande centro econômico e cultural que foi a cidade de Pelotas. Peres (2002, p.32) afirma que a “imprensa local destacava, diariamente, notícias sobre a vida social e cultural de Pelotas”. E que a cidade, também chamada de “Princesa do Sul ou Atenas Rio-grandense, viveu seu apogeu econômico e cultural dos últimos decênios do século XIX até os primórdios do século XX”. Neste sentido, a autora revela a “necessidade de mencionar a intensidade da atividade tipográfica, especialmente na segunda metade do século passado.” (PERES, 2002, p.42). O

jornal, naquele momento, era uma das principais “portas de entrada” da circulação de idéias, principalmente das sociedades européias e norte-americanas que influenciavam noções e ideais políticos, culturais e educacionais.

Ainda relativamente aos jornais, Anjos (2000, p.54) destaca que “não seria demais lembrar que Pelotas foi, durante a segunda metade do século passado, uma sociedade muito bem servida de jornais e periódicos literários”. Segundo ele, “o primeiro jornal de Pelotas circulou de 7 de novembro de 1851 a 21 de março de 1855, e chamava-se “O Pelotense”, era de propriedade de Candido Augusto de Mello (ANJOS, 2000, p.198).

Anjos, ao falar sobre a imprensa pelotense, destaca que “em poucos anos, a cidade passou a contar com inúmeros jornais diários e periódicos semanais, muitos dos quais de alto padrão, e que não ficavam a dever aos da capital gaúcha” (ANJOS, 2000, p.155).

Magalhães ao comentar sobre os jornais em Pelotas destaca, sobre esta mesma época, que:

Pelotas em alguns períodos contou com a publicação de vários e expressivos jornais concomitantemente. Em 1881, por exemplo, circulavam na cidade o Jornal do Comércio, o Onze de Junho, o Diário de Pelotas, o Correio Mercantil e A Discussão (MAGALHÃES, 1993 p.249).

Ainda tratando da circulação dos jornais, Peres (2002), com base em registro feito por Henrique Carlos de Moraes (1982), presidente e colaborador do Museu da Biblioteca Pública Pelotense, comenta e reafirma o mesmo, ou seja, que era expressiva a quantidade de periódicos que circularam em Pelotas na segunda metade do século XIX e primórdios do século XX.

foram criados e circularam em Pelotas, entre 1852 e 1896, pelo menos **86 jornais**. Alguns de vida efêmera, outros estendendo-se por longos anos, e o Diário Popular de 1891 circulando até hoje. O ano de 1881 foi marcado pela circulação simultânea de cinco jornais: o *Correio Mercantil*, o *Jornal do Comércio*, o *Onze de Julho*, o *Diário Popular* e *A Discussão*, atestando a efervescência da atividade intelectual na cidade nas últimas décadas do século (2002, p.42).

A imprensa pelotense, segundo Peres, era o meio privilegiado para “a divulgação de idéias que estavam em ebulição no centro do país e no mundo. Pelotas era palco das discussões das idéias republicanas, abolicionistas, positivistas, evolucionistas” (PERES, 2002, p. 42). Eram muitas as informações acerca da vida social, cultural e política local na imprensa,

exatamente por trazer a diversidade e a multiplicidade de acontecimentos mundiais, nacionais, regionais e locais.

Assim, é possível observar que o campo educacional não ficou fora desse meio privilegiado de divulgação de idéias que foi a imprensa diária. Os jornais pelotenses divulgaram informações, notícias e dados sobre a educação na cidade de Pelotas. A imprensa, nesse sentido, fornece informações relevantes no que se refere à educação, em especial das mulheres, como os colégios públicos, particulares, aulas particulares, externatos, orfanatos, etc. A natureza dessas informações permitiu visualizar, a partir das notícias e, principalmente, dos anúncios, a diversidade e quantidade de experiências, idéias e acontecimentos em relação à educação feminina pelotense.

Nesse sentido, alguns autores mostram a importância dos jornais como instrumento para a investigação histórica. No Brasil o jornal vem sendo utilizado por alguns investigadores como fonte de pesquisa no campo da história educacional. Cavalcante (2004, p. 226), ao descrever alguns passos importantes da pesquisa histórica, destaca que o jornal “condensa relatos sobre acontecimentos de várias naturezas e oriundas de várias localidades, sob a forma de notícia, que refletem todo ordenamento material e simbólico da cidade em que é escrito” (CAVALCANTE, 2004, p.226).

Conforme afirmam Cerqueira e Cézar (1994), a pesquisa nos jornais, apesar de “trazer algumas dificuldades para a pesquisa documental”, pois o jornal já é produto de suas próprias seleções, revela uma riqueza de informações fundamentais para a investigação da história local. Segundo estes autores (1994, p.35), “os periódicos consistem uma importante fonte para o conhecimento da história local. Deve-se, porém, ter “cuidado ao escolhê-lo como via de acesso”, isso porque, conforme eles, “esquecemos da sua parcialidade”, usamos parte dos jornais – dados econômicos, estatísticos, populacionais, etc – como “dados isolados” e não como um todo. Sobre isso dizem os autores:

o jornal, de um modo ou de outro, reflete (espelha de uma forma imperfeita) a estruturação do cotidiano; apesar de fazê-lo de forma incompleta (porque as dimensões do cotidiano são muito mais amplas do que aquilo que o jornal abarca) e imperfeita (porque distorce, filtra), a própria disposição dos assuntos na formatação do diário, os próprios conteúdos tratados, revelam os significativos aspectos do cotidiano (1994, p.35).

Nesse sentido, não se pode negar que a imprensa tem um viés “ideológico”. Conforme Cavalcante (2004, p.227), é preciso ter cuidado metodológico com a tomada de consciência

acerca da presença inevitável das ideologias no interior de qualquer jornal. Cabe lembrar que, nos Oitocentos, os jornais representavam o espaço de discussão política, e a imprensa, conforme Cerqueira & Cézar, “não costuma camuflar seus compromissos com o discurso da neutralidade: encontramos, caracteristicamente, uma imprensa abolicionista, uma imprensa republicana, uma imprensa liberal, uma imprensa monarquista, etc.” (1994, p.35). E que “enquanto filtro, o jornal é sempre uma representação do cotidiano, em menor ou maior grau ideologizada e imaginarizada” (Cerqueira e Cézar, p.35). Nesta mesma perspectiva, referindo-se ao jornal como fonte de pesquisa, Peres afirma que:

é preciso considerar que o documento – seja escrito ou oral – não é uma produção natural. Ao abrir um jornal ou outro material qualquer, é necessário perceber alguns elementos que auxiliam na compreensão do discurso ali veiculado. Primeiro, o contexto social em que ele foi produzido; depois observar quem escreveu, de onde (lugar social), e para quem escreveu (seus/suas interlocutores/as ou leitor/a pretendido/a); e igualmente que idéias, opiniões e discursos são proferidos e rechaçados (2002, p.29).

Além disso, é preciso considerar a necessidade de compreender a vinculação das idéias e dos argumentos ao se trabalhar com jornal. Principalmente pela característica dos jornais do século XIX que, conforme Buitoni:

o século XIX foi um século de imprensa artesanal, das folhas tipográficas, que raramente ultrapassavam 4 páginas, a maioria de curta duração. Era ainda a pequena imprensa combativa, feita mais de idéias e polêmicas do que de informação. Aliás, seguindo a tendência mundial, nossa imprensa começou muito mais opinativa do que informativa (1981, p.27).

Um dos processos que pode ajudar nessa análise, conforme Buitoni (1981, p.2), ao estudar o impresso, é dividi-lo em informativo, interpretativo, opinativo e diversional e o de prestação de serviços para ser utilizado como instrumento metodológico:

o Jornalismo Informativo concentra-se nas informações (notícias), geralmente curtas e sem apreciações – seria mais objetivo. O Jornalismo Interpretativo é uma expansão do fato original: contém entrevistas, antecedentes, consequências, opinião de especialistas, etc. O Opinativo demonstra uma posição seja do jornal (no editorial) ou do jornalista (colunas, críticas, comentários, crônicas, etc.). O Diversional engloba efemeridades, palavras cruzadas, quadrinhos, etc.; o de Serviço dá horário de espetáculos, fornece roteiros de turismo, lazer, informação que “servem” a vida do leitor.

Nesse sentido, ao estudar a história da educação feminina, procurei compreender o contexto social, histórico e cultural, as ideologias, valores, hábitos e idéias que propagavam os diferentes jornais pelotenses, como agentes de divulgação da vida da cidade, em especial da

educação, e como agente expressivo “na composição das imagens que uma cidade tem de si mesma” (Cerqueira & Cezar, 1994, p.35).

Além de considerar essa questão, foi preciso conviver com outra situação na pesquisa com os jornais: o exercício prático e manual com esses documentos, pela má conservação e falta de investimento na conservação deste material que, a cada dia, se perde em pedaços de papel. A precariedade do prédio, as inadequadas e insuficientes mesas e cadeiras, a troca de horários de funcionamento, funcionários com salários atrasados, e a falta de funcionários trouxeram dificuldades à pesquisa.

Os anúncios das aulas particulares e dos *collegios femininos*, os avisos e as notícias tiveram que ser copiados a mão em cadernos, o que exigiu um tempo da pesquisa. Posteriormente foi feita a digitação e digitalização do material. Logo, foi necessário fazer, primeiramente, a leitura dos jornais, uma leitura geral e “corrida” sobre todos os acontecimentos e anunciantes, para posteriormente fazer a seleção dos dados pertinentes ao tema enfocado, ou seja, informações relevantes sobre a educação feminina.

Apesar dessas dificuldades, foi um trabalho que proporcionou, além do conhecimento sobre o tema, a oportunidade de visitar um tempo e um espaço que ficou no passado. É uma experiência estimulante e enriquecedora, como mulher e pesquisadora, perceber como participamos de uma longa e complexa história, muitas vezes, esquecida ou secundarizada.

Sem dúvida, esse trabalho permitiu a ampliação do meu olhar como pesquisadora, pois essa leitura tornou possível um reconhecimento da sociedade pelotense, dos homens e mulheres desta sociedade envolvidos na educação, a circulação de idéias sobre a educação feminina, o reconhecimento de leis e regulamentos publicados nos jornais, das pessoas envolvidas nos ambientes escolares e, principalmente, do desenvolvimento da educação feminina.

Conforme afirmei anteriormente, a escolha pelo estudo dos anúncios dos *collegios femininos* privados e das aulas particulares articulados aos avisos e notícias surgiu por estar relacionada ao interesse e ao tema da pesquisa, ou seja, *história das mulheres*, e principalmente pela permanência e pertinência dessas publicações. O recorte temporal da pesquisa, de 1875 a 1890, justifica-se por duas características dos próprios documentos: o início, 1875, é demarcada pelo fato de o jornal Correio Mercantil ser o mais antigo dos Oitocentistas conservado pela Biblioteca Pública Pelotense. A época que demarca a data final,

por sua vez, conta a implantação do período republicano, pois considero que com a República e, principalmente, com a Guerra Civil no RS, de 1893 a 1895, a qual ocasionou o fechamento de muitas escolas, configura-se um novo momento no ensino brasileiro e gaúcho, em especial um discurso que enfatiza fortemente o ensino público.

Priorizei na pesquisa o jornal *Correio Mercantil*, que teve vinte anos de circulação ininterrupta. Isso se deve também ao fato de que o mesmo publicava vários anúncios dos *collegios femininos* privados, de aulas particulares e notícias que discutiam temas como a *emancipação feminina* e a *educação feminina*. O mesmo só não foi utilizado nos anos em que estava indisponível devido ao péssimo estado de conservação. Para estes anos ou semestres utilizei o *Jornal do Commercio*, *A Discussão*, *Onze de Junho*, *A Pátria*, *Diário de Pelotas*, *Rio Grandense* e *A Nação* por serem os que ainda permanecem conservados e disponibilizados. Utilizei ainda esporadicamente, por exemplo, os jornais *A Ventarola* e *o Cabrion*, que são jornais literários, mas que se somam aos dados obtidos, catalogados durante esta pesquisa de forma aleatória para compor um quadro de referência.

Convém explicar que cada jornal é encadernado por semestre, ou seja, cada volume disponível representa 6 meses de publicação. O 1º volume anual encadernado corresponde aos meses de janeiro a julho e o 2º volume aos de agosto a dezembro. Como eram jornais diários, com 4 páginas maiores que os jornais atuais, estes resultam em “pesados e intensos” volumes com aproximadamente 720 páginas por semestre. Na pesquisa foram consultados 32 volumes, 16 anos, uma média de 192 meses e 5760 dias¹.

Na tabela a seguir apresento os jornais e o semestre em que foram pesquisados.

QUADRO 1

Jornais pesquisados, anos e semestres:

JORNAL	ANO	SEMESTRE
Correio Mercantil	1875	1º
Correio Mercantil	1875	2º
Correio Mercantil	1876	1º
Correio Mercantil	1876	2º
Correio Mercantil	1877	1º

¹ Esta quantidade não é exata pela falta ou má conservação referente a alguns dias nos jornais.

Correio Mercantil	1877	2°
Correio Mercantil	1878	1°
Correio Mercantil	1878	2°
Correio Mercantil	1879	1°
Correio Mercantil	1879	2°
Jornal do Commercio	1880	1°
Jornal do Commercio	1880	2°
Jornal do Commercio	1881	1°
Jornal do Commercio	1881	2°
Jornal do Commercio	1882	1°
A Discussão	1882	2°
Onze de Julho	1883	1°
Correio Mercantil	1883	2°
A Nação	1884	1°
A Nação	1884	2°
A Discussão	1885	1°
A Discussão	1885	2°
Correio Mercantil	1886	1°
Rio Grandense	1886	2°
Diário de Pelotas	1887	1°
Correio Mercantil	1887	2°
A Pátria	1888	1°
A Pátria	1888	2°
Correio Mercantil	1889	1°
Correio Mercantil	1889	2°
Correio Mercantil	1890	1°
Correio Mercantil	1890	2°

Fui, então, acompanhando cronologicamente os anos da pesquisa preferencialmente através do jornal Correio Mercantil e, sempre que o semestre ou ano desse jornal não podia ser consultado, procurava completar essa lacuna com a investigação em outros jornais pelotenses. Apresento, a seguir, a utilização dos jornais na BPP de forma sintetizada por semestre:

QUADRO 2

Quantidade de jornais utilizados por semestre na pesquisa:

Quantidade	Jornal
17 Semestres	Correio Mercantil
05 Semestres	Jornal do Commercio
03 Semestres	A Discussão
01 Semestre	Diário de Pelotas
02 Semestres	A Pátria
02 Semestres	A Nação
01 Semestre	Onze de Julho
01 Semestre	Rio Grandense

É preciso destacar que todos jornais pesquisados mantinham certa semelhança na formatação, nas suas quatro páginas diárias, quando não apresentavam seções idênticas, apresentavam seções com características similares, sempre com a seguinte estrutura:

- Na primeira página estão as notícias e matérias “oficiais”, como, por exemplo, a seção ‘*Camara Municipal*’, e outras de cunho opinativo, como as seções ‘*Actualidade*’ e ‘*Variedades*’, que trazem artigos escritos por intelectuais das áreas médicas, educacionais e outras e/ou discussões políticas. Em alguns exemplares é possível encontrar, na capa, algumas poesias e a seção ‘*Folhetim*’, que traz obras literárias em capítulos escritos e adaptados para que pudessem ser recortados dos jornais e encadernados.
- Na segunda página e metade da terceira está o ‘*archivo geral*’ com notícias gerais, estrangeiras, nacionais e locais informativas e atualizadas². Muitas transcritas de outros jornais de diferentes localidades.
- Na terceira e quarta páginas observam-se algumas notícias como informes de obituários, saída e chegada de barcos a vapores, festas comemorativas, prestações de

² É importante salientar, ao citar as notícias dos jornais, o caráter histórico do conceito de atualidade. As notícias ‘atualizadas’ eram notícias de semanas anteriores aos dias de suas publicações. A não ser no caso das notícias locais, muitas das notícias nacionais e estrangeiras eram reproduzidas dos jornais das capitais das Províncias e de jornais estrangeiros.

serviços, etc., bem como a seção ‘Avizos’, uma seção que ‘avizava’ os leitores sobre alguns serviços prestados à comunidade, como: leilões, vendas, encerramento de atividades comerciais, etc., e, além disso, informava também sobre a chegada de novas professoras na cidade de Pelotas, onde estariam hospedadas, suas qualificações e ou abertura de novos *collegios*, entre eles os *collegios femininos* privados. Em alguns casos, os avisos “antecipavam” os anúncios que vinham ou “reforçavam” anúncios publicados.

- No restante da quarta e última página encontra-se a seção ‘Annuncios’, uma página que se caracterizava pela oferta de produtos e serviços à sociedade pelotense. Um espaço publicitário, com propagandas de produtos e serviços. Foi a seção privilegiada nesta investigação por publicar os anúncios dos *collegios femininos* privados e das aulas particulares.

Na pesquisa foram copiados 1006 anúncios – contados repetidamente em cada ano – das aulas particulares e dos *collegios femininos* particulares, 24 *avizos* referentes a essas aulas e colégios e 80 notícias relacionadas à educação, às profissões femininas e à emancipação das mulheres. Neste estudo as notícias e os avisos são complementares aos anúncios, pois, apesar de fornecerem informações relevantes, são esporádicos e não têm publicação constante como é o caso dos anúncios.

Os anúncios são, na pesquisa, a principal fonte utilizada e explorada para a obtenção dos dados sobre as aulas particulares e os *collegios femininos* particulares. Os anúncios são permanentes, demonstram o movimento das professoras, a longevidade ou a efemeridade de algumas escolas e aulas particulares. Conforme Brandão (2006, p.1), os anúncios são reconhecidos pelo seu caráter documental, uma vez que:

retratam, pelas informações que fazem circular, pelas ofertas e procuras de produtos e serviços, o universo dos objetos e das preocupações presentes num determinado grupo social de uma dada época. Por ser um discurso corrente no dia-a-dia do cidadão e estar presente desde que os primeiros jornais impressos começaram a circular, esse gênero do discurso torna-se objeto interessante para apreender aspectos da vida social de uma determinada comunidade discursiva.

Portanto, a escolha dos anúncios caracteriza-se como uma fonte de extrema relevância. Segundo o dicionário de Aurélio Ferreira (2004), o anúncio³ é a:

notícia ou aviso pelo qual se dá qualquer coisa ao conhecimento público. 2. Previsão, prognóstico, vaticínio. 3. Sinal, vestígio, indicio. 4. Prop. Mensagem que, por meio de palavras, imagens, música, recursos audiovisuais e/ou efeitos luminosos, pretende comunicar ao público as qualidades de um determinado produto ou serviço, assim como os benefícios que tal produto ou serviço oferece aos seus eventuais consumidores.

É na aproximação com essas fontes e reconhecendo, conforme Lopes (2001, p.69), “a história como sexuada”, que procurei analisar a diversidade e quantidade de escolas femininas e de aulas particulares. Segundo afirma Vieira, ao escrever sobre a *história da propaganda*, a publicidade brasileira começou nos meios impressos e reflete, conforme cada época, padrões de comportamentos da sociedade. O autor comenta que “a propaganda é o retrato da sociedade, ela é mais precisa do que qualquer outro registro” (2004, p. 24). Assim sendo, os anúncios apesar dos seus limites como fonte de pesquisa, revelam como, quem, o quê e porque educava-se as mulheres pelotenses.

A partir do registro desses anúncios, foi possível observar uma variedade de serviços e produtos de diferentes anunciantes, como, por exemplo, instituições, empresas, fábricas, comércios e pessoas. Entre os produtos oferecidos encontram-se: remédios, alimentos, imóveis, teatros, vestuário, cosméticos, leilões, livros, etc.; a venda e o aluguel de “escravos”, “moleques”, “creoulas”, “mulatas” (durante o regime escravocrata), “meninos”, “meninas” ou “creadas” (após a lei da Abolição dos negros) e, especialmente, os anúncios de escolas, entre eles os anúncios dos *collegios femininos*, masculinos privados e aulas particulares oferecidos por professores e professoras.

Os anúncios dos jornais pelotenses do século XIX eram, em sua maioria, modelos de “anúncio aberto”⁴, ou seja, aquele que o anunciante se identifica. Nos anúncios dos *collegios femininos* e das aulas particulares, majoritariamente, as professoras e diretoras se identificavam.

³ É importante salientar que o conceito de anúncio e de propaganda possui o mesmo sentido, ou seja, executar e veicular mensagens. Logo, neste trabalho, ambos serão utilizados para denominar as formas de propagar, difundir e tornar público as formas e idéias, na educação feminina privada, em Pelotas, neste período.

⁴ Ferreira, Aurélio (2004).

As aulas diferentemente dos colégios utilizavam apenas anúncios em formatos pequenos. Geralmente os colégios iniciavam com anúncios grandes e permaneciam divulgando em formatos pequenos. Além disso, era possível observar outras características: os anúncios se apresentavam no formato pequeno ou grande, não continham ilustrações ou imagens.

A seguir apresento, com a finalidade de mostrar melhor a principal fonte desta pesquisa, os formatos dos anúncios: são três de *collegios femininos*, sendo dois de formato pequeno e um de formato grande, e um de uma aula particular, a partir dos quais torna-se possível observar as diferenças entre os tipos das propagandas. No primeiro exemplo, apresento dois anúncios no formato pequeno⁵ de colégios diferentes, nos quais as diretoras apenas informam o dia do início das aulas; no segundo exemplo, apresento, com as mesmas medidas utilizadas pelos jornais, um anúncio do ‘Collegio Victoria’, de formato grande, que traz de forma mais elucidativa os aspectos contidos neste tipo de propaganda; e por último, o modelo e tamanho de anúncio utilizado pelas professoras particulares, o qual ficava na mesma medida do formato pequeno dos colégios particulares:

⁵ Nestes exemplos utilizo o mesmo tamanho dos jornais. O formato pequeno dos anúncios ficavam entre 8 cm de altura e 10cm de largura. E os formatos grandes entre 20 cm de altura e 15cm de largura. Nos próximos exemplos de anúncios não utilizarei o formato idêntico dos jornais porque em alguns casos eles dificultam a leitura dos mesmos, ou seja, é preciso alterar os formatos para facilitar a leitura e adequá-los no trabalho.

ANNUNCIOS

COLLEGIO
SANTA ROSA

As aulas d'este collegio se abrem
no dia 7 de Janeiro corrente.

A directora,
(1) *Rosa B. Pinto.*

Collegio
DE
Mme. JEANERET

Rua S. Miguel n. 153

A directora d'este estabelecimen-
to participa aos pais de suas alum-
nas e ao publico em geral, que no
dia 7 do corrente mez reabrir-se-
ha as aulas em seu collegio. 3—1

Ilustração1 – Correio Mercantil, 04 de janeiro de 1878

Collegio Victoria

98 RUA PAYSANDU' 98

DIRIGIDO POR

M^{me}. Izabel Mac-G nity, ex-alumna do collegio de S. J sé, em S. Leo-
 professora do collegio de M^{me}. Jeanneret.

A directora d'este collegio previne aos respeitaveis pais de familia que
 abre as aulas de seu estabelecimento de instrucção primaria e secundaria
 no dia 10 do corrente. As materias do ensino se compõe :

Ensino primario

Leitura, calligraphia, arithmetica, orthographia, grammatica e systema
 metrico.

Ensino secundario

Portuguez, francez, inglez, allemão, geographia geral, chorographia
 do Brazil, analyse, themas de redacção, arithmetica desenvolvida, etc.

Trabalhos de agulha

Crochet, tricot, netting, ponto de marca, flores de papel, lã e pennas,
 bordados em branco, filó, matiz, fróco, ouro e applicação.

Preços

Externas primarias	15\$000		Por trimestres
Ditas secundarias	24\$000		adiantados

Bellas-Artes

Piano, canto e desenho.
 Desde o começo das aulas abrir-se-ha uma classe para praticar a tal
 lar o francez, inglez e allemão.

O ensino das Bellas-Artes é pago separadamente.

N. 48

Ilustração 2 – Jornal do Commercio, 07 de janeiro de 1881



Ilustração 3 – Jornal do Commercio, 09 de abril de 1880

Os anúncios dos colégios e aulas mantinham-se por vários dias e, às vezes, por meses em cada ano. No caso dos colégios, eram publicados, geralmente, no período de início das atividades escolares, que era no mês de janeiro, e alguns já no final de dezembro. Diferentemente eram as épocas da publicação dos anúncios das professoras particulares que, marcadas por um processo informal de escolarização, à medida que iam chegando à cidade de Pelotas, ofereciam seus serviços em residências, com horários alternativos e em diferentes períodos do ano.

Outra característica peculiar dos anúncios é que esses deveriam ser pagos antecipadamente. Conforme o cabeçalho da capa dos jornais, assim como a assinatura, os anúncios deveriam ser pagos antecipadamente, porém não há publicação de valores. O que de certa forma demonstra que os jornais sobreviviam não apenas das *assignaturas*, mas também da atividade de publicação dos anúncios. É possível observar que, sempre que os jornais noticiam ou avisam sobre a chegada de alguma professora ou abertura de nova escola, segue, no mesmo dia ou após alguns dias, o anúncio indicando que não havia propaganda que não tivesse custo para as professoras. E finalmente, é possível observar que com formatos grandes ou pequenos, períodos curtos ou longos de publicações, os anúncios dos colégios e aulas foram a forma de divulgação e da apresentação da educação feminina.

Os anúncios, nesta pesquisa, estão sendo utilizados pela sua pertinência, formando um *corpus* ‘documental’⁶ capaz de mostrar quais eram os *collegios femininos*, as aulas particulares e as professoras/es da educação feminina. Entre os anúncios copiados, foram catalogadas 1006 anúncios das escolas privadas femininas e aulas particulares femininas (encontrados/copiados/selecionados e fotografados para esta análise). São 349 anúncios relacionados a 20 aulas particulares e 657 anúncios que se referem a 21 escolas particulares.

QUADRO 3

Quantidade de anúncios dos *collegios femininos* e das aulas particulares pesquisados no período de 1875 a 1890:

Anúncios dos <i>Collegios Femininos</i> Privados	657
Anúncios das Aulas Particulares oferecidas por professoras	349
Total	1006 anúncios

Entre os jornais pesquisados, *Correio Mercantil*, *A Pátria*, *A Discussão*, *Onze de Junho*, *Diário de Pelotas*, *Jornal do Commercio*, *A Nação* e *o Rio-Grandense*, foi possível encontrar 21 *collegios femininos* anunciados entre os anos de 1875-1890. São 657 anúncios que informam e divulgam as escolas femininas privadas bem como quem eram suas *directoras* e *professoras/es*, e 349 de aulas particulares, totalizando 1006 anúncios de iniciativas privadas de educação feminina. Sendo assim, a partir dos dados da pesquisa, destaco as modalidades de educação feminina privada e alguns aspectos que podem ser reunidos em duas categorias principais, abaixo relacionadas:

- *Collegios femininos* privados, ou seja, os colégios particulares: espaços criados sempre, no caso desta pesquisa, por uma mulher, geralmente a diretora da escola, com mais de uma professora ou professor ministrando as aulas e contratados pela diretora, com um prédio próprio ou na casa das *directoras*, com dias e horários estipulados, onde eram ensinadas diversas matérias e habilidades em níveis diferenciados de instrução, ou seja, o ensino primário e

⁶ *Corpus*, conforme o dicionário Aurélio (2004), é o conjunto de documentos, dados e informações sobre determinada matéria.

secundário, havendo avaliações finais. Os preços eram estipulados de acordo com as modalidades – de internatos, semi-internatos e externatos – e os pagamentos geralmente trimestralmente adiantados.

- Aulas particulares: espaço destinado à educação das meninas, ministrado por uma professora, tendo uma ou mais matérias, como de primeiras letras, piano, línguas, música, artes, etc., geralmente utilizando o método individual; localizadas em “espaços improvisados”, como a residência da professora, dos próprios alunos (as), ou de algum parente, etc. O custo era estabelecido pela professora ou pela família que necessitava do serviço. Geralmente sem hora e tempo de instrução definidos.

Sendo assim, esta pesquisa reúne, através dos anúncios dos jornais pelotenses, dois grandes grupos de dados: os anúncios dos *collegios femininos* privados e das ‘aulas particulares’. Associados aos anúncios estão às notícias e avisos coletados na pesquisa. A partir daí foi possível levantar outras questões referentes à educação das mulheres: quem eram as diretoras, professoras e professores, qual o currículo oferecido, quais os custos deste ensino, quais os horários e dias pré-estabelecidos, ou seja, o período letivo, quais os espaços de instrução e educação utilizados, os modelos de avaliações, entre outras.

Os anúncios, nesse sentido, pela sua quantidade e particularidade, são fontes que possibilitam a leitura da existência de modalidades de instrução e educação para mulheres no século XIX, permitindo o reconhecimento de diferentes características de ensino. Vasconcellos (2005, p.18), ao indicar a pesquisa em educação através de jornais, constata que os anúncios demonstram “*seja pela quantidade, seja pelo detalhamento do oferecimento e da demanda dessas funções, a incidência e as características da prática comum das elites de educar os filhos*”. Em Pelotas, essa ‘incidência’ das escolas femininas nos anúncios dos jornais seja pela quantidade, seja pelo tempo que algumas escolas permaneceram oferecendo seus ininterruptos serviços, como, por exemplo, o ‘*Collegios Acacia*’ que anunciou durante 14 anos e o ‘*Collegio de Meninas de Mme. Jeanneret*’ que anunciou durante 16 anos⁷,

⁷ O tempo de publicação dos anúncios do Collegio de Meninas de Mme. Jeanneret e do Collegio Acacia puderam ser pesquisados a partir do ano de 1875 porque é a partir desta data que os jornais foram selecionados e preservados, porém estes collegios já existiam anteriormente conforme dados dos próprios anúncios nos anos da pesquisa.

demonstram o desenvolvimento, a continuidade e o fortalecimento de modelos de educação feminina privada.

Nessa direção, acredito que os anúncios das escolas e aulas particulares femininas tornaram-se uma referência para compreensão do desenvolvimento do ensino feminino no século XIX na cidade de Pelotas. É preciso ressaltar que a pesquisa dos anúncios é fértil para a história da educação porque permite perceber propostas de ensino, espaços e tempos escolares, professoras e professores que atuaram nestes colégios, requisitos e qualificações para uma “boa professora”, modelo de avaliações, ou seja, os anúncios indicavam, pelo seu número e permanência nos jornais pelotenses, como estava se desenvolvendo e se estruturando a educação de mulheres.

Também cabe salientar que, pela falta de outros documentos por vezes escassos e incompletos, a pesquisa com anúncios torna-se imprescindível. Conforme afirmam Tambara e Arriada (2005a, p.5), nos seus estudos sobre a instrução pública no Brasil, “são relativamente escassos os relatos, relatórios” no que se refere às estatísticas sobre a educação e sistematização de ensino do século XIX. Nesse sentido, os anúncios dos *collegios femininos* e aulas particulares contribuem para preencher lacunas, principalmente relacionadas aos registros sobre educação feminina do final do período imperial no Brasil.

Assim, além da incontestável importância e centralidade dos anúncios nesta pesquisa, cabe ressaltar, como já citei anteriormente, as notícias e os avisos como outras seções que os jornais e as anunciantes utilizavam para informar sobre as aulas e os colégios, e que foram aqui considerados para fins de análise. São informações que reforçam, complementam e possibilitam perceber outras características como, por exemplo, a origem e as habilidades de algumas professoras. Sendo assim, foi necessário classificá-las e agrupá-las principalmente pelas características diferentes dos anúncios, ou seja, tinham um caráter mais informativo. Apresento a seguir, a classificação e características desses avisos e notícias:

- ❖ A seção ‘avizos’: apresentava informações sobre a prestação de serviços em geral e ocupava um espaço anterior à seção *Annuncios*. Nesta investigação foram encontrados 24 avisos que tinham relação com a educação feminina privada. Comunicavam, por exemplo, a chegada das professoras estrangeiras em Pelotas, apresentando suas qualificações morais e intelectuais, informavam sobre a criação de novos *collegios*

femininos ou sobre o oferecimento das *aulas particulares* e ‘avizavam’ o leitor/a sobre os anúncios que estariam sendo publicados.

- ❖ As notícias que traziam informações dos *collegios femininos*, das aulas particulares e das suas professoras: essas notícias informavam sobre o início e encerramento dos períodos letivos, sobre a apresentação das alunas dos *collegios femininos* em atividades culturais na cidade de Pelotas, sobre os exames finais, aprovações, ou seja, são notícias que permitem aproximar, relacionar e complementar dados sobre os colégios femininos, as aulas particulares e suas professoras. Trazem informações relevantes principalmente sobre os exames finais dos *collegios femininos*. Entre essas notícias encontradas, além das que informavam sobre os colégios e as aulas particulares, foi possível reunir outros grupos de notícias referentes a educação feminina:

- as notícias sobre a ‘*educação feminina*’: muitas de caráter opinativo e de cunho ideológico, produzidas nas seções ‘*Actualidade*’ ou ‘*Variedade*’ nas primeiras páginas do jornal, eram notícias que destacavam idéias e discussões sobre a educação feminina;
- as notícias sobre as ‘*mulheres profissionais*’: eram notícias que evidenciavam, no mundo, como as mulheres estavam se inserindo no mercado de trabalho em diferentes profissões, como médicas, advogadas, artesãs, etc;
- as notícias referentes à ‘*emancipação da mulher*’: eram notícias que divergiam sobre idéias relativas ao futuro das mulheres, opiniões que iam desde suas vestimentas, modelos de corte de cabelos até o direito ao voto e a novos espaços de trabalho.

Observa-se nos jornais, através das notícias e avisos sobre a educação feminina privada, uma estratégia e tática para potencializar os anúncios. Especialmente como meio de explorar e dar condições favoráveis à leitura dos anúncios, ou seja, reforçavam o chamamento dos leitores e leitoras. Essas notícias e avisos eram anteriores ou posteriores aos anúncios. Apresento um exemplo da notícia e do anúncio de uma mesma professora no ano de 1883. A mesma aula de francez é oferecida através de um anúncio no dia 09 e, posteriormente, aparece como forma de uma notícia publicada nos dias 10 e 11 de novembro de 1883, no jornal Correio Mercantil:

Anúncio:**CURSO DE FRANCEZ**

Uma senhora franceza habilitada e com diplomas da Faculdade de Paris tem a honra de informar as Exmas. familias d'esta cidade que no dia 13 do corrente abrirá um Curso de lingua franceza pratica. Tambem póde leccionar em casa das Exmas. discipulas. Para informações dirigir-se todos os dias das 9 ás 11 horas da manhã a rua General Osório n.196. (Jornal Correio Mercantil, 09/11/1883).

Notícia:

LIÇÕES DE FRANCEZ. – Uma senhora franceza e mutíssimo habilitada, offerece-se como professora de francez. Pessoas respeitaveis dão-nos as mais lisonjeiras informações sobre os merecimentos da distincta professora e pedem-nos para recommenda-la as Exmas família. Pode ser procurada á rua General Osório n.196 (Jornal Correio Mercantil, 10/11/1883).

Esse exemplo demonstra como a notícia reforçava o anúncio da abertura de um curso de língua franceza. Eram espaços dos jornais que serviam como um '*chamariz*' para as aulas e colégios oferecidos pelas professoras. Outro exemplo, do dia 10 de janeiro de 1887, é o aviso sobre o início dos trabalhos escolares e, no mesmo dia, a publicação do anúncio da escola:

Aviso:**COLLEGIO PEDRO II**

N'este collegio, à praça Pedro II, de que é directora a Exma. Anna Barcellos de Moura, deu-se hoje principio aos trabalhos escolares. A distincta directora, que já é vantajosamente conhecida no magisterio, continuará, assim o esperamos a merecer a protecção dos Srs. Chefes de familia. (Diário de Pelotas, 10/01/1887).

Anúncio:

Collegio Pedro II

O edificio em que funciona este estabelecimento de instrucção, á rua do Theatro Sete de Abril, na praça Pedro II n.º 2, contendo espaciaes accomodações para receber o maior numero de alumnas internas.

O edificio é dividido em dois cursos, primario e accunlerio.

O curso primario constará de Lectura, Calligraphia, Arithmetica, e as quatro operações, Grammatica, Analyse grammatical, Noções de geographia e Historia do Brazil.

O curso accunlerio abrangera o Portuguez, Francez, Geographia, Arithmetica e Historia.

Bellas-Artes

Toda a classe de bordados, rendas de malha, pontos de fil e crochet, trabalho decorado, do coucho, de salla, do cortico, de musgo, e desenho oriental.

As alumnas do curso pagam trimestrealmento adiantado.

Alumnas internas secundarias	14\$000
Alumnas internas primarias	10\$000
Alumnas semi internas secundarias	6\$000
Alumnas semi internas primarias	5\$000
Alumnas externas secundarias	2\$000
Alumnas externas primarias	1\$000

O ensino da musica será pago em separado.

A directora, em vista dos meios que tem empregado para conter n'este estabelecimento uma direcção moralisadora e intelligente, espera merecer dos Srs. chefes de familia confiança do que sabera fazer-se merecedora. — A directora, *Ana Barcellos de Moura*.

Ilustração 4 — Diário de Pelotas, 10 de janeiro de 1887

Assim como as notícias, os avisos coexistiam e complementavam os anúncios. Possibilitavam relacionar e associar à pesquisa outras características, principalmente no que diz respeito à habilitação e ao diploma das professoras, aspectos que os anúncios nem sempre publicavam. Sendo assim, neste estudo, destaco as notícias e os avisos dos jornais pelotenses como indicadores e possibilidades de cruzamentos de outros aspectos referentes à educação e instrução feminina.

Resumindo, no conjunto dos dados utilizados estão 1006 anúncios de colégios e aulas, 24 avisos que se referiam à educação feminina privada e 80 notícias referentes à *emancipação*

feminina, profissionalização e educação das mulheres, exames finais, professoras, alunas, etc. Esse conjunto de anúncios, notícias e avisos publicados pelos jornais, catalogados e agrupados em diferentes categorias nesta pesquisa, permitem refletir sobre o funcionamento das aulas e *collegios femininos* particulares e sobre a circulação de idéias/concepções com referência às mulheres, a sua educação e sua profissionalização. Recorrendo a esse conjunto de informações, torna-se possível contextualizar a situação das práticas de educação feminina e suas experiências de trabalho em Pelotas, nessa época.

2. AS MULHERES EM PELOTAS (1875-1890): O CONTROVERSO DISCURSO DA *EMANCIPAÇÃO FEMININA*

O século actual, parece o século da emancipação feminina. A mulher começa a trabalhar por seus direitos e liberdades, a invadir, não todas, mas uma boa parte das funções sociais até agora affectadas ao homem e ao proclamar-se – livre e independente – para o exercício das melhores prerrogativas do género humano. O homem está condemnado a afeminar-se e a mulheres a masculinizar-se (Correio Mercantil, 14/05/1879).

A notícia do jornal Correio Mercantil do século XIX chama a atenção principalmente sob um aspecto: que esse século *parece* ser o da *emancipação feminina*. Com essa notícia inicio este capítulo, que tem como objetivo descrever e analisar, através das notícias dos jornais pelotenses, os discursos sobre a *emancipação feminina*, a profissionalização e a educação das mulheres.

Considerando que uma das questões deste estudo também é compreender a presença das mulheres como professoras e diretoras na educação feminina, é importante conhecer as idéias, muitas vezes controversas, que circulavam nos jornais, sobre como deveriam ser as condutas, os valores, as regras, os conhecimentos e as experiências das mulheres.

Através das notícias selecionadas nos jornais foi possível observar que o termo *emancipação feminina* já era uma idéia corrente nos impressos da época. Eram notícias que demonstravam um provável início de mudanças da ordem social, com a possibilidade de que

as mulheres pudessem “invadir, não todas, mas *uma boa parte das funções* sociais até agora affectadas ao homem”. Nas entrelinhas, essas notícias traziam a discussão do papel das mulheres no mercado de trabalho e divulgavam uma nova configuração social que, segundo o jornal, “ao homem caberia o papel de *condenar-se* a afeminar-se e as mulheres a masculinizar-se”. E demonstravam a preocupação, principalmente dos homens, em relação à perda de espaços profissionais para as mulheres.

Vale ressaltar que a partir dessas notícias dos jornais foi possível apreender uma parte do mundo feminino de duas formas diferentes: a primeira, através das notícias que discutiam as questões relativas à *emancipação feminina* e ao trabalho feminino; a segunda, através das idéias que circulavam em relação, especificamente, à educação feminina. Sendo assim, neste capítulo pretendo analisar através da veiculação de notícias nos jornais pelotenses, uma série de normas, princípios e padrões aceitos ou mantidos na vida e na educação das mulheres, no período em questão. As notícias servem, portanto, como forma de compreensão mais ampla das idéias sobre a educação feminina, a partir das quais eram discutidos os objetivos desse ensino.

2.1 Os discursos acerca da *emancipação feminina* e das profissões exercidas e ‘permitidas’ às mulheres através de notícias de jornais pelotenses

A emancipação da mulher – Celebrou-se em Londres, nos salões de uma filha de Ricardo Cobden e sob a presidência de uma senhora da aristocracia londrinense, um *meeting* organizado para trabalhar pela emancipação política da mulher. Adiante abriu a sessão acordado que o illustre Cobden estava convencido de que as mulheres têm o sentimento político tão certo quanto os homens. (...) (Jornal do Commercio, 29/04/1880).

Pelotas no século XIX foi um dos principais centros urbanos da Província de São Pedro e foi, sem dúvida, um espaço privilegiado para o desenvolvimento cultural, intelectual e profissional das mulheres.

A cidade se destacava pelo ativo comércio, pelo luxo das casas e intensa vida cultural. Uma cidade que enriquecia com a indústria do charque, com o trabalho escravo e com o desenvolvimento de indústrias, comércio e instituições culturais, assistenciais e educativas. Segundo Peres, os cidadãos pelotenses, com a indústria saladeril, “edificaram grandes e sólidas fortunas, tornando-se a cidade um dos centros industriais e comerciais mais importantes e mais ricos da Província” (2002, p.32). Era uma cidade que concentrava capital econômico. Conforme Anjos, Pelotas se destacava pela “industrialização, a urbanização, a evolução dos meios de comunicação e transportes; as transformações ocorridas na área da educação, saúde e cultura e o surgimento de novos espaços públicos de sociabilidades e outros” (2000, p. 23). E este desenvolvimento econômico também impulsionava outros setores:

impulsionadora de outras atividades econômicas, sejam elas complementares como curtumes, fábricas de velas, de cola, sabão, de guano, de línguas salgadas e outras; ou paralelas como olarias, empresas de navegação, comércio de madeiras, empreendimentos bancários e creditícios, companhia de seguros, etc. (ANJOS, 2000, p.38)

Foi uma cidade que investiu na modernização urbana, ou seja, em infra-estrutura, água, esgoto, iluminação e transportes. A iluminação permitiu o “desfrute noturno das ruas” como uma “novidade que se desenvolve no século XIX”. Os pelotenses freqüentavam “quiosques, cafés, restaurantes e confeitarias” e “aproveitavam a claridade proporcionada pelo gás hidrogênio líquido” que propiciava um “tempo de viver em público” (ANJOS, 2000, p.47). Com importante porto, elo de ligação entre Pelotas e o mundo, numa época em que o transporte fluvial e marítimo era hegemônico, Pelotas pôde “se afirmar como capaz de atrair estrangeiros” e adquirir “saúde e doença, arte e armas, alimento e vestuário, cultura e moda, gente e coisa, que chegavam e partiam pelo porto de Pelotas” (ANJOS, 2000, p.47).

A cidade foi palco de uma intensa vida cultural. Inúmeros grupos de teatros, companhias de ópera, espetáculos, bailes, comemorações, cafés, bazares, quermesses, etc., agitavam a cidade. Noticiados diariamente pela imprensa, os acontecimentos revelam uma vida urbana e cultural intensa. Segundo o “*mappa cadastral*”, noticiado no jornal A Pátria, do dia 27 de setembro de 1888, a cidade de Pelotas tinha, nesse período, “40.000 *almas*” com uma expressiva população urbana em relação à população rural.

Com o desenvolvimento da vida econômica, social e cultural, a sociedade pelotense procurou modernizar-se, seguindo como modelo para a vida familiar, social, cultural e educativa os padrões europeus e norte-americanos. Conforme Peres (2002, p.33), esses padrões eram facilmente percebidos:

(...) isso era claramente perceptível na arquitetura dos prédios públicos e particulares, nos móveis e na decoração das casas, no vestuário, nas leituras, nas idéias que penetravam amplamente em alguns segmentos da sociedade pelotense.

Entre essas idéias que penetravam na sociedade pelotense, foi possível notar que muitas delas eram direcionadas ao público feminino. As notícias da imprensa pelotense referiam-se aos padrões, comportamentos e atividades das mulheres, utilizando-se de expressões como: *emancipação feminina*, *emancipação da mulher*, *emancipação do bello sexo*, *as mulheres*, etc., que discutiam e opinavam sobre os direitos, espaços, profissões, moda, vestuário, educação e a própria vida das mulheres do século XIX. Segundo Hahner (2003, p.26):

Nos séculos XIX e XX as ativistas brasileiras trabalhavam para melhorar sua posição na sociedade, buscando ampliar os ‘direitos da mulher’, ou, como costumavam dizer nos primeiros anos de luta, os ‘direitos do sexo feminino’. Elas advogavam a ‘emancipação da mulher’, um conceito que teria seu significado definido já no século XIX e seria evocado pelo século XX.

Assim como no Brasil, nos jornais de Pelotas circulavam notícias que representavam o interesse em garantir os direitos legais como o casamento civil, o divórcio, o direito ao voto, a abertura de novos espaços de trabalho e a necessidade de educação e instrução para o sexo feminino. Conforme Perrot (2005, p.316), pela imprensa operou-se “uma certa transmissão e, por meio dela, forma-se o desenho de grupos conscientes, fundamento de uma opinião.”

O exemplo a seguir, uma notícia do jornal Correio Mercantil, mostra como chegava ao conhecimento público, ou seja, aos leitores e leitoras, as questões dos direitos das mulheres:

As mulheres na America do Norte – Nos Estados-Unidos uma comissão de senhoras acaba de entregar ao presidente uma representação, clamando direitos políticos para o seu sexo. O presidente prometeu falar do assumpto em a primeira mensagem (Correio Mercantil, 13/03/1879).

Essas notícias que enfatizavam as reivindicações das mulheres por seus direitos políticos são constantemente encontradas nos periódicos, e tornaram-se significativas na

pesquisa à medida em que a temática *emancipação feminina* é recorrente e mostra, a partir dos seus enunciados, as reivindicações que denunciavam, de alguma forma, a transmissão do preconceito e das desigualdades com que eram tratadas as questões femininas, inclusive em relação à educação.

Entre as reivindicações femininas foi possível observar a relação entre a emancipação e o “visual” das mulheres. Através do vestuário e da aparência, as mulheres manifestavam seus desejos e introduziam outros padrões de comportamentos, como mostra o exemplo do Jornal do Commercio ao noticiar a moda dos cabelos:

Caprichos da moda. – As moças de Onoxo, em Texas, introduziram entre si a moda de cortarem os cabellos á escovinha e usarem chapéos de feltro. Decididamente... é mais uma passo para a *emancipação do bello sexo*. (Jornal do Commercio, 03/08/1880) (grifo meu).

Esses exemplos de manifestações das mulheres pelo mundo, noticiados pelos jornais pelotenses, com idéias que faziam parte do movimento da *emancipação feminina*, atingiam, além das reivindicações legais e políticas, a dimensão corporal e expressavam práticas de contestação, através do corpo e do próprio vestuário, que as mulheres utilizavam como forma de lutar pela igualdade.

Cabe ressaltar, porém, o impacto, por vezes contraditório, dos discursos a essas reivindicações pela *emancipação feminina* publicados nos jornais pelotenses. Um exemplo desse movimento de oposição foi possível observar através da notícia do dia 14 de dezembro de 1881, do Jornal do Commercio, escrito por uma pelotense, Felisbella N. da G. Machado, que assim se manifestou:

A Emancipação da mulher. – Em furiosa mania desandam hoje as cabeças feministas, querendo abandonar os privilegios do seu sexo e algumas cobrir-se com o capello de advogado e de doutor. É um luxo de vaidade levado ao requinte que serve de motejo á gente seria. Esse requinte, esse luxo de vaidade é dos mais censuraveis na mulher. Eu em nada quero parecer-me com o sexo varonil. ...A emancipação da mulher é absurda e immoral. Nada tem de se emancipar. A mulher deve amar e obedecer seu marido.

Essa notícia de cunho opinativo demonstra como algumas mulheres pelotenses estavam atentas aos discursos proferidos pela imprensa e revelam que a construção de gênero, nesta sociedade, era multifacetada. E que essas novas idéias sobre as mulheres eram divergentes. Segundo Louro:

atitudes, práticas, valores, habilidades, comportamentos, conhecimentos socialmente transmitidos ou inculcados pelas diferentes instâncias sociais não são simplesmente internalizados pelos sujeitos, sem que esses ‘aceitem, rejeitem, contestem, adaptem, enfim sem que, de múltiplas formas, eles participem deste processo (Louro, 1995, p.108).

As próprias mulheres do século XIX divergiam sobre seu futuro. Essas notícias são relevantes porque mostram a dimensão contraditória dos discursos feministas e femininos. Nos jornais, algumas mulheres defendiam a *emancipação feminina* consolidando idéias feministas, ao contrário de outras que, com “discursos femininos”, contestavam essas atitudes como “absurdas e imorais”. Essas divergências sobre a *emancipação feminina* demonstram o quanto algumas mulheres discordavam sobre o feminismo e apoiavam-se em idéias e concepções baseadas no discurso da “vocação natural” da mulher para o lar e “felicidade doméstica”. Conforme o exemplo da notícia do dia 28 de abril de 1876, do jornal Correio Mercantil:

“A mulher parece destinada pela *própria natureza* para formar o templo da felicidade doméstica. A sua *simplicidade e ingenuidade* tornam-na mais amável e interessante aos olhos do homem de que a sua ilustração e até se pode firmar que perde tantos mais quilates de seus naturais atrativos quanto mais ganha com a arte de adornar seus pensamentos. Assim é que a *ciencia mais útil das mulheres como esposas e como mães, é a que tem por fim o melhor arranjo da economia e costumes domésticos*, a de agradar e fazer-se estimar de seus esposos e a dirigir com esmero os primeiros impulsos físicos e morais dos ternos seres, cuja primeira educação lhes é privativa. (grifos meus)

Esses discursos naturalistas em que a mulher era destinada pela própria natureza à vida do lar e da família eram recorrentes. A mulher, apesar de ocupar determinados espaços públicos e de trabalho, tinha, na organização familiar e no lar, sua “ciência mais útil”, discurso que fortalecia o estereótipo da mulher restrita ao espaço doméstico. Assim, as mulheres deveriam manter-se no espaço privado como responsáveis pela “felicidade do lar”. No jornal A Discussão, do dia 21 de abril de 1881, é enfatizada essa divisão das tarefas feminina/privada, masculina/pública:

Deveres da Mulher - A dona de casa - O seu principal cuidado deve ser o de se esforçar em tornar o lar doméstico pacífico e agradável e todas as pessoas que compõem a sua família. Se é casada, procurará à força de cuidados e providencia prender junto a si o amor de seu marido.

Se ele trabalhar em sua casa, a esposa empregará todo o cuidado em que não seja perturbado por incomodo algum estranho ao seu emprego. Se o homem trabalha fora de sua casa (e destes é o maior número) os desvelos da esposa devem prevenir-lhe a hora da chegada, tendo-lhes prompta as refeições, a roupa fresca no verão, conchegada no inverno, os sorrisos, as expressões que o indenizassem das fadigas diurnas. O esquecimento destes deveres pode trazer inumeras consequências desagradaveis e funestas para a moralidade e para o bem estar das famílias (...).

Conforme Peres (2002, p.53), nesse período, “o discurso sexista colocou homens e mulheres como indivíduos complementares: a esfera doméstica feminina a serviço de uma sociedade masculina progressiva”. Eram compatíveis às mulheres os cuidados com o lar, com a família, especialmente com o marido, os sorrisos, a docilidade, a passividade; e com o homem, o trabalho, as atividades públicas e políticas, a força, a inteligência, ou seja, características que dividiam, através dos sexos, os espaços públicos aos homens e os espaços domésticos às mulheres. Conforme Perrot (2005, p.470):

Estas naturalizações das mulheres, presas a seus corpos, à sua função reprodutora materna e doméstica, e excluídas da cidadania política em nome desta mesma identidade, traz uma base biológica ao discurso paralelo e simultâneo da utilidade social.

A função social das mulheres restrita a um estreito circuito, pensado e organizado a partir das divisões sexuais, dos papéis bem definidos e diferenciados entre homens e mulheres, conforme Perrot (2005, p.279), canalizava as mulheres para o “doméstico revalorizado, e até mesmo para o social domesticado”. Os discursos e os relatos masculinos enfatizam o isolamento das mulheres no lar e na família, e produzem padrões de comportamento e beleza, que tentam afastar as mulheres do convívio social. Conforme o exemplo do dia 17 de junho de 1878, do jornal *Correio Mercantil*, sob o título “*As mulheres feias*”, é possível observar esses atributos:

a mulher feia é o maior thesouro de que se possa ufanar o genero humano. O ciume, o zelo, o amor, esses tres inimigos roedores de nosso espirito e nossa tranquilidade, desaparecem espavoridos perante a mulher feia (...).

Nesse sentido, é importante salientar como as notícias dos jornais dessa época, em Pelotas, lembravam e recordavam características femininas importantes para manter a “tranquilidade” masculina. Cerqueira e Cézar, ao estudar a imprensa desta época, encontraram “caracteristicamente, uma imprensa abolicionista, uma imprensa republicana, uma imprensa liberal, uma imprensa monarquista, etc.” (1994, p.35), também podemos encontrar uma

imprensa com características feminista e/ou machista, mesmo porque o jornal era, naquele momento, o espaço de discussão das diferentes ideologias.

Sendo assim, os jornais, ao publicar questões referentes às mulheres, destacam manifestações favoráveis à *emancipação feminina*, aos direitos das mulheres à participação política, profissional e educacional na imprensa internacional; expressões do imaginário masculino e feminino com características estereotipadas, com tendências à segregação das mulheres e às desigualdades entre os sexos nessa mesma imprensa internacional e local; e enunciação do pensamento favorável de homens e mulheres aos movimentos feministas na imprensa local. Cabe ressaltar, que entre os anos de 1875 e 1890, a diferença entre os sexos foi a questão que norteou os discursos controversos nos jornais, em relação às idéias sobre as mulheres.

Outro aspecto, e não menos importante, dessa busca pela *emancipação feminina* foi a maneira como os jornais pelotenses publicavam seguidamente notícias que mostravam a inserção das mulheres em trabalhos até então exercidos primordialmente por homens. A abertura do mercado de trabalho para mulheres é outro aspecto que aparece com frequência nas discussões dos jornais, demonstrando a aceitação, a ‘permissão’ e a conquista das mulheres em profissões como, por exemplo, médicas, advogadas, industriais, barbeiras, dentistas, etc. Relativamente ao discurso da *emancipação feminina*, o trabalho feminino foi alvo de inúmeras notícias e opiniões que, sem dúvida, revelaram aspectos importantes no que tange as representações do trabalho feminino. Nos exemplos a seguir é possível observar notícias que demonstram, em pequena escala, como as questões referentes à abertura do mercado de trabalho para mulheres eram publicadas nos jornais:

Mulheres advogadas – As camaras legislativas dos Estados Unidos, votaram uma lei concedendo as mulheres o direito de advogar nos tribunais federais.

Uma das favorecidas pela dita medida enviou flores aos senadores que votaram em favor da proposição, e em maior quantidade aos que assignaram.

Daqui a pouco, temo-las também no parlamento fazendo discursos ou a frente dos governos dirigindo os destinos das nações.

E por que não?

Rainhas ou vassalas, perante a razão e a liberdade, as mulheres teem direitos perfeitamente iguaes ao da outra parte da humanidade.

As camaras dos Estados-Unidos foram simplesmente justiceiras. (Correio Mercantil, 12/04/1879)

A mulher na America – Nos Estados Unidos existem *quatro mil* administradores de correios, do sexo feminino. Só na cidade de Philadelphia existem *quarenta* medicos – senhoras: das quaes 8 dedicam-se a cura de homens, 14 de crianças, e as restantes a partos. (Correio Mercantil, 19/06/1879)

As mulheres nos Estados Unidos – Em uma das ultimas estatísticas da America do Norte encontramos a seguinte relação de senhoras que ali se empregam em industriais e profissões, dando conta do seu caracter viril e feliz iniciativa: 45 senhoras creadoras de gado, 16 barbeiras, 21 dentistas, 15 advogadas, 540 medicas ou cirurgiães, 88 clergywomen (sacerdotisas), 7 coveiras, 10 empregadas em canaes, 144 empregadas nos correios, 29 empregadas nos telegraphos, 77 compositoras typographas, 196 carreterias, 1 pilota, 43 arcabuzeiras, 7 fabricante de pólvora. Devemos concordar que as industrias e profissões valem sempre alguma coisa mais do que andar a fazer renda e do que nada fazer, enfim (Correio Mercantil, 10/07/1879).

Em relação ao trabalho, Perrot (2005, p.251) questiona o que é um trabalho de mulher e conclui que “elas sempre trabalharam. Elas nem sempre exerceram *profissões*”:

A segregação sexual do trabalho, a divisão do trabalho, as ‘especialidades’ femininas exercidas em certos momentos da vida ou no contexto doméstico (conciliador das virtudes), revelam em que condições e circunstâncias as mulheres foram se desenvolvendo como *profissionais* mesmo que legalmente não fossem profissões reconhecidas.

Em Pelotas, foi possível perceber algumas profissões exercidas por mulheres, com regularidade, como: costureiras, parteiras, médicas, modistas, artistas, amas-de-leite, mulheres (meninas ou moças) que cuidavam de crianças, dos trabalhos domésticos e *professoras*. É preciso considerar que a profissão de médica, naquele momento no país, era uma exceção, logo, o exemplo da médica pelotense Antonieta Dias, filha do proprietário do Jornal Correio Mercantil, era pioneiro na cidade e no país.

Nesse sentido, é possível fazer algumas considerações em relação ao trabalho das mulheres, pois, apesar dos discursos evocarem algumas restrições ao trabalho exercido por elas, foi possível encontrar diferentes profissões exercidas entre as mulheres, em Pelotas, nessa época, sendo que essas profissões estavam eminentemente relacionadas ao grupo social ao qual elas estavam inseridas.

Com relação às restrições a alguns espaços no mercado de trabalho impostas às mulheres, foi possível perceber que essa limitação estava estritamente relacionada à vida pública e política. Conforme Peres (2002, p.57), essa supremacia dos homens na vida pública

era perceptível “na vida política, social, cultural e familiar da cidade. Ao homem cabia a participação nas atividades políticas – universo exclusivamente masculino – e nas demais atividades públicas”. Logo, as profissões femininas se restringiam, principalmente, às atividades em espaços privados como a atividade doméstica, a maternidade e o cuidado com as crianças, atividades desempenhadas especificamente por mulheres das classes populares ou negras, que, conforme Peres (2002, p. 59), revelavam uma dupla discriminação e exclusão. Segundo a autora:

O mundo do trabalho, no século XIX, era revelador das condições de vida e dos espaços de atuação femininos e masculinos, pois uma acentuada divisão sexual – reforçada pela condição de classe e de grupo étnico – recaía sobre essa esfera. Se restritas atividades eram aceitas como possíveis de serem exercidas pelas mulheres em Pelotas no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, aos homens estava reservada maiores oportunidades. O mercado de trabalho masculino era bem mais amplo (2002, p.55).

Com relação às diferenças sociais entre as mulheres, é fundamental destacar e analisar o trabalho feminino como sendo um trabalho extremamente influenciado e marcado pelo discurso sexista e pelas diferenças sócio-econômicas. Existiam espaços diferenciados para as mulheres e os homens. Entre as próprias mulheres havia espaços diferenciados, conforme suas características sociais, étnicas e de classe – nacionais ou estrangeiras, brancas, negras ou escravas, das classes populares ou da elite – essas mulheres exerciam atividades diferentes no mercado de trabalho.

Entre esses espaços é preciso destacar a atuação das professoras no magistério como um espaço de trabalho para mulheres, ou seja, era uma profissão socialmente ‘aceita’ e que permitiu a saída das mulheres para uma atividade profissional. Muitas destas professoras eram mulheres qualificadas, com formação em países europeus, em faculdades como as de Paris, da Corte ou em Colégios Religiosos, o que conferia status e certa identidade profissional. O exemplo dessas qualificações pode ser acompanhado pelas notícias dos jornais pesquisados que mantinham a prática de avisar a chegada de novas professoras na cidade e salientavam na imprensa, com o objetivo de atrair a atenção dos leitores e leitoras, as qualificações das professoras recém chegadas.

Conforme o exemplo a seguir, do jornal Correio Mercantil, do dia 09 de novembro de 1883, percebe-se a demonstração da exaltação, por parte do jornal, das qualificações das professoras estrangeiras que chegavam a Pelotas:

Curso de Francez – Uma senhora franceza habilitada e com diploma da Faculdade de Paris tem a honra de informar as Exmas. Familias d’esta cidade que no dia 13 do corrente abrirá um curso de lingua franceza pratica. Também póde leccionar em casa das Exmas. discipulas. Para informações dirigir-se todos os dias das 9 ás 11 horas da manhã a rua General Osório n. 196.

Este exemplo, além de ressaltar a qualificação da professora, demonstra, assim como muitos outros, a própria inserção das mulheres no magistério. As vantagens do trabalho em domicílio ou nos colégios representaram, nesse momento, uma oportunidade de trabalho às mulheres. Conforme Perrot (2005, p.273), na França, no século XIX, o ensino para meninas, apesar de um ensino “não misto”, estava sendo “um espaço de independência – ou até de liberdade – era, sem dúvida, aberto às mulheres. Professoras primárias e secundárias forneciam um grande número de pioneiras feministas”.

No Brasil e em Portugal, conforme estudo de Almeida (1998, p.109), sobre o magistério feminino nos séculos XIX e XX, também abriu-se um espaço profissional às mulheres, através da atuação como professoras:

Em fins do século XIX, aconteceu um momento em que o campo educacional expandiu-se em termos quantitativos. A mão de obra feminina na educação principiou a revelar-se necessária, principalmente tendo em vista os impedimentos morais dos professores educarem as meninas e a recusa da Sociedade à coeducação dos sexos, considerada perigosa do ponto de vista moral.

Assim como em Portugal, o Brasil, nessa época, “sofreu o mesmo processo de feminização, tanto na frequência das escolas normais pelas moças como pela ocupação do magistério pelas mulheres” (Almeida, 1998, p.111). Segundo a autora, o processo de feminização do magistério iniciou já no “início do século XIX, quando as professoras começaram a ensinar em escolas femininas”. O que pode ser explicado, segundo a autora, “pelo crescimento da escolaridade obrigatória”, pela “Lei de 5 de outubro de 1827 na qual elas adquiriram o direito à educação” e pelo repúdio à coeducação que gerou a necessidade de “professoras para reger as classes femininas” (1998, p.111).

Através das notícias, percebe-se que as ‘classes femininas’ de ensino foram um significativo espaço profissional para as mulheres em vários países, considerada uma profissão eminentemente feminina que representou potencialmente às mulheres um espaço de trabalho importante. E, conforme Almeida (1998, p.113), outros fatores contribuíram para a

dominação feminina no trabalho com as classes femininas e posteriormente masculinas, como “a industrialização e a urbanização” que ampliavam “o mercado masculino”, e, possivelmente, profissões “melhor remuneradas” e “vedadas às mulheres” também contribuíram para o afastamento dos homens e conquista das mulheres no magistério.

Com essa nova configuração no mundo do trabalho, segundo Almeida, deve-se ter cuidado com as análises que não ‘desqualifiquem’ o trabalho docente feminino, conforme a autora “minimizar a atuação da mulher professora, enquanto sujeito histórico, com seus comportamentos de transgressão e resistência aos padrões” (1998, p.112) colabora para a vitimização feminina e para desmerecer a profissão e as próprias mulheres.

Cabe sim, conforme a autora (1998, p.113), mostrar “os pressupostos sobre a inserção das mulheres na profissão”, na medida em que a profissão de professora altera significativamente a ordem social e na medida em que ela permite a saída da mulher da casa para o mercado de trabalho. Na história das mulheres é possível expressar com clareza o magistério como a profissão que no século XIX estabeleceu-se como uma oportunidade de trabalho para as mulheres. Segundo Peres, o magistério foi uma das atividades profissionais femininas:

embora o magistério e alguns serviços domésticos não fossem atividades exclusivamente femininas – o que revela que os homens podiam desempenhar, em alguns casos, as mesmas tarefas que as mulheres, enquanto elas não podiam trabalhar em “atividades de homens” – o número de mulheres nestas funções era significativamente maior (2002, p. 60).

Segundo Ismério (1995, p.88), “a profissão de educadora deu destaque à mulher nesse período, pois era o único campo em que poderia trabalhar e exercer sua intelectualidade”. Ao compararmos a emancipação da mulher no período da República Velha, época de sua pesquisa, com o período pós-Revolução Farroupilha, percebe-se que no período imperial, devido a ausência masculina influenciada pela guerra, as mulheres foram beneficiadas. A autora salienta que a produção intelectual feminina revela vários nomes de mulheres que se destacaram em âmbito nacional através de suas obras. E destaca nesse movimento “a importância das professoras, que junto com esse seleto grupo de pensadoras contribuíram, de maneira grandiosa, para a educação e cultura do Rio Grande do Sul” (1995, p.85).

Portanto, nos jornais do século XIX, discutiu-se as questões femininas, debateu-se sobre a emancipação feminina, sobre a noção de ‘profissão de mulher’, sobre a abertura do mercado de trabalho para as mulheres. Entretanto, conforme Perrot (2005, p.257):

Como pano de fundo desta história, há, de fato, as próprias mulheres, suas aspirações e suas representações, particularmente difíceis de conhecer, pois o discurso ideológico recobre suas palavras, formata seu ser social e até mesmo suas memórias.

Nesse sentido, pretendo mostrar que todo esse movimento de ‘*emancipação feminina*’, publicado na imprensa na cidade de Pelotas, debatia a situação das mulheres do século XIX, seus direitos e suas possibilidades de trabalho, intensificando ações na área da educação, principalmente na educação feminina. Sendo assim, destaco algumas notícias, a título de exemplo, que enfatizavam a educação das mulheres e traziam essas discussões aos leitores e leitoras pelotenses. Essas notícias permitem, também, compreender melhor a abertura e desenvolvimento de aulas e colégios femininos, entre os anos de 1875-1890.

2.2 As notícias nos jornais pelotenses sobre a educação feminina no século XIX

Ensino das mulheres - Vai tomando força cada vez mais, a idéia do sexo amavel dedicar-se a estudos superiores, e em Inglaterra o facto já é pratico; pois está actualmente em construção, em Oxford um collegio destinado ás mulheres que desejarem seguir os cursos da Universidade. Este collegio ficará sob a direção da irmã de um dos membros do parlamento (Correio Mercantil, 11/07/1879).

Abram-se os cursos superiores à mulher, deixe-lhe o croche, mas dem-lhe conhecimento das ciências positivas; não lhes tirem os bordados, mas não tranquem as portas da advocacia e medicina; permitam-lhe a renda, mas dem-lhe acesso à nobre *profissão do magistério*, onde ninguém como ela pode fazer tanto e melhor em bem da felicidade publica; proclame-se a grande verdade de que a alma não tem sexo e diga-se que para todas as profissões que demandam inteligência mais ou menos desenvolvida, a *questão de sexo não é questão*. (...) (Correio Mercantil, 08/08/1877).

A educação da mulher: educar a mulher é fabricarmos a própria ventura; é consolidarmos a família; é constituirmos uma sociedade forte e morigerada, composta de homens capazes de compreenderem os preceitos do dever e produzirem a ventura pública e doméstica (A Discussão, 16 /05/1884).

As notícias reproduzidas acima são reveladoras de como as questões relacionadas à educação das mulheres, assim como à *emancipação feminina* e às *profissões femininas* eram recorrentes.

No primeiro exemplo, a notícia do jornal Correio Mercantil, do dia 11 de julho de 1879, traz o ensino das mulheres fazendo referência aos estudos superiores, preferencialmente num espaço feminino, indicando a idéia de continuidade na separação das mulheres, com lugares específicos para sua educação. E, assim como nos exemplos anteriores sobre a emancipação feminina e os trabalhos das mulheres, na educação também é possível observar a mesma prática jornalística de publicar informações e opiniões que tomam como exemplo as experiências escolares de países europeus.

No segundo exemplo, a notícia escrita por Aurélio Bittencourt, no Jornal do Comércio de Porto Alegre, e transcrita para o jornal Correio Mercantil, do dia 08 de agosto de 1877, apresenta, novamente, a questão dos cursos superiores, nessa notícia, os cursos superiores deveriam ser abertos às mulheres, neste caso elas poderiam unir atividades domésticas com uma profissão, ressaltando que *‘a questão de sexo não é questão’*. Apesar dessa notícia representar a noção de liberdade para o exercício de diferentes profissões às mulheres, ressalta a continuidade das atividades paralelas como o *‘bordado’* e a *‘renda’*, ou seja, atividades consideradas exclusivamente femininas.

E, por fim, no terceiro exemplo, a notícia do jornal A Discussão, do dia 16 de maio de 1884, escrita por Dias da Silva Júnior, ressalta que educar a mulher é *‘produzir ventura pública e doméstica’*, *‘consolidar a família’* e *‘constituir uma sociedade forte e morigerada’*, ou seja, a noção de educar para a formação da mãe, esposa e dona de casa fica mais evidente. Conforme Peres (2002, p.71), nesse momento, “é notável a valorização do ensino feminino como forma de ‘qualificar’ o espaço doméstico e a educação dos filhos”. E segue, “a instrução das mulheres estava, de alguma forma, atrelada a sua condição de ‘companheiras’ do gênero

masculino. Em função desta condição, de mãe e de esposa, a instrução se justificava” (2002, p.71).

Nesse sentido, essas notícias, apesar de discutirem sobre o ensino das mulheres, com temas sobre a continuidade da vida escolar feminina através dos cursos superiores, sobre o direito ao exercício de novas profissões, como a ‘*nobre profissão do magistério*’ ou outras profissões até então exercidas por homens, também estiveram na contra-corrente dos ideais das ‘profissões femininas’, uma vez que relacionavam a formação das mulheres aos cuidados com seus lares e seus filhos. Apesar de contraditórias todas representaram, naquela época, em Pelotas, justificativas importantes para a formação, educação e instrução das mulheres. Segundo Hahner (2003, p.27), “como membros da minoria alfabetizada, as primeiras defensoras da emancipação feminina viram na educação um modo de ampliar as opções para sua independência econômica e também sua melhoria social”.

Foi possível perceber também nos jornais pelotenses aquilo que Hahner indica, ou seja, “enquanto algumas apenas se opunham à submissão das mulheres, outras tentavam também conquistar o direito à educação superior, já que elas não poderiam assumir profissões de prestígio sem o grau universitário” (2003, p.27). Uma demonstração desse interesse pela educação superior podia ser observada através da prática de transcrição nos jornais de notícias referentes às conquistas das mulheres em outros países. O jornal Correio Mercantil, por exemplo, se colocava como veículo desses discursos que enfatizavam as diferentes profissões exercidas pelas mulheres na América do Norte e na Europa. Segundo Hahner, nesses exemplos “elas buscavam inspiração nas conquistas da mulher do outros países, cujos exemplos tornavam possíveis as promessas de sucesso futuro” (2003, p.27).

Contraditoriamente a essas inspirações, as mulheres foram alvos de inúmeras notícias que relacionavam a educação feminina à perspectiva da construção de mulher *redentora*, as quais discutiam a *missão* das mulheres, como uma “*potencia civilizadora*” (Progresso Literário, 25/02/1877), “*aquela que tem a árdua tarefa de preparar os cidadãos*” (Tribuna Literária, 08/01/1882). A educação da mulher era caracterizada especialmente como uma educação para o lar, para a família e para a construção de um país civilizado, que pudesse resolver os problemas sociais.

Um exemplo dessa idéia sobre a educação feminina é o artigo de Dias da Silva Junior, publicado no jornal Progresso Literário do dia 25 de fevereiro de 1877, e transcrito pelo jornal

Correio Mercantil, no dia 08 de agosto de 1877, o qual afirma que a razão para educá-las não significava a vontade ou o desejo “*pela obtenção de uma carta doutoral*” mas o suficiente para “*bem retratar o conhecimento do idioma vernaculo para bem retratar os pensamentos e aformosear a expressão*”, podendo até lhes permitir “*algumas luzes científicas e dedicar-se as belas artes, porque isso não lhe maculará a pureza de sua alma e será mais um atrativo e adorno a embelezar-lhe o espírito, porém o que não deve seguir o carreira ardua da jurisprudência e medicina, porque nessas profissões há lances tão perigosos e terríveis que uns haviam de ferir-lhe a inocência e outros acobardar-lhe o animo*” (Progresso Literário, 25/02/1877). Segundo Perrot (2005, p. 255), é possível afirmar que, no século XIX, as mulheres ficavam presas a atividades limitadas que não lhes ofereciam “promoção salarial ou social”. E segue dizendo que: “fazer carreira” é de qualquer maneira uma noção pouco feminina; para uma mulher, a ambição, sinal incongruente de virilidade, parece deslocada”.

Segundo Louro (1997a, p. 454): “o casamento e a maternidade eram efetivamente constituídos como a verdadeira carreira feminina”, dessa forma, o ensino feminino integrava além dos conhecimentos científicos, os ensinamentos referentes à administração de um lar. Segundo Louro (1997a, p. 459), eram aprendizagens que passavam do mundo doméstico para a escola. Os currículos eram complementados com conhecimentos exigidos para a formação doméstica como, por exemplo, belas artes, bordados, crochet, etc. Logo, o ensino nas escolas ou aulas também era uma continuidade do que era iniciado no mundo doméstico.

Conforme o próximo exemplo é possível observar “*doze itens para bem educar uma filha*”, baseados em artigos publicados por duas educadoras americanas⁸:

1°. Ensinaí a mulher a ter confiança em si e ser independentemente. 2°. A entregar-se aos trabalhos domésticos, tais como:cozinhar, fazer os pães e os doces, lavar e engomar, tratar do aceio interno da casa, ou a superintender esses serviços, quando tenha criados.3°. Ensinaí-lhe a desprezar os postiços, o luxo, o uso dos cosméticos, as pinturas de tocador, e a exageros no uso do espartilho. 4°. A fabricar o vestido de seu uso, a gostar da simplicidade no vestuário, e a amar a decencia e o recanto. 5°. Formai-lhe o coração de modo que ela ame a verdade, para que o sim ou o não de seus labios tenha verdadeira e real significação. 6°. Que é preferível brincar, correr e rir francamente, a fazer-se física ou hipócrita. 7°. Que é preferível ter um marido com reputação, a te-lo rico ou dinheiroso. 8°. A compreender que a verdadeira economia é subordinar a despesa à dois terços da renda do maximo. 9°. A se metódica em seus atos e arranjos domésticos, porque isso vai economia de tempo e dinheiro. 10°. Afastá-la do convívio de homens e mulheres de intemperante linguagens, porque essa

⁸ O autor da notícia não faz referência ao nome das duas escritoras americanas.

convivência é nociva a seu poder e decoro. 11°. Que é preferível um esposo pobre, modesto e trabalhador, a um peralvilho larso pelos prazeres porém rico. Entre um e outro vai grande distancia na qual se encontra voragem da felicidade doméstica. 12°. Que por mais ricos que sejam os pais; que por mais elevada que seja sua posição; que por mais brilhantes e variados que sejam os dotes morais, que se deseja dar a uma filha, não se deve esquecer nunca que a base de uma boa educação é o perfeito conhecimento dos deveres morais e domesticos. (Jornal do Commercio, 24/07/1881).

Nesta parte do artigo fica claro que a educação de uma mulher estava intimamente ligada aos valores e ‘*conhecimentos dos deveres morais e domesticos*’. O termo utilizado pelo artigo, ‘*boa educação*’, permite compreender que o conceito de educação era amplo e estava relacionado tanto às estratégias e aprendizagens principalmente para o mundo doméstico.

Contudo, cabe ressaltar que essa educação das mulheres no mundo privado e doméstico lhes conferiu poder, principalmente na educação da infância. É o que noticiou o Jornal do Commercio do dia 15 de maio de 1882, ao informar sobre um “*Congresso de Pedagogia, em Buenos Aires*”, afirmando que as mulheres eram as *mestras da infância* e do seu nível *moral* e de *educação* dependiam a sociedade, logo, as mulheres eram quem *influenciavam a fase mais importante das crianças*.

As mulheres, neste sentido, tornaram-se, no século XIX, potencialmente mães-mestras, com base num discurso que as enaltecia como *regeneradoras e civilizadoras*. Segundo Tambara (1997, p.69):

difundiu-se a concepção de mulher como ‘potencia civilizadora’, como ‘redentora’. Estabeleceu-se o mito de que ‘*por trás de qualquer grande homem existe uma grande mulher*’. Nestes termos as mulheres foram induzidas ideologicamente a superdimensionarem um poder que em verdade não possuíam.

E segundo Perrot (2005, p.267):

O século 19 acredita nas capacidades morais das mulheres: por um lado ele as exalta, como uma força de regeneração, uma trama de continuidade; por outro lado, ele as teme como um bloco de inércia que freia a modernidade. Da missão civilizadora das mulheres ao pesado obscurantismo tão contrário ao progresso, o século 19 fantasia as mulheres.

Além da educação no espaço doméstico, a educação para as mulheres nas escolas também era composta de atividades afinadas com a idéia de se tornarem esposas e mães, como podemos constatar através da notícia: “*Questões Sociais: Lacanais existentes na educação das*

moças”; na qual há um discurso de um médico norte americano sobre a escola e a educação das mulheres:

A educação da mulher. – (...) *Quando as mulheres deixam as escolas, são materialmente incapazes para as realidades da vida?...Portanto nós como homens da medicina, façamos todos os esforços afim de observar a esta confusão, a este erro na educação que as moças recebem e que tenham alguma compreensão do facto que virão a ser esposas e mães.* Montrose A Pallen.. Sr. Editor do New York Times. (Jornal do Commercio, 22/06/1881) (grifos meus)

Ou seja, as mulheres além de receberem a educação doméstica nas suas próprias casas e famílias também a recebiam continuamente nas escolas. Em outro exemplo de artigo, transcrito pelo Jornal do Commercio, no dia 24 de maio de 1882, escrito pela ‘Sra. Allió’, falando sobre ‘A educação da mulher’, observa-se a discussão pública, no ‘Congresso de Pedagogia de Buenos Aires’, sobre a profissão das mulheres:

“cumpre-nos igualmente o dever de instruir, para que essa mesma educação lhe abra uma fonte de recursos” “A mulher dignificada pelo trabalho!” “As, perguntarão: qual é o trabalho que mais convém aptidões especiaes da mulher? O ensino da infância, para que a criança, ao entrar pela primeira vez na escola, encontre ali, até onde é possível a continuação da vida em família” “Mas como todas as mulheres que a necessitam não podem ter ocupação nas escolas, e nem todas tem a vocação nem os dotes especialissimos que requer o magistério, o que será das que não possam crear para si uma situação em um futuro nessa carreira, que até agora é a única que principia abrir-lhes as portas?

Essa notícia apesar de interrogar sobre a situação futura das mulheres nas carreiras profissionais é reveladora do momento da transformação das condições vividas pelas mulheres no espaço doméstico, visto como um potencializador para a profissão como professoras; ou seja, o papel das mulheres deveria ser educar as crianças na infância e continuar essa educação *da vida em família*, não mais como mães, mas como professoras na escola. Sendo assim, o magistério tornava-se uma *vocação feminina*. Nesse sentido, as mulheres através do magistério foram conquistando uma profissão e abrindo caminhos para novas profissões.

Percebe-se que o século XIX marcou os processos de diferenciação entre homens e mulheres, na profissionalização das mulheres e, sobretudo, na educação. Diante dessas discussões veiculadas nas notícias dos jornais pelotenses, escritas por pelotenses ou transcritas de jornais de outros países ou Províncias, é importante considerar que a profissão do magistério representou um importante espaço de trabalho para as mulheres do século XIX,

principalmente na educação feminina, o qual historicamente tornou-se um espaço, por excelência, com forte participação do trabalho feminino.

Por fim, é preciso salientar que havia um discurso favorável à *emancipação feminina*, à abertura no mercado de trabalho e ao ensino das mulheres. Era preciso uma oferta significativa de aulas e escolas para elas. O poder público ainda não provia com escolas suficientes à população de Pelotas, diante disso, especialmente a elite pelotense parece ter encontrado alternativa para isso: aulas e colégios particulares. O período, as condições e necessidades foram favoráveis a essa situação. Colégios e aulas femininas privadas, foco central da dissertação, prosperavam em Pelotas. Análise a seguir, uma parte deste ensino, as aulas particulares.

3. AS AULAS PARTICULARES ATRAVÉS DOS ANÚNCIOS DOS JORNAIS

A educação realizada na Casa é uma prática existente desde os tempos mais remotos, caracterizada em determinados períodos da história como o único recurso para a educação de crianças e jovens e, em outros períodos e circunstâncias, como a maneira utilizada pelos membros das elites econômicas e políticas para educar seus filhos (Vasconcelos, 2005, p.01).

Pelotas, cidade denominada São Francisco de Paula no ano de 1832, em relação à educação já contava nessa data, segundo Magalhães (1993, p. 225), com algumas escolas: “havia aqui cinco aulas particulares, freqüentadas por 244 alunos, sendo 35 do sexo feminino”. Nesse mesmo ano, ao tornar-se vila, “estabeleceu-se a primeira escola pública, com duas aulas – para meninos e meninas, separadamente” (1993, p. 225). Ainda conforme Magalhães (1993, p. 225), “na realidade, desde 1820 (desde antes da Independência) haviam sido autorizadas a funcionar na Capitania de São Pedro oito aulas públicas de primeiras letras – inclusive uma delas na Freguesia de São Francisco de Paula. Só não há indícios de que tenha sido efetivamente instalada”.

Porém, segundo o autor, com a Revolução Farroupilha todas foram fechadas. Depois da guerra o ensino foi instalando-se gradualmente: “dizem as estatísticas que em 1847 havia 11 escolas em Pelotas, entre públicas e particulares; em 1861, 14; em 1873, 28; em 1891, 46. Isso significa que a oferta material da instrução dobrou entre 1861 e 1873, e mais, triplicou durante o período que nos ocupa”(Magalhães, 1993, pg.226)⁹.

⁹ O período que o autor cita é de 1860-1890, período que abrange sua pesquisa sobre a opulência e a cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

Ao se referir ao ensino feminino o autor ressalta:

Não podemos generalizar a educação feminina imperial como sendo pouco desenvolvida. Pelotas se diferencia ao consolidar a frequência das mulheres no ensino feminino. (...) Em 1891, de 2.759 alunos, 1.119 eram do chamado belo sexo. (p. 232)

Apesar de o autor não especificar o número de escolas privadas femininas, destaca algumas existentes nessa época: “o colégio Santa Rosa, da professora Rosa Pinto; o Colégio Acácia, o primeiro exclusivamente feminino, cuja diretora era M.M. Medeiros; o Colégio de Meninas, de Madame Jeanneret; os colégios Santa Cecília e Vitória, que faziam propaganda na imprensa das suas aulas de agulha e bordado” (MAGALHÃES, 1993, p.226). Embora não fosse a temática de pesquisa do autor, ele indica a existência de uma rede de escolas particulares e femininas, questão que moveu esta pesquisa.

É preciso considerar também que, nesse período, as iniciativas públicas no campo da educação feminina ainda eram lentas e graduais, o que possivelmente favoreceu a expansão do ensino privado, uma vez que a educação das mulheres estava em pauta nos debates e circuitos intelectuais (Cf. TAMBARA, 1997).

Segundo Cardoso (2004), o que ocorria no Brasil, no período imperial, é que não havia disputa entre escolas públicas e particulares. Segundo a autora, “sequer durante o Império brasileiro se observa essa disputa, uma vez que a escola pública nunca preencheu as necessidades da população, portanto a escola particular mantinha um espaço de atuação que era *complementar e não concorrente*” (2004, p. 183. Grifos meus). O que acontecia era, na verdade, um “incentivo do Estado para a proliferação do ensino particular”.

Cabe ressaltar que, nesse momento, tanto as aulas públicas como as privadas eram separadas pelo sexo: para meninos ‘aulas do sexo masculino’ ministradas por professores, e para meninas ‘aulas do sexo feminino’ ministradas por professoras. Entretanto as aulas públicas, apesar de instruir uma parte da população pelotense, registravam problemas e dificuldades para as famílias que dependiam dessa educação. Segundo a notícia da ‘Secção Livre’, enviada ao ‘Sr. Inspector da Instrucção Publica’ e publicada no Jornal A Nação, do dia 7 de maio de 1884:

A aula publica do sexo feminino, estabelecida no Areal, centro populoso do 3º districto d’esta cidade, dirigida por D. America de Abreu mudou-se bruscamente para a margem do Arroio Pelotas, lugar de difficil acesso pelos immensos banhados que o rodeão, sobre tudo para as crianças em que o

transito são sempre a pé. Movidos pelo interesse publico não tratamos da causa da mudança, limitamo-nos a pedir promptas providencias do sr. Inspector Geral da Provincia Publica ou ao delgado n'esta cidade. Muitos paes de familia.

Além das dificuldades geográficas de algumas dessas aulas, o próprio governo da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul admite, em circular do dia 06 de abril de 1884, no jornal A Pátria, que “*a situação da instrução publica não póde ser mais deploravel*”. Conforme outra circular do dia 16 de Março de 1888, da Instrução Publica, 3º secção, n. 626 A, do Palacio do governo de Porto Alegre, “*a lei que estabeleceu entre nós a obrigação de aprender, era a satisfação de uma real necessidade e expressão geral de um sentimento publico*”. No entanto, apesar dos investimentos, a educação era para uma minoria:

De 1866 a 1876 despendeu a provincia com a instrução publica a quantia de 1.967:732\$252 reis a 408 escolas e 9362 individuos, está estatística é o auto de corpo delicto de nosso atrazo, a prova patente de nossa vergonha: de 50.000 individuos aptos a freqüentarem as escolas só 9362 receberam instrução (A Pátria, 16/03/1888).

Conforme essa circular, havia duas grandes questões a serem consideradas para “obrigar o cidadão a instruir-se” e, uma delas era exatamente a continuidade da permissão para que as escolas particulares ensinassem, segundo essa notícia:

Essas duas difficuldades porém, desapareceram vivamente compenetrado dos grandes males que resultaram da ignorancia do professor, logo, o legislador fundou uma Escola Normal. A liberdade de ensino que é o direito amplo que assiste ao cidadão nacional ou estrangeiro, de poder abrir escolas e ensinar já faz parte também da nossa legislação. Assim, ministrando a provincia mestres habilitados e por outro lado permitindo-se que os particulares ensinem livremente, é de chegada a oportunidade de obrigar o cidadão a instruir-se (A Pátria, 16/03/1888).

Ao longo do século XIX, a escolarização da população era precária em sua efetivação, com poucas aulas elementares, o que contribuiu para a existência das escolas particulares femininas e para a oferta significativa de ensino não-formal para as meninas nesse período, especialmente, com a lei de “liberdade de ensino”¹⁰. O *Regulamento da Instrução Publica Primaria da Provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul*, de 1876, no artigo 1º prevê: “É

¹⁰Arriada (2001) destaca o “domínio incontestável dos colégios particulares”, comentando que, conforme os relatórios dos Presidentes de Província, a supremacia deste ensino preocupava as autoridades governamentais. Pela reforma Leôncio de Carvalho, de 1879, se estabeleceu uma ampla liberdade de abertura de escolas.

livre o ensino particular primário.” (...) “Póde o nacional e o estrangeiro exercer a industria do ensino sem dependencia de liçença e prova de capacidade profissional” (Tambara & Arriada, 2004, p.199). Ou seja, era livre a qualquer pessoa exercer o ensino particular primário. E sem licença ou prova alguma de títulos. Segundo esse regulamento, o ensino primário privado era uma ‘*industria do ensino*’, em que o interesse mercantil transformava a educação em uma prática de bem de consumo lucrativa e rendosa. Nesse sentido, a liberdade e as permissões do ensino particular representavam lucratividades aos que exerciam a educação como também representavam contenção de gastos “úteis aos cofres imperiais”, logo, gradualmente, observa-se o avanço do ensino particular feminino. Conforme Cardoso (2004, p.182):

Merece registro que, no Brasil em geral, havia um incentivo do Estado para a proliferação do ensino particular, tanto no período em que ainda era América Portuguesa ou já como país independente, durante o Império. Traduzia-se essa política por diferentes meios, como por exemplo o descaso e a omissão quanto aos assuntos da educação pública, a necessidade de dividir a tarefa com a sociedade, a prática das subscrições populares para arrecadar fundos, o incentivo e a parceria com a sociedades e associações voltadas para a promoção da instrução (Cardoso, 2004, p.183).

No Rio Grande do Sul, havia também esse descompasso entre aquilo que o governo pretendia e o que era posto em prática. Logo, as leis provinciais tornavam lícito qualquer indivíduo lecionar ou fundar estabelecimentos de instrução desde que fornecesse a administração pública todos os dados estatísticos e declarações sobre os alunos¹¹.

Apesar das preocupações vinculadas à educação pelas autoridades brasileiras, principalmente ao implantar a lei da obrigatoriedade escolar¹², é perceptível o confronto entre essa obrigatoriedade de ensino e a falta de escolas públicas, o que de certa forma direcionava à criação de aulas e escolas particulares. Gouvêa (2003), no seu estudo sobre as escolas públicas mineiras no séc. XIX, destaca que essa mesma lei da obrigatoriedade escolar não atingiu as famílias uniformemente, principalmente no que se refere a escolarização das meninas:

A lei da obrigatoriedade escolar não conseguiu instaurar uma ruptura com as formas tradicionais de formação das novas gerações. Ao contrário, pela análise das fontes verifica-se que houve significativa resistência por parte da população, em que as famílias recusavam-se em enviar seus filhos (e principalmente filhas) às escolas públicas (2003, p. 4).

¹¹ Jornal Correio Mercantil, 19 de abril de 1979, Projecto de Lei N.55.

¹² Segundo Schneider (1993, p.228), “a obrigatoriedade do ensino” foi “adotada no Regulamento de 17 de fevereiro de 1854 na Corte, e incluída no Regulamento Provincial de 1857, era uma idéia nova entre nós e impraticável”.

Todos estes fatores, ‘deficiência da escola pública’, ‘dificuldade de acesso a estas escolas’, ‘obrigatoriedade de ensino’, ‘liberdade de ensino’ com incentivo às iniciativas privadas e “resistências às escolas públicas para meninas” foram, ao que tudo indica, condições concretas para que o ensino privado feminino se estabelecesse fortemente na cidade de Pelotas. Nesse contexto, não havendo um sistema de ensino público que fosse efetivo na prática, tendo em vista as dificuldades das Províncias em subsidiar aulas, escolas, professores, livros, etc., o ensino particular, para o caso de Pelotas, se instalou e expandiu. Conforme Schneider (1993, p.282), na década de 70 dos Oitocentos, na província rio-grandense, as escolas públicas representavam “uma confissão” ao estado de pobreza das famílias, segundo a autora:

O ensino elementar obrigatório, embora reconhecido como desejável e há muito previsto por lei, não havia sido colocado em prática. E, tanto o esforço das autoridades de tornar efetiva a obrigatoriedade do ensino elementar, surgem objeções afirmando que ela representa um atentado contra os direitos dos pais de família. Pode-se levantar a hipótese de que as famílias de poucos recursos tivessem algum constrangimento em colocar seus filhos na escola pública, por representar isso uma confissão de seu estado de pobreza, visto que o próprio governo considera as aulas públicas como aulas para meninos pobres.

Apesar da obrigatoriedade do ensino, das regulamentações provinciais e das reformas educacionais, a lei da obrigatoriedade do ensino, e com ela o ensino público, precisava ainda ser aceita pela opinião pública. Somado a esse contexto educacional da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, outro fator que precisa ser considerado é o contexto social, econômico e cultural da sociedade pelotense, que se caracterizava, conforme Magalhães, pela “riqueza, opulência, refinamento, elegância, cultura e até aristocracia”. A razão para isso é atribuída ao desenvolvimento, nos seus arredores, “da indústria do charque, durante um longo período que vai de 1779 aos primeiros decênios do século XX” (Magalhães, 1993). Sendo assim, a cidade de Pelotas se configurava num contexto que somava a obrigatoriedade de ensino, liberdade de ensino e riqueza econômica, ou seja, fatores fundamentais que impulsionaram a educação privada.

Nessa perspectiva, faz-se notar que a sociedade pelotense pretendida pelas elites aspirava educação para as mulheres. Através das duas modalidades de ensino feminino, as aulas particulares ministradas por professoras em espaços domésticos e os *collegios femininos*,

podem ser constatadas diferentes formas de educação feminina. Portanto, a seguir, apresento os anúncios das aulas particulares, professoras, matérias, espaços de educação, etc., como uma modalidade de escolarização das mulheres nos Oitocentos, em Pelotas.

3.1 As aulas particulares ministradas por professoras

Ao iniciar a pesquisa que resultou da catalogação dos anúncios dos jornais referentes ao ensino privado feminino, deparei-me com a seguinte questão: o número de instituições formais, ou seja, a quantidade dos *collegios femininos* poderia ser tomada como referencial para dar conta das experiências da educação para as mulheres do século XIX, na cidade de Pelotas?

Os anúncios das aulas particulares permitiram constatar que, além dos colégios particulares, as práticas domésticas de escolarização foram, sem dúvida, uma modalidade de educação feminina comum nos Oitocentos, em Pelotas. Segundo Vasconcelos (2005, p.18), “é pelos jornais que desde as primeiras décadas dos Oitocentos a educação doméstica pode ser constatada”, ou seja, o jornal é provavelmente uma das únicas fontes de análise desse modelo de educação, mostrando que a educação na “Casa” foi uma prática comum das elites no Brasil Oitocentos. A autora segue argumentando sobre o crescimento do ensino doméstico feminino: “incentivada pelas mudanças paradigmáticas que passam a valorizar o conhecimento, como uma das qualidades necessárias àqueles que estão destinados à condução dos demais”, a educação doméstica “antes um privilégio dos príncipes e nobres” (2005, p.01) no século XVIII passou a ser popular “entre as classes abastadas, constituídas, também, pelos altos funcionários do governo e ricos comerciantes” (2005, p.01). Isso porque, segundo a autora, era uma distinção na época “saber ler e escrever”. E, “apesar de pouco registrada, a educação doméstica era uma modalidade de ensino comumente aceita e praticada no início do século XIX”(2005, p.7). Conforme essa autora (2005, p.46):

é importante lembrar que, ao longo de todo século XIX, a educação doméstica, na perspectiva de educação formalizada, era destinada às elites e que essas elites é que dela faziam uso. Constituíam-se num diferencial de lugar social ter um preceptor, um professor particular ou até algum membro da família que ministrasse aulas domésticas.

Assim, segundo os anúncios dos jornais pelotenses, observa-se que a educação feminina doméstica era uma modalidade de ensino comumente aceita e praticada. Nesses registros, foi possível categorizar diferentes espaços e formas de oferta de educação doméstica, entre eles encontravam-se:

- Oferta de aulas particulares ministradas na residência das professoras ou de seus parentes.
- Oferta de aulas particulares ministradas por professoras na casa do aprendiz.
- Oferta de aulas ministradas por preceptoras (professoras que residiam na casa dos alunos).
- Solicitação, pedidos de professoras e/ou pessoa habilitada para dar lições em residências.

As aulas particulares, nesse sentido, tinham como uma das principais características a oferta de ensino individualizado, geralmente com uma disciplina como as primeiras letras, língua estrangeira, música, dança, artes, bordados, ministrada por uma professora que utilizava a casa das alunas ou a própria residência como espaço educativo.

Faria Filho e Vidal (2000, p.21) referem-se, em seu estudo, a esse modelo de ensino como: “escolas do improviso” ou “rede de escolarização doméstica” que, segundo eles, “superavam em número, até bem avançado o século XIX, àquelas escolas cujos professores mantinham um vínculo com o estado”. Indicam que os espaços improvisados na educação, como as casas das famílias ou dos professores, faziam parte de uma “multiplicidade de modelos de escolarização (...)”, “frequêntados quase que exclusivamente por crianças e jovens abastados (2000, p.22).

Essa modalidade de ensino particular e doméstico, captada através dos anúncios, autoriza a afirmação de que em Pelotas essa foi uma das formas que as famílias de classes socialmente privilegiadas utilizaram para instruir e educar seus filhos e filhas.

Além disso, a educação nas casas era reconhecida oficialmente como uma opção educacional, segundo o Decreto – N. 7247, de 19 de abril de 1879, art. 2º, da Reforma Leôncio de Carvalho, (Cf. Tambara e Arriada, 2005b, p.75). Observa-se que com a obrigatoriedade na escolarização das matérias do programa das escolas primárias de 1º grau, as famílias poderiam proporcionar o ensino para seus filhos nas *casas*:

Art. 2º Até se mostrarem habilitados em todas as disciplinas que constituem o programma das escolas primarias do 1º gráo, são obrigadas a frequenta-las, no município da Côrte, os individuos de um e outro sexo, de 7 a 14 annos de idade. (...)

§ 1º Todos aquelles que, tendo em sua companhia meninos ou meninas nas condições acima mencionadas, deixarem de matricula-los nas escolas publicas, ou de proporciona-lhes em estabelecimentos particulares ou em suas *casas* a instrução primaria do 1º gráo, sejam pais, mãis, tutores ou protectores, ficão sujeitos a uma multa de 20 a 100\$000 (grifos meus).

A ‘*casa*’ apresentava-se, legalmente, como um espaço de educação formal. As famílias poderiam manter seus filhos e filhas aos seus cuidados, ou seja, a casa era um espaço que permitia a adaptação da lei de obrigatoriedade do ensino com a vida das pessoas, de acordo com as conveniências das famílias ou das professoras e com os costumes locais. No caso das mulheres, além disso era uma forma de mantê-las no espaço doméstico. Sendo assim, apesar da “improvisação”, a casa legitimava-se como um espaço de ensino, proporcionando educação e instrução.

Entre os anúncios das aulas particulares, majoritariamente, a publicação era de professoras se oferecendo para ministrar aulas particulares. Essa afirmação pode ser verificada através dos 349 anúncios de aulas particulares localizados. Eles referem-se, nos 16 anos da pesquisa, a 16 **ofertas** de professoras e, somente, 3 **pedidos** por professoras. Das 16 professoras que oferecem seus serviços, em 13 casos é possível identificar seus nomes: *Amelia Rosa da Conceição, Anna da Silva Carvalho, Thereza Meraldi, Mlle. Isabel Mac’Ginity, Mme. Bianca Blume, Adela O. de Royoi, Florinda Maria da Costa, Ursula da Silva Lima, Emilia de Mendonça, Mathilde Figueira, Maria Imbert, Brasilia Bueno Pires e Madama Messeder*; as outras 3 ofertas são assim referidas: “uma senhora franceza” (Correio Mercantil, 09/11/1883); “uma senhora de meia idade e solteira” (A Pátria, 06/03/1888); “uma senhora estrangeira”(Correio Mercantil, 17/04/1889). Em relação às 3 solicitações por professoras, uma era para lecionar para meninas, outra para lecionar português e, finalmente uma para preceptoria.

Em resumo, foram encontrados 340 anúncios referentes a 16 aulas particulares, representando o oferecimento de 16 professoras (13 delas identificadas pelo nome) e a 09 anúncios, representando 3 pedidos por professoras. Apesar de não ser um número tão significativo —16 ofertas e 3 solicitações em 16 anos —, os anúncios revelam a existência

dessa modalidade de ensino utilizada pelas famílias pelotenses. Nos exemplos a seguir, apresento dois modelos de anúncios que representam, neste estudo, as práticas de escolarização doméstica: o primeiro, um anúncio da oferta de aulas particulares, e o segundo, a solicitação por professora:

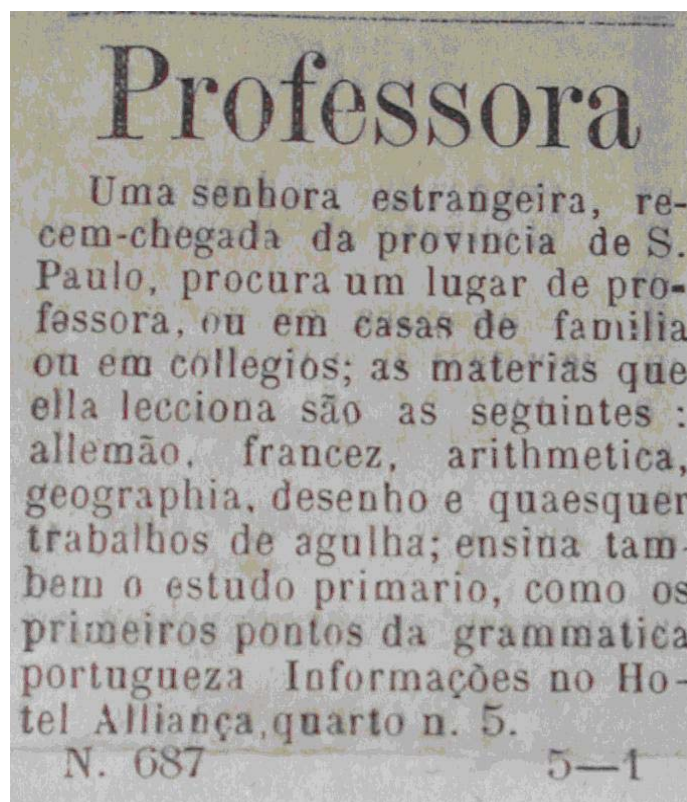


Ilustração 5 – Correio Mercantil, 17 de abril de 1889

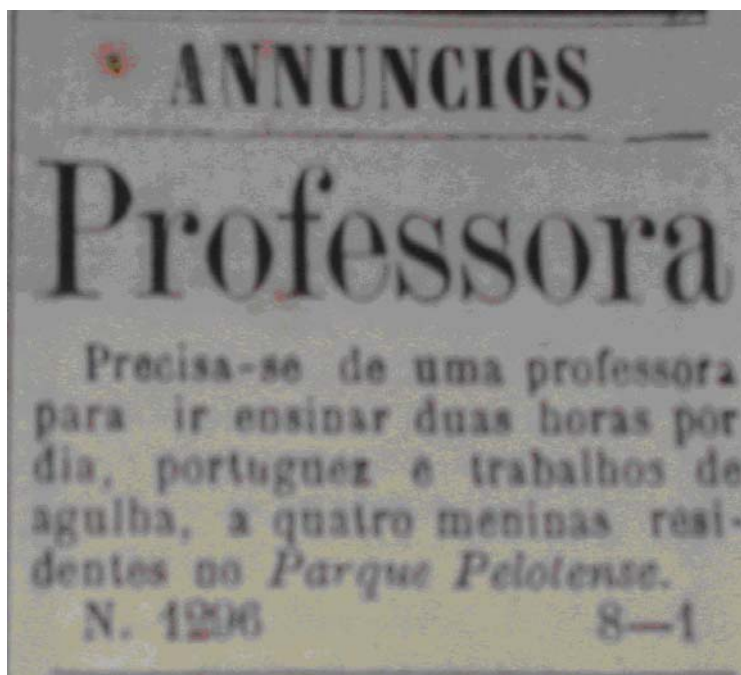


Ilustração 6 – Correio Mercantil, 02 de agosto de 1889

Nesses anúncios, 13 professoras utilizaram como destaque o termo *professora* ou *professora particular*. Conforme Vasconcelos (2005, p.53), “até o final da primeira metade do século XIX, eram chamados de professores apenas aqueles que trabalhavam em colégios”, mas ao longo, “das décadas da segunda metade dos Oitocentos, as nomenclaturas de professor e professora passam a ser usadas, indistintamente, para os sujeitos que se ocupavam da educação tanto das Casas como nos colégios”. Em 3 casos, as professoras utilizaram o anonimato, mas explicitam sua condição feminina. Apesar dessas diferenças em alguns anúncios, todas descreviam suas habilitações, as disciplinas ministradas, o lugar em que lecionariam e onde poderiam ser encontradas.

Além da oferta ou pedido por serviços como de professoras particulares, os anúncios revelaram que essas mulheres faziam a publicação de pedidos de empregos em colégios, como no exemplo a seguir:

AMELIA ROZA DA CONCEIÇÃO

Propõe-se a dar lições de piano, e mais prendas, em qualquer casa de família, ou mesmo em algum dos collegios d'esta cidade, quem precisar de

seus serviços, dirija-se em carta para o correio com o nome acima. Pelotas, 05 de Março de 1877 (Correio Mercantil, 08/03/1877).

Isso pode revelar que poderiam ter as professoras dificuldades na resposta às suas solicitações. Uma das formas utilizadas pelas professoras para, provavelmente, reverter este quadro era chamar a atenção para suas publicações. Para isso, publicavam seus anúncios acompanhados de avisos e notícias que enfatizavam, geralmente através da qualificação das professoras, o oferecimento de suas aulas. Os próximos exemplos retratam, em diferentes anos, como eram registrados os avisos e os anúncios das professoras particulares. A título de exemplo, destaco três anúncios de aulas particulares, acompanhados de seus respectivos avisos ou notícias, que informavam antecipadamente sobre a chegada de professoras ou chamavam a atenção para o próprio anúncio que posteriormente seria lançado. Demonstrando que, nestes casos, as informações complementavam-se:

AVIZO

D. Anna da Silva Carvalho lecciona francez pelo methodo Hollendorf, poderá ser procurada em casa do Sr. Boaventura da Fontoura Barcellos (Correio Mercantil, 11/03/1878).

FRANCEZ (anúncio)

Anna da Silva Carvalho, recentemente chegada a esta cidade dispondo das necessarias habilitações, propõe-se a leccionar a lingua franceza, pelo methodo Hallendorf, em casas de familias, as senhoras e meninas mediante condições favoraveis. Tambem aceita alumnas para ensinar em sua casa. Pode ser procurada em casa de Boaventura da Fontoura Barcellos (Correio Mercantil, 11/03/1878).

AVIZO

PROFESSORA E MODISTA

Para os annuncios que fazem hoje Mme. Messeder, habil professora de francez, inglez, desenho e piano; e Mme. Bilan, modista franceza chamamos a atenção dos leitores (Correio Mercantil, 17/08/1887).

PROFESSORA (anúncio)

Madame Messeder, approvada pelo conselho director da instrucção publica de Pariz, propõe-se a leccionar linguas franceza e ingleza e o desenho em casas particulares ou em sua residencia. Mlle. Messeder, discípula do conservatorio de Pariz, propõe-se a leccionar piano em sua residencia ou em

casas particulares. Podem ser procuradas na rua Voluntarios n. 23 esquina da rua S. Miguel, sobrado (Correio Mercantil, 17/08/1887).

MMe. BIANCA BLUME (notícia)

Entre nós acha-se actualmente procedendo de Porto Alegre a distincta professora de muzica e canto Mme. Bianca Blume, que se demorará n'esta cidade apenas o tempo necessário para completar as lições que, na capital, começou a dar a Exma. Jovem D. Maria Francisca da Costa, estremecida filha de Sr. Tenente-coronel Francisco Antunes G. da Costa.

Promoveu e dirigiu um grande concerto vocal e instrumental em beneficio ao Asylo Santa Thereza (Jornal do Commercio, 06/06/1882).

Mme. BIANCA BLUME (anúncio)

Tendo regressado a esta cidade a professora de canto Mme. Blume, participa que até o dia 02 de Setembro acha-se a disposição de suas discipulas (Jornal A Discussão, 30/08/1882).

Os exemplos da professora Anna da Silva Carvalho e Mme Bianca Blume mostram que, em certas publicações, os avisos eram mais completos e, em outras, os anúncios é que forneciam maiores informações. Nas publicações sobre a professora Anna da Silva Carvalho, é o anúncio que informa que ela é “recém chegada”, que exige “condições favoráveis de trabalho” e que “aceita alunas em sua casa”. Nas informações da professora Mme. Bianca Blume, os destaques são a procedência da professora, seu tempo de permanência, o local onde se encontra, etc. As professoras ofereciam seus serviços através de anúncios, seguidos ou antecipados por um aviso ou uma notícia.

Nesse sentido, os avisos e notícias sobre as aulas particulares eram potencializadores dos anúncios, principalmente porque chamavam a atenção dos leitores e leitoras. Apesar de, paralelamente, os avisos e notícias acompanharem algumas publicações, são os anúncios das aulas particulares que demonstram as características das professoras, as matéria (s) ministradas, o local, dias e horas que lecionariam.

Ao acompanhar a publicação dos anúncios, é possível perceber, ainda, o tempo que as professoras anunciavam, a rotatividade das professoras e as mudanças das professoras das aulas para colégios particulares e vice-versa. Nesse sentido, além dos próprios anúncios serem indicadores das características da educação feminina doméstica, a quantidade de anúncios,

seu tempo de circulação e a rotatividade das professoras evidenciam as estratégias e os movimentos da própria docência em Pelotas. A tabela a seguir traz as 16 professoras que anunciaram nos 16 anos da pesquisa e as 3 solicitações por professoras, o período de publicação, a formação, local e matéria (s) que ofereciam. O quadro sintetiza, portanto, esse tipo de anúncio:

QUADRO 4
Professoras que ofereciam aulas particulares e solicitações
1875-1890

Número de anúncios	Período de publicação	Nome das professoras e/ou solicitação/oferta	Formação e/ou “credenciais”	Local que poderiam ser encontradas e/ou local que lecionavam	Matéria (s)
01 anúncio	Correio Mercantil 19/08/1876	Precisa-se de uma pessoa. (solicitação)	Em condições de ensinar piano e letras.	No porto desta cidade em casa de Antonio Gonçalves de Aguiar.	Preceptoría (para fora da cidade)
03 anúncios	Correio Mercantil 08, 09 e 10/03/1877	Amelia Rosa da Conceição (oferta)		Dirigir-se em carta para o correio com o nome acima e leciona em casa de famílias.	Piano e prendas
01 anúncio	Correio Mercantil 11/03/1878	Anna da Silva Carvalho (oferta)	Dispondo das necessárias habilitações.	Casa de Boaventura da Fontoura Barcellos ou casas das alunas.	Francez
01 anúncio	Correio Mercantil 22/01/1878	Thereza Meraldi (oferta)	Professora de varias ciencias	Rua do Imperador, n.100 B	Piano, canto, theoria de musica, outros instrumentos.
45 anúncios	Jornal do Commercio, entre 25/01/1880 e 17/05/1880 (4 meses)	Mlle. Izabel Mac’Ginity (oferta)	Discipula do Collegio de Caridade das Irmãs de São Leopoldo.	Para informações com o Sr. Tenente- coronel Joaquim Ragado ou o Sr. Benjamin Guerreiro na rua Andrade Neves, 107. E em casas particulares.	Francez, inglez ou alemão (traduzir e escrever gramaticalmente)
02 anúncios	Jornal do Commercio 29 e 30/08/1882	Mme. Bianca Blume (oferta)	Professora de musica e canto.		Musica e canto
90 anúncios	Jornal Onze de Junho, entre 12/01/1883 e 27/04/1883 (3 meses e meio)	Adela O. de Royoi (oferta)	Sistema adotado pelos primeiros professores da Europa.	Rua Andrade Neves n. 54.	Musica, piano, francez e italiano
50 anúncios	Jornal Onze de Junho, entre 23/01/1883 e 08/04/1883 (2 meses e meio)	Florinda Maria da Costa (oferta)	Normalista	General Victorino n. 60 ou na casa das meninas e meninos.	Primeiras letras
12 anúncios	Jornal Onze de Junho, entre 28/05/1883 e 10/06/1883	Ursula da Silva Lima (oferta)	Professora jubilada	General Victorino n.14.	
03	Correio Mercantil	Uma Senhora	Habilitada e com	Pode ser encontrada	Lingua francesa

anúncios	09, 10 e 11/11/1883.	francesa (oferta)	diploma da Faculdade de Paris	na rua General Osório 196.	
14 anúncios	Jornal A Discussão, entre 02/01/1885 e 17/01/1885 (15 dias)	Emilia de Mendonça (oferta)	Professora pela Instrução Publica da Corte	Em sua residência e para informações no <i>atelier</i> de pintura do Sr Trebbi.	Francez
22 anúncios	Jornal A Discussão, entre 04/05/1885 e 30/05/1885 (26 dias)	Mathilde Figueira (oferta)	Estado em Paris mais de 5 anos (dispõe das habilitações necessárias)	Em sua residência, rua Imperador n. 24 ou em casas particulares.	Piano e Francez
07 anúncios	Correio Mercantil, entre 28/01/1886 e 06/02/1886	Maria Imbert (oferta)	Artista	Hotel Brasil	Piano
05 anúncios	Diário de Pelotas 03/05/1887 à 12/06/1887	Brasilia Bueno Pires (oferta)			Musica, canto e afina pianos.
03 anúncios	Correio Mercantil 17, 20, e 24/08/1887	Madame Messeder (oferta)	Aprovada pelo Conselho Diretor da Instrução Publica de Paris e discipula do conservatório de Paris.		Linguas francesa, inglesa, desenho e piano.
60 anúncios	A Pátria, entre 06/03/1888 e 30/05/1888 (3 meses)	Uma senhora de meia idade e solteira (oferta)	Competentemente habilitada	Carta fechada a esta tipografia com as iniciais G.T.	Instrução primaria, secundaria e agulhas.
22 anúncios	Correio Mercantil, entre 17/04/1889 e 25/04/1889; entre 24/05/1889 e 02/06/1889; entre 26/04/1890 e 30/04/1890	Uma senhora estrangeira (oferta)	Habilitada para do curso de instrucção superior e de varias linguas, geographia e bellas artes.	Acha-se pospedada no Hotel Alliança, quarto n.5 ou na casa de machinas de Hermann von Huelsen, junto ao mesmo hotel.	Curso de instrucção superior e de varias linguas, geographia e bellas artes e curso primario de portuguez.
05 anúncios	Correio Mercantil 02, 03, 04, 05 e 06/08/1889	Precisa-se de uma professora (solicitação)	Para leccionar meninas	No Parque Pelotense	Portuguez e trabalhos de agulha
03 anúncios	Correio Mercantil 22, 23 e 24/07/1890	Precisa-se de uma professora (solicitação)	Para leccionar portuguez	Fóra da cidade	Portuguez

Considerando-se que os anúncios são contados um a um para o período da pesquisa, chama a atenção o tempo de circulação dos anúncios de determinadas professoras: alguns circulavam por pouquíssimos dias, outros permaneciam circulando por 2 a 4 meses, como mostram os exemplos da publicação dos anúncios das professoras Mlle. Izabel Mac' Ginity (45 dias), Sra. D. Adela O de Royoi (90 dias) e professora Florinda Maria da Costa (50 dias). Esses exemplos podem provocar alguns questionamentos: Não havia demanda por professoras particulares? Elas tinham dificuldades para arrumar emprego? O que fica evidente, nesses

casos, é que algumas professoras marcam nos jornais um longo período de propagandas comparado a outras anunciantes. Esses anúncios talvez indiquem, portanto, que o mercado não fosse tão receptivo às mulheres, que foi necessária muita determinação, persistência e luta para garantir o exercício da profissão.

No próximo exemplo, é possível observar, através de avisos e anúncios oferecidos por uma professora alemã, novamente o investimento em propagandas, durante mais de um ano. Além dessa estratégia, é possível perceber que a professora, para chamar atenção, modifica os modelos de anúncio que publicou no jornal Correio Mercantil:

AVIZO

Uma senhora allemã, habilitada para o ensino de disciplinas do curso superior de instrucção e de varias linguas, geographia e bellas artes, propõe-se a leccionar em collegios ou casas particulares não só essas materias como também as do curso primario de portuguez. Acha-se hospedada no hotel Alliança, e faz, publicar um annuncio n'esta folha (Correio Mercantil, 17/04/1889).

PROFESSORA (Anúncio)

Uma senhora estrangeira, recém chegada da provincia de S. Paulo, procura um lugar de professora, ou em casas de familia ou em collegios; as materias que ella lecciona são as seguintes: allemão, francez, arithmetica, geographia, desenho e quaesquer trabalhos de agulha; ensina também o estudo primario, como os primeiros pontos de grammatica portugueza. Informações no Hotel Alliança, quarto n.5 (Correio Mercantil, 17/04/1889)

AVIZO

Uma professora que se hospeda no hotel Alliança faz annuncios nesta folha offerecendo seus prestimos (Correio Mercantil, 24/05/1889).

ATTENÇÃO (Anúncio)

Uma professora allemã deseja encontrar discipulas para lições ou em casas de familia, ou em collegios, leccionando as seguintes materias: allemão, francez, inglez, piano, geographia, desenho e trabalhos de agulha. Informações no Hotel Alliança. (Correio Mercantil, 24/05/1889).

ATTENÇÃO (Anúncio)

Uma professora allemã avisa as Exmas. familias pelotenses que pretende abrir um curso para trabalhos de agulha e que desde já receberá discipulas para o mesmo. Os trabalhos que ella ensina são: cozer, crochet, tricot,

bordados, brancos e matiz, de lã, seda, frocô, ouro e prata e flores de papel. Informações Hotel Alliança. (Correio Mercantil, 24/05/1889).

PROFESSORA (Anúncio)

Uma professora allemã, tendo, algumas horas vagas, ás Exmas. familias leccionando as seguintes materias ensino primario (tanto da língua allemã como da portuguesa); allemão, francez, portuguez, geographia, arithmetica e quaesquer trabalhos de agulha, a saber: bordados de lã, seda, frôco, branco, a ouro e prata e flores de papel. Póde ser procurada no hotel Alliança ou na casa de machinas de Hermann von Hulsen, junto ao mesmo hotel (Correio Mercantil, 26/04/1890).

Nesse caso, a professora permanece anunciando, intercaladamente, desde o dia 17 de abril de 1889 até o dia 26 de abril de 1890. Segundo esse exemplo, é possível fazer várias indagações: Essa professora estava com dificuldades para conseguir alunos ou alunas, pela sua origem? Ou por estar hospedada no hotel, espaço onde circulavam homens e mulheres de diferentes idades e classes sociais? Cabe ressaltar que esses exemplos demonstram as dificuldades enfrentadas pelas professoras na disputa no mercado de trabalho.

Outro aspecto a ser salientado é a freqüente rotatividade das professoras. Apesar dessa modalidade de ensino ser constante, a troca de anúncios e nomes das professoras indica uma freqüente mudança no quadro de oferecimentos. Em alguns casos percebe-se que elas migravam para colégios, como é o caso da professora Isabel Mac Ginity, que anunciou em 09/04/1880, no *Jornal do Commercio*, como professora particular e, em 1881, fundou o *Collegio Victoria* (*Jornal do Commercio*, 07/01/1881). O mesmo ocorre com a professora Mme. Messeder, que anunciou como professora particular, em agosto de 1887 e, no mesmo ano, dezembro de 1887, fundou seu colégio. Seguem os anúncios da professora Mme. Messeder:

PROFESSORA

Madame Messeder, aprovada pelo conselho director da instrucção publica de Pariz, propõe-se a leccionar as linguas franceza e ingleza e o desenho em casas particulares ou em sua residencia. Mlle. Messeder, discípula do conservatório de Pariz, propõe-se a leccionar piano em sua residencia ou em casas particulares. Podem ser procuradas na rua Voluntários n.23 esquina da rua S. Miguel, sobrado (Diário de Pelotas, 17/08/1887).

COLLEGIO

A professora Mme. Messeder, approvada pelo conselho director da Instrucção Publica de Paris (e tendo á disposição das pessoas que quizerem certificar-se d'isso os referidos diplomas), tem a honra de participar aos Srs. paes de familia que acaba de abrir n'esta cidade um collegio para meninas á rua do Imperador n. 200; receberá pensionistas e externas.

O ensino divide-se em aula primaria e secundaria.

O ensino primario comprehende: Leitura, escripta, grammatica portugueza, principios de arithmetica, cathecismo, historia sagrada, desenho linear, costura.

O ensino secundario: Francez, geographia, cosmographia, mythologia, historia, arithmetica, todos os trabalhos de agulha uteis e agradaveis, elementos de civilidade e cortezia adequados aos deveres de uma perfeita dona de casa.

Preços

Pensionista	35\$000
Meio-pensionista . . .	20\$000
As externas da aula primaria	5\$000
As da secundaria . . .	10\$000

Piano e desenho separado.

Mme. Messeder, coadjuvada por suas filhas e por peritos professores, garante o cuidado e desvelo necessarios n'esta profissão, que tem adquirido na longa pratica do ensino.

Dá-se lições particulares de francez, inglez e piano no collegio ou em casas particulares.

As aulas abrir-se-hão no dia 9 de Janeiro.

N. 2496

8—1

Esse movimento das professoras revela que a educação doméstica representava, apesar das dificuldades, uma porta de entrada para que as professoras fossem reconhecidas na sociedade, para que pudessem, a partir de suas experiências como professoras particulares, fundar colégios particulares femininos.

O único caso encontrado de uma professora que fundou primeiramente um colégio e posteriormente ofereceu-se como professora particular foi o caso da professora D. Emilia de Mendonça, que no ano de 1884, anuncia a fundação do colégio Externato Particular, e no ano seguinte, em 1885, se oferece como professora particular de francês. Seguem os anúncios:

ANNUNCIOS

**EXTERNATO
PARTICULAR**

DIRIGIDO POR
D. Emilia de Mendonça
Professora approvada pela
Instrucção Publica da Côrte
307 RUA S. MIGUEL 307

N'este estabelecimento recebem-se alumnas primarias e secundarias, podendo estas cursar as aulas de francez, italiano, historia e geographia.

A directora ensina tambem piano e musica seguindo um methodo moderno adoptado pelos mais abalizados professores.

Nos intervallos das classes as alumnas aprenderão os trabalhos domesticos indispensaveis a uma senhora, taes como : coser, marcar, bordar, cortar, fazer rendas, etc., etc.

CONTRIBUIÇÕES

TRIMESTRE	
Alumna primaria	15\$000
Alumna secundaria	30\$000
MEZ	
Piano e musica	20\$009

Rua S. Miguel n. 307
(30 de Junho.)

Ilustração 8 – A Nação, 05 de junho de 1884

CURSO PRATICO DE FRANCEZ

D. Emilia de Mendonça

Professora pela Instrução Publica da Côte estabeleceu um curso pratico de francez, em sua residencia, do meio-dia às 2 da tarde. Para informações no atelier de pintura do Sr. Trebbi. (A Discussão, 02/01/1885).

Outro fator a considerar é o investimento financeiro nesses anúncios. Pode-se perguntar: seriam mulheres de posses que se ofereciam para lecionar? O investimento era de baixo custo? Não há informação sobre o custo de cada anúncio publicado nos jornais, somente que eram pagos antecipadamente. Sendo assim, indicam que o investimento feito anteriormente dependia de que as professoras particulares tivessem alguma posse para oferecer seus serviços nos jornais.

Outra característica dos anúncios era a publicação da origem das habilitações das professoras: na Corte, em colégios, discípulas dos colégios de irmandades, das faculdades dos países europeus, com atestados e comprovações das suas capacidades para exercer a profissão do magistério. Os exemplos a seguir, demonstram isso:

CURSO PRATICO DE FRANCEZ

D. Emilia de Mendonça

Professora pela Instrução Publica da Corte etabeleceu um curso pratico de francez, em sua residencia, do meio-dia às 2 da tarde. Para informações no *atelier* de pintura do Sr. Trebbi. (A Discussão, 02/01/1885).

CURSO DE FRANCEZ

Uma senhora franceza habilitada e com diploma da Faculdade de Paris tem a honra de informar as Exmas. familias desta cidade que no dia 13 do corrente abrirá um curso de lingua franceza pratica. Tambem póde leccionar em casas das Exmas. discipulas. Para maiores informações dirigir-se todos os dias das 9 as 11 horas da manhã a rua General Osório n. 196. (Correio Mercantil, 09/11/1883).

Declaravam suas habilidades para a instrução das discípulas e atestavam importantes títulos como os exemplos da professora Mme. Messseder, ‘discipula do conservatorio de Pariz’; da “senhora franceza”, diplomada pela Faculdade de Paris; e da professora Emilia de Mendonça, pela Instrução Publica da Corte.

Em outros exemplos, as qualidades morais, as experiências, os estudos eram considerados atributos que lhes conferiam habilidades para lecionar. Nos próximos exemplos, reproduzidos a seguir, primeiramente através de uma notícia e dois meses depois, através da publicação do anúncio, é possível observar como as professoras destacavam suas qualificações:

PROFESSORA DE MUSICA (notícia)

Segundo se depreheende do anúncio inserto noutro lugar desta folha, a illustrada professora D. Brazilia Bueno Pires se propõe a leccionar canto e musica em sua casa e em casas particulares, assim como afinar pianos. Executora eximia, dedicada acrisoladamente ao estudo, a distincta professora está apta para desempenhar qualquer incumbencia de que os Srs. Paes de familia queiram encarrega-la nos dominios de sua profissão. Dotada de grandes qualidades que a tornam recommendavel a sociedade, pedimos para ella a protecção publica, na certeza que saberá corresponder á confiança que lhe dispensam. D. Brazilia Bueno Pires reside a rua 7 de Abril n. 48 (Diário de Pelotas, 03/05/1887).

O anúncio é nos seguintes termos:

D. BRASILIA BUENO PIRES

Lecciona musica e canto e afina pianos, em sua casa e tambem em casa de discipulas. Pode ser procurada a qualquer hora do dia a rua 7 de Abril n. 48 (Diário de Pelotas, 27/06/1887).

Nos anúncios, as professoras utilizavam por vezes, também informações como: “estado em Paris mais de cinco anos”, “approvada pelo Conselho Director da Instrucção Publica de Pariz”, “recentemente chegada a esta cidade dispondo das necessarias habilitações,” ou “com diploma da Faculdade de Paris”. Essas informações indicam que as professoras particulares salientavam essas qualificações como forma de valorização da sua condição e capacidade para exercício do magistério.

Assim como essas habilitações, as referências morais também eram salientadas: *dotada de grandes qualidades, distincta professora, dedicada acrisoladamente*¹³, *dotada de grandes qualidades que a tornam recommendavel a sociedade, recomendada pelos bons*

¹³ Conforme Aurélio (2004, p. 09), acrisolar significa: “v.t. 1. Purificar no crisol. 2. Depurar, purificar”.

conceitos. Essas qualidades somavam-se às habilitações e representavam um diferencial entre as professoras.

Outra característica peculiar era o caso das professoras estrangeiras, cuja nacionalidade era informada. Conforme Louro (1997a, p. 448), “o abandono da educação nas províncias brasileiras, denunciado desde o início do Império, vincula-se, na opinião de muitos, à falta de mestres e mestras com boa formação”. Nesse sentido, a existência de professoras estrangeiras pode ter representado, na época, uma oportunidade de preencher as lacunas da falta de professoras qualificadas.

Apesar desse modelo de ensino oferecido pelos estrangeiros poder trazer efeitos negativos, pois, conforme Schneider (1993, p.283), “o estrangeiro que tinha direito de abrir uma aula sem habilitação alguma da língua portuguesa, dificultava aos alunos a aprendizagem do idioma nacional”, também significava a solução para a falta de professores brasileiros.

O problema da falta de professores, além de ser solucionado com a entrada e aceitação de estrangeiros no país, também começou a ser solucionado com a aceitação das mulheres no ensino para meninos. É preciso considerar que, nas escolas públicas, o trabalho realizado por mulheres começa a ser definindo em 1877, no período em que surge a possibilidade para o estabelecimento das escolas mistas e para a atuação das mulheres na instrução dos meninos, pois, conforme Schneider, nessa época passa a ser aceita a “idéia de que aulas e escolas para o sexo masculino poderiam ser “regidas também por senhoras” (1993, p.284).

Essa ‘permissão’ às professoras das aulas particulares para lecionar para meninos pode ser verificada nos anúncios das aulas particulares de uma forma mais sutil. Isso porque, nesses anúncios, a oferta era para o ensino de determinadas matérias e para lecionar para as famílias, ou seja, não havia estipulado, nesses anúncios, o sexo e a idade dos alunos ou alunas que seriam ensinados. Provavelmente, em alguns casos, essas professoras ensinavam para toda prole, ou seja, poderiam ser meninos e meninas.

O único anúncio que oferece, claramente, essa diferenciação entre os sexos é o anúncio da professora de primeiras letras ‘Florinda Maria da Costa’, professora normalista, a qual se oferece, “para ensinar meninos e meninas, em sua casa, ou em casa de sua residencia rua General Victorino n.60” (Onze de Junho, 23/01/1883). Entretanto, o predomínio eram os oferecimentos de aulas particulares para as famílias. Nesse sentido, no caso das aulas particulares, observa-se que talvez o ensino misto fosse praticado em nível doméstico.

Em relação às matérias de ensino, conforme exemplo a seguir, é possível perceber que a professora era preparada para o ensino de várias matérias, ou seja, desenvolvia vários conhecimentos, o que revela que as professoras eram, de uma forma geral, mulheres com boa formação intelectual. Além disso, os anúncios mostram que eram mulheres “viajadas”, em alguns casos, já haviam estado anteriormente em outras Províncias do país até a sua chegada na cidade de Pelotas, conforme o exemplo a seguir:

PROFESSORA (Anúncio)

Uma senhora estrangeira, recém chegada da provincia de S. Paulo, procura um lugar de professora, ou em casas de familia ou em collegios; as materias que ella lecciona são as seguintes: allemão, francez, arithmetica, geographia, desenho e quaesquer trabalhos de agulha; ensina também o estudo primario, como os primeiros pontos de grammatica portugueza. Informações no Hotel Alliança, quarto n.5 (Correio Mercantil, 17/04/1889)

Em outros casos, traziam como “bagagem” de suas viagens pela Europa as habilitações necessárias para ensinar a língua francesa. Conforme o anúncio a seguir, da professora Mathilde Figueria, que esteve por “mais de cinco annos” em Paris:

PROFESSORA

Uma senhora, recentemente chegada do Rio de Janeiro, propõe-se a leccionar piano e francez, em sua residência a rua Imperador numero 24, sobrado ou em casas particulares, outro sim previne que acha-se desde já aberto um curso pratico de francez, em sua residência, das 4 ás 8 horas. A annunciante, tendo estado em Paris durante mais de cinco annos, dispondo das habilitações necessárias, espera desde já merecer a protecção d'esta generosa população. Mathilde Figueira (A Discussão, 04/051885).

Portanto, através dos anúncios oferecidos pelas professoras particulares, verificam-se as mais diversas matérias lecionadas. Assim, segundo Vasconcelos (2005, p.75), nos Oitocentos no Rio de Janeiro, “apenas em alguns casos há coincidência de matérias lecionadas pelos professores, pois as combinações são as mais diversas e relativas às habilidades de quem as ensinava”.

Em Pelotas, além do francês, quase sempre as lições oferecidas pelas professoras variavam entre áreas e atividades relacionadas aos conhecimentos intelectuais, literários e manuais. Além das primeiras letras, que correspondiam ao ensino da leitura, desenho, escrita e contas, havia os conhecimentos específicos para meninas, como prendas, agulhas, ensino de música, canto e piano, juntamente com o ensino de línguas, majoritariamente o francês, e em algumas aulas o italiano, alemão e inglês. Nessa perspectiva, a formação feminina caracteriza-

se como um ensino em que as mulheres educavam as alunas para uma formação com conhecimentos gerais, concomitantemente direcionada para uma formação literária e destinada às prendas domésticas.

Outro fator relevante indicado nos anúncios eram os métodos utilizados pelas professoras como, por exemplo, o método Hallendorf¹⁴, da professora Anna da Silva Carvalho, e o sistema adotado pela professora Adela O. de Royoi, ‘*systema adoptado pelos professores da Europa*’. Esses sugerem que os ensinamentos trazidos pelas professoras estrangeiras tentavam reproduzir as práticas culturais e educativas da Europa. No próximo exemplo a professora salienta o sistema europeu adotado:

PROFESSORA

Lições de MUSICA, PIANNO, FRANCEZ E ITALIANO, pela Sra. D. Adela O. de Royoi. O ensino de piano é pelo systema adoptado pelos primeiros professores da Europa, de modo que com esse ensino methodico e explicativo, as discipulas chegam em menos de um anno a conhecer perfeitamente a musica e a poder tocar e tirar quaesquer peça com toda facilidade. Rua Andrade Neves n.54 Pelotas (Onze de Junho, 12/01/1883).

Esse anúncio revela uma exceção, pois os métodos nem sempre eram explicitados e em raríssimas vezes o tempo de ensinamento era previsto. As aulas ou lições nas residências, quando se tratava dos métodos, revelam que na prática dos Oitocentos o método individual, sem dúvida, foi o mais utilizado. Segundo Vasconcelos (2005, p.91), “nele cada aluno era atendido individualmente pelo professor, não só no que tange os conhecimentos ensinados, mas também na observação de seus progressos e recuos, bem como na aplicação das ‘sabatinas’ e ‘tomadas de lição ou ponto’”.

Também foi possível encontrar, em um anúncio de pedido por professora, aspectos do método simultâneo. Conforme o anúncio do jornal Correio Mercantil, do dia 02 de agosto de 1889, é possível verificar o pedido por uma professora que lecionasse portuguez e trabalhos de agulha a 4 meninas. Isso revela a necessidade de flexibilidade dessas professoras em atuar, além do método individual, com o método simultâneo. Conforme Vasconcelos (2005, p.92), o método simultâneo consistia, “em um só professor encarregar-se de um número proporcional de alunos, fazendo com que eles trabalhassem associadamente, mesmo estando em graus

¹⁴ Em relação ao Método Hallendorf, fiz uma pesquisa geral, porém sem obter informações.

diferentes de aprendizagem”. O anúncio a seguir indica um trabalho coletivo que poderia atender a diferentes graus de aprendizagem:

PROFESSORA

Precisa-se de uma professora para ir ensinar duas horas por dia, portuguez e trabalhos de agulha, a quatro meninas residentes no Parque Pelotense (Correio Mercantil 02/08/1889).

Assim, percebe-se que tanto nas disciplinas quanto nos métodos não havia coincidências adotadas pelas professoras. Seguindo essa prática, os horários estabelecidos ou tempo de ensinamento também não eram uniformes.

Em alguns anúncios, os horários, quando estipulados, iam “do meio-dia às 2 da tarde”, como no anúncio da D. Emilia de Mendonça; “das 4 às 8 horas”, conforme anúncio da professora Mathilde Figueira; das “9 às 11 horas da manhã”, segundo o anúncio de “uma senhora franceza”. Em outros casos, o tempo das aulas fazia parte do próprio método, como no exemplo da professora Adela O. de Royoi, “as discipulas chegam em menos de um anno a conhecer perfeitamente a musica e a poder tocar e tirar quaesquer peça com toda facilidade.” Sendo assim, pode-se afirmar que as professoras particulares, nas aulas domésticas, apesar de regulamentadas, não cumpriam horários, tempos, métodos ou disciplinas fixas. Estavam isentas de fiscalização e tinham autonomia para definir juntamente com as famílias o que lhe convinha.

Além dessa diversidade na escolarização doméstica, outra prática encontrada, em alguns casos, era a *coadjuvação* das professoras. Nesses casos, as professoras ministravam aulas com a presença de professores, como é o caso da professora ‘D. Ursula da Silva Lima’, ‘coadjuvada’ pelo ‘*muito habilitado professor Emilio Schoeffer*’; e da professora ‘Maria Imbert’, coadjuvada pelo ‘Sr. Imbert’:

PROFESSORA PARTICULAR (anúncio)

D. Ursula da Silva Lima professora jubilada, mudou sua residencia para rua General Victorino n.14 onde continua a leccionar como professora particular as matérias já anunciadas, sendo coadjuvada nas principais pelo muito habilitado professor Emilio Schoffer (Onze de Junho, 29/05/1883).

PIANO E CANTO (notícia)

Estão entre nós e aqui pretendem fixar residencia, desde que encontrem o devido acolhimento, dous artistas notaveis, que se recomendam por seus merecimentos e pelos bons conceitos que os precedem. São o Sr. Imbert, professor de canto, e sua exma. Filha a Sra. Maria Imbert, professora de piano. Acham-se hospedados no Hotel Brazil e ahi podem ser procurados para os misteres de sua profissão. Temos as melhores informações desses artistas, e por isso os apresentamos á sociedade pelotense como dygnos de sympathia e coadjuvação (Correio Mercantil, 28/01/1886).

Em alguns casos, como da profesora ‘Maria Imbert’, eram homens da própria família que coadjuavavam essas professoras, revelando talvez a passagem de conhecimentos e ensinamentos entre pais e filhas, ou seja, a profissão do magistério era mantida nas famílias através das diferentes gerações. Na notícia anterior há explicitamente esse processo de coadjuvação entre pai e filha. Segundo Schueler (2005, p.388), nas escolas públicas essa característica também era comum, segunda ela: “é comum encontrarem-se maridos e esposas professores com filhos nomeados adjuntos nas escolas públicas”.

Apesar da identificação das professoras nos anúncios, a idade e a condição civil das mesmas não são indicadas. Sendo assim, chama a atenção o próximo anúncio em que a professora destaca-se como sendo de “*meia idade*” e “*solteira*”. Talvez essa indicação de disponibilidade fosse para morar na casa de família onde iria lecionar. Conforme Perrot (2005, p. 255), “o celibato significa exigência de disponibilidade”. Nesse sentido, pode significar ser professora por tempo integral ou com dedicação exclusiva. Segue o anúncio:

PROFESSORA

Uma senhora de meia idade solteira e competentemente habilitada em instrução primaria e secundaria e em trabalhos de agulha, offerce-se para leccionar em casas particulares por módica retribuição. Aceita também contracto para fora sendo vantajoso. A dirigir-se a esta typographia em carta fechada com as inicias G.T (A Pátria, 06/03/1888).

Em relação à contratação dos serviços das professoras, na maioria dos anúncios, os valores exigidos eram geralmente representados por um preço que ficava muitas vezes ‘a combinar’. No exemplo anterior, o pagamento pelo serviço de instrução primaria, secundaria e de agulha poderia ser por uma ‘módica retribuição’, revelando uma característica na contratação das professoras que, conforme Vasconcelos (2005, p.79), era marcada pela

informalidade e descontinuidade dos serviços. Segundo a autora, “era muito comum a dispensa dos serviços a qualquer tempo, como também os mestres declinavam da função”.

Apenas em um dos anúncios pôde-se verificar o valor estipulado pela professora antecipadamente. A exceção foi o anúncio da professora Florinda Maria da Costa, no ano de 1883, em que a professora estipula mensalmente o valor cobrado pelo serviço prestado:

PRIMEIRAS LETRAS

Florinda Maria da Costa professora normalista offerece-se para ensinar meninos e meninas, em suas casa, ou em casa de sua residência rua General Victorino n.60 a 3,000 por mez. Fora de sua casa pelo que convencionar (Onze de Junho, 23/01/1883).

Ao comparar este anúncio da professora ao anúncio de um professor, é possível perceber que mensalmente ambos cobravam os mesmos preços pelo serviço prestado. Apesar de o professor oferecer uma escola e não uma aula particular, em seu anúncio é explícito o valor mensal das suas aulas ministradas na escola. A seguir, segue o anúncio e a respectiva tradução:

DIE DEUTSCHE SCHULE

(Pelotas)

Nimmt kinder beideulei Geschlechts na; in dieser Abtheilung, wie in mehreren Lehrgegenständen der anderen, wir in deutscher Sprache unterrechtet. Gemischte Abtheijung 3\$000 monatlich Vorausbez. Damit sich realisire, wird un starke Betheilegung gebeten. Rua do Imperador n.165 (Correio Mercantil, 14/01/1889).

ESCOLA DE ALEMÃO (tradução)

Aceitamos crianças de ambos os sexos e de acordo com o contexto e a historia de cada um, proporcionamos um ensino que vai ao encontro a duas situações, o grau e o nível de cada um. O professor de alemão ensina a conversar em aulas mistas. A taxa de 3\$000 deve ser feito todo o mês antecipadamente para que espontaneamente se realizem aulas que vão de encontro a um forte envolvimento nas orações.

Provavelmente, o valor cobrado pela professora normalista e pelo professor de alemão constituiu-se em um referencial. Na tentativa de elucidar o que significava na época ‘3,000’

réis, relaciono a preços de alguns produtos de consumo encontrados nos jornais, como por exemplo, do vestuário, alimentação e de lazer: sapatos – 600, 800 a 1\$000 (Correio Mercantil, 07/05/1889); livros – 3\$000, *Vida e Trabalho*, encadernado 4\$000; *Trilogia do Amor*, 3 vol. 2\$000 cada um (Correio Mercantil, 07/05/1889); café moído – 1\$200 o Kilo; goiabada – \$300 lata; bolacha fina \$300 (Correio Mercantil, 14/02/1889); Ingresso de Baile à fantasia – Entrada geral 1\$000 (Correio Mercantil, 14/02/1889).

Com base nesses valores é possível constatar que o preço cobrado pela professora por aluna ou aluno de 3.000 réis mensais poderia pagar 3 ingressos de um baile à fantasia; 3 pares de sapatos; 1 livro; 2 kilos de café, uma lata de goiabada e bolacha. Isso mostra que, provavelmente, se a professora ministrasse aula para apenas uma aluna e se dependesse apenas disso para viver, as suas condições de sobrevivência seriam árduas e difíceis.

Através da notícia do dia 17 de abril de 1889, do jornal Correio Mercantil, foi possível comparar os honorários dos professores da ‘Instrução Publica’, cujos vencimentos variavam de 1:500\$000 a 600\$000 ao ano, aos dos professores particulares. Constatou-se que as professoras particulares recebiam bem menos pelos trabalhos prestados às famílias. Nesse sentido, percebe-se o interesse das professoras em abrir *collegios femininos*, uma vez que estes, provavelmente, ofereciam melhores condições de remuneração.

Apesar da continuidade da oferta desse serviço, em todo período da pesquisa, talvez a baixa remuneração tenha sido um dos motivos do pouco número de aulas particulares e do crescimento dos anúncios dos colégios particulares. Conforme Vasconcelos (2005, p.61):

o crescimento do número de colégios particulares e a emergência da escola pública estatal foram, sem dúvida, fatores que influenciaram a mudança não só da designação, como da postura dos agentes da educação doméstica.

Nesse sentido, é possível compreender por que algumas das professoras iniciavam suas práticas educativas como professoras particulares e posteriormente fundavam seus próprios colégios. Após se ambientarem na cidade, conquistarem uma ‘clientela’, alcançarem certa legitimidade e credibilidade entre a população, as professoras fundavam seus *collegios femininos* particulares. Um exemplo disso foi identificado através dos anúncios de ‘Mlle. Isabel Mac’Ginity, no Jornal do Comércio do dia 25 de janeiro de 1880 e, após, no dia 07 de janeiro de 1881. Inicialmente, em 1880, a professora oferece aulas particulares e no ano

seguinte, abriu uma escola feminina privada de ensino primário e secundário, denominada “Collegio Victoria”. Seguem os anúncios:

Professora

Mlle. Isabel Mac' Ginity, discipula do collegio das irmãs de caridade de S. Leopoldo, propõe-se a leccionar em collegios ou casas particulares, o francez, inglez ou allemão, a fallar, traduzir e escrever grammaticalmente. Para informações com o Sr. tenente-coronel Joaquim Rasgado, ou com o Sr. Benjamin Guerreiro, rua Andrade Neves n. 107, **Casa de Confiança**.

N. 124 -44

Ilustração 9 – Jornal do Commercio 09 de abril de 1880

Collegio Victoria
98 RUA PAYSANDU' 98

DIRIGIDO POR
Mlle. Isabel Mac-Ginity, ex-alumna do collegio de S. José, em S. Leopoldo, e professora do collegio de Mms. Jeanneret.

A directora d'este collegio previne aos respeitaveis pais de familia que abre as aulas de seu estabelcmento de instrucção primaria e secundaria no dia 10 do corrente. As materias do ensino se compõe:

Ensino primario
Leitura, calligraphia, arithmetica, orthographia, grammatica e systema metrico.

Ensino secundario
Portuguez, francez, inglez, allemão, geographia geral, chorographia do Brazil, analyse, themas de redacção, arithmetica desenvolvida, etc.

Trabalhos de agulha
Crochet, tricot, netting, ponto de marca, flores de papel, la e pennas, bordados em branco, filô, matiz, frôco, ouro e applicação.

Preços

Externas primarias	15\$000	Por trimestres
Ditas secundarias	24\$000	adiantados

Bellas-Artes
Piano, canto e desenho.
Desde o começo das aulas abrir-se-ha uma classe para praticar a fallar o francez, iuglez e allemão.

O ensino das Bellas-Artes é pago separadamente.

N. 48

Ilustração 10 – Jornal do Commercio 07 de janeiro de 1881

Sendo assim, as aulas particulares foram, sem dúvida, uma prática de instrução doméstica comum utilizada no século XIX, que apesar da sua informalidade, principalmente em função da utilização das casas, horários, disciplinas, métodos e valores com combinações diversas, permitiu a 16 professoras localizadas a disputa e conquista de um mercado de trabalho em ascendência. As aulas particulares representaram, nesse sentido, às professoras, um trabalho remunerado, uma forma de ganhar a vida e a credibilidade da clientela. Além disso, as aulas a domicílio significaram a ‘porta de entrada’ para que mulheres recém chegadas de países europeus e platinos iniciassem o seu trabalho como professoras na cidade. Sendo assim, é preciso destacar a importância das aulas particulares na formação e instrução da elite pelotense, da sua constituição nesse momento, como um trabalho significativo para as mulheres nacionais e estrangeiras do século XIX e, além disso, como uma oportunidade de investimento em um projeto mais ambicioso: a criação e a manutenção de uma escola.

São essas escolas, oferecidas por professoras e denominadas de *collegios femininos*, que analiso no próximo capítulo, através dos anúncios de jornais pelotenses.

4. OS COLLEGIOS FEMININOS PARTICULARES EM PELOTAS

Considerando que o século XIX foi aquele em que a escola formal instituída, seja ela estatal ou particular, afirmou seu estatuto de posturas e possibilidades, destituindo progressivamente do lugar ocupado a educação na Casa, apropriando-se dele e mudando suas concepções, pode-se dizer que tal mudança encaminhou o que iria ocorrer no devir e caracterizou o século XX como o cenário em que a escola, como instituição de educação e de ensino, foi vitoriosa e hegemônica (Vasconcelos, 2005, p.225).

A partir da leitura das fontes, foi possível localizar 21 *collegios* de ensino primário e secundário e 21 *directoras*¹⁵, encontrados nos jornais pelotenses, que estão, a seguir, em ordem cronológica dos anos da pesquisa: *Collegio de Meninas – Mme. Berta Jeanneret*; *Collegio Acacia – Maria Malvina de Medeiros*; *Collegio Francez – Mme. Branca Audissou*; *Collegio Santa Rosa – Rosa B. Pinto*; *Collegio Santa Cecilia – Adelaide Rodrigues Patricia*; *Collegio de Instrucção Elementar – D. Amália P. Furtado*; *Collegio Franco Brasileiro – Mme. Lampaignere*; *Collegio Francez – Miss. Mary Milne*; *Collegio Victoria – Isabel Mac’Ginity*; *Collegio Minerva – Emilia Frazão Silveira*; *Collegio Perseveraça – Maria Antonia Mursa*; *Externato Particular – Emilia de Mendonça*; *Elementarschule – Angelina Kleyn*; *Collegio São João – Florinda de Souza Barcellos*; *Collegio Pedro II – Anna Barcellos de*

¹⁵ As ‘directoras’ eram as professoras que criavam e anunciavam seus colégios, destacando-se como diretoras e responsáveis pelos colégios femininos privados.

Moura¹⁶; *Collegio Honra e Trabalho* – D. Maria Luiza de Arruda Pires; *Collegio para Meninas* – Mme. Messeder; *Collegio N. S. da Conceição* – Sra. D. Herminia H. da Rocha; *Externato Nacional* – D.D. Antonia Rochefort e Josephina Laquintinie Queiroz; *Collegio Santa Anna* – Anna Barcellos de Moura; *Collegio Minerva* – Ursula da Silva Lima.

Os nomes dos colégios representavam, além das influências européias, o próprio momento histórico, que primeiramente reverenciava o período imperial e após 1889, com a República, o novo regime. O fim do Império e do poder de Pedro II no Brasil ou a chegada da República podem estar ligado a essas escolhas. A escolha do nome dos colégios, aliás, era uma prática muito semelhante em diferentes lugares do Brasil. Conforme pesquisa de Vasconcelos (2005, p.27), é possível observar no Rio de Janeiro denominações iguais às dos colégios de Pelotas, como: ‘*Collegio de Meninas, Collegio de Intrucção Elementar, Collegio Perseverança, Minerva, Collegio Francez e Portugues*’. Foram nomes que marcaram uma época e estavam, em sua maioria, ligados aos regimes políticos e aos interesses da população.

As escolas, de uma forma geral, dedicavam-se desde as primeiras letras até o ensino secundário. Os anúncios traziam a denominação colégios, sempre centralizada na parte superior dos mesmos, e acompanhada do nome da escola, posteriormente, o currículo, os nomes dos integrantes do corpo docente, os preços cobrados, o endereço, em alguns casos, a habilitação da professora, o sistema: de internato, externato, e semi-internato, não exatamente nesta mesma ordem, e o nome da *directora*. Segue a seguir um exemplo de um anúncio:

¹⁶ A diretora Anna Barcellos de Moura aparece em duas escolas, portanto seriam 21 colégios e 20 diretoras, mas como o colégio Externato Nacional possui duas diretoras, D. D. Antonia Rochefort e Josephina Laquintinie Queiroz, a soma total é 21 colégios e 21 diretoras.

Collegio Acacia

Participo ao respeitavel publico d'esta cidade que realisarei as aulas de meu estabelecimento de educação no dia 7 de Janeiro do anno vindouro.

As materias de ensino serão :

Portuguezas, Francesa, Ingles, Geographia physica e politica,
Cosmographia, Arithmetica, Historia Universal, Musica, Desenho e
trabalhos de agulha.

Nas aulas da historia, como na da geographia, tratar-se-ha com a maxima minuciosidade do Brazil.

Já porque dispoulo em meu estabelecimento de um corpo docente honesto e abalizado, composto dos Srs. José Henrique de Lara Ulrich, Aristides Guidonny, Julio Freire e Sebastião Domingues, e de Mme. Fulcher, já porque minhas alunas todos os annos têm demonstrado em seus exames o adiantamento que adquirem, devido á excellencia do methodo de ensino por mim adoptado, espero continuar a merecer a coadjunção do publico para proseguir na nobre tarefa que empreendi, — a da instrução da infancia feminina d'esta cidade.

Aceto alunas externas, meio-externas e internas.

As externas que comparecerem a aula primaria pagarão mensalmente 5\$000

As que comparecerem a aula secundaria 10\$000

As internas e meio-externas, que frequentem a aula primaria, quer a secundaria, pagarão, as primeiras 40\$000 e as segundas 20\$000.

As alunas de musica e desenho pagarão aos professores d'estas materias o que com elles se convenciar.

A DIRECTORA

Maria Malvina de Medeiros.

N. 885 11)

Ilustração 11 – Diário de Pelotas 07 de janeiro de 1880

Nesse conjunto de anúncios, portanto, as características perceptíveis são: ensino coletivo, dirigido por uma mulher, a diretora da escola; uma ou mais professoras (es) para ministrar as aulas; prédio próprio ou, ainda, espaços como as casas das *directoras* e professoras; dias e horários estipulados; diversas matérias e habilidades em níveis diferenciados de instrução; avaliações finais; preços estipulados, geralmente com pagamentos trimestralmente adiantados e com modalidades de internatos, semi-internatos e externatos.

Além dessas características é preciso considerar que eram espaços específicos para a formação de mulheres. No que se refere às escolas particulares, Anjos também indica em

Pelotas, nesse período, professoras e escolas femininas. E afirma que “os estabelecimentos de ensino, em sua maioria, distinguiam seus alunos por sexo” (2000, p.136), o que estava em Vigência desde a Lei de 1827 que, conforme Tambara e Arriada (2005b, p.25), assinala, no art. 11º, que “haverão escolas de meninas nas cidades e vilas mais populosas, em que os Presidentes e Conselhos julgarem necessário este estabelecimento”. Logo, o período imperial brasileiro é historicamente marcado pela separação da educação masculina e feminina. Em Pelotas, essa separação também é encontrada nas escolas privadas, havia escolas *separadas* para meninas e meninos. São recorrentes os anúncios que destacam o termo “escola feminina”, “collegio de meninas”, “para o sexo feminino”, por um lado e, por outro, “collegios masculinos”, “internatos masculinos”. Segundo Louro, (1997b, p.78), em nosso país:

a escola foi, conduzida pelos mestres jesuítas e dirigida a formação dos meninos brancos da elite. Aos poucos, a instituição viu-se obrigada a acolher outros grupos sociais: os meninos de outras origens e etnias e as meninas. Para atender a esses novos grupos, a escola foi também obrigada a se transformar. No entanto, ela se transformou sem alterar suas características principais: a de se constituir como um espaço *diferenciador*. É importante lembrar que a instituição escolar exerceu, desde seus inícios, uma ação distintiva, uma ação diferenciadora, não apenas para tornar os que nela entravam distintos dos outros (daqueles/as que a ela não tinham acesso), mas também por dividir internamente os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização.

O levantamento dos anúncios permitiu, além de um mapeamento geral das escolas privadas femininas, um conhecimento dessas escolas que anunciavam e que atuavam na formação e instrução das mulheres da época, a percepção de alguns aspectos relacionados ao tempo e circulação dos anúncios dos colégios, e, em alguns casos, o tempo de atuação de alguns colégios. Sendo assim, é a partir desse levantamento e dos indicativos que os anúncios possibilitam que apresento, através do quadro a seguir, as 21 escolas que anunciaram, entre 1875 e 1890, bem como o período de publicação dos anúncios, suas respectivas diretoras, local e matéria (s) que ofereciam:

QUADRO 5

Quantidade de anúncios dos ‘collegios femininos’ 1875-1890, período e publicação, nome dos colégios e fundadoras e matérias oferecidas

Número de anúncios	Período de publicação	Nome dos <i>collegios femininos</i> , das <i>directoras-professoras</i>	Matéria (s) escolares indicadas nos anúncios:
106 anúncios	1875 a 1890	Collegio de Meninas – Directora: Mme. Berta Jeanneret	Portuguez, leitura, allemão, inglez, calligraphia, geographia, historia universal, rethorica, arithmetica, cosmographia, dezenho, francez e trabalhos de agulha, costura e bordado, ponto agulha, etc.
202 anúncios	1875 a 1887	Collegio Acacia – Directora: Maria Malvina de Medeiros	Portuguez (grammatica nacional), francez e geographia (terrestre a astronomica), trabalhos de agulha.
08 anúncios	1875 a 1876	Collegio Francez – Directora: Mme. Audissou – Branca Audissou	Lingua franceza, geographia e historia pátria e universal, contabilidade escripta, e noções scientificas sobre diferentes ramos dos conhecimentos humanos, etc.
20 anúncios	1877 a 1882	Santa Rosa – Directora: Rosa B. Pinto	S/ identificação das matérias.
27 anúncios	1878 a 1882	Santa Cecília – Directora: Adelaide Rodrigues Patricia	Leitura, calligraphia, arithmetica, systema métrico e grammatica portugueza e trabalhos de agulha.
01 anúncio	1878	Collegio de Instrução Elemental – Directora: D. Amalia P. Furtado	1º grão: Lingoa nacional, rudimentos da leitura, calligraphia, leitura adiantada, compendio ortographico, simples operações arithmetica, systema métrico, grammatica de cor; 2º grão: classes de analyse etymologica e lógica, themas sobre redacção, arithmetica desenvolvida, geographia geral e corographiano Brazil.
09 anúncios	1878 a 1879	Collegio Franco Brasileiro – Directora: Mme. Lameignare	Todas as matérias exigidas para uma boa educação, francez, musica vocal, instrumental, dansa, e artes.
06 anúncios	1880	Collegio Francez – Directora: Miss Mary Milne	Primeiro Curso: Leitura (desde as primeiras letras), ecriptura arithmetica, numeração escripta e fallada, regras fundamentais, lições orais de urbanidade, leitura recreativa e fabulas. Segundo curso: Grammatica elemental, arithmetica theorica e pratica, geometria, geographia, historia sagrada, historia do Brazil e botanica. Terceiro curso: Analyse, syntaxe, ortographia, prosódia e metrificação, algrebra e proporções progressivas. Historia natural, historia romana e mythologia, litteratura e correspondencia epistolar, historia universal, geographia descriptiva, economia domestica,

			bordado e tudo quanto pode ser util a uma moça. Idiomas: portuguez, francez, inglez, allemão, hespanhol e italiano. Acessorios: desenho, piano e canto.
65 anúncios	1881 a 1886, 1889 e 1890	Collegio Victoria – Directora: Isabel Mac’ Ginity	Primario: Calligraphia, leitura, noções de arthmetica, grammatica nacional, geographia e historia pátria e trabalhos de agulha. E secundario de portuguez, francez, inglez, allemão, geographia, arithmetica, geometria e bordados, muzica e pianno.
71 anúncios	1882	Collegio Minerva – Directora: Emilia Frazão Silveira	S/ identificação das matérias.
08 anúncios	1883, 1886 e 1889	Collegio Perseverança – Directora: Maria Antonia Mursa	Leitura, desde os mais rudimentos até a mais desenvolvida prosa e verso, calligraphia, arithmtica, systema métrico decimal, doutrina christan, grammatica portugueza e geographia. Secundario: francez, portuguez, exercicios sobre redacção, continuação de arithmetica, historia, geographia geral e patria e desenho.
11 anúncios	1884	Externato Particular – Directora: Emilia de Mendonça	O collegio recebe alumnas primarias e secundarias podendo cursar francez, italiano, historia e geographia. Piano, musica e trabalhos domesticos.
01 anúncio	1886	Elementarschule – Directora: Angelina Kleyne	S/ identificação das matérias.
10 anúncios	1886	Collegio São João – Directora: Florinda de Souza Barcellos	Primario: Leitura, calligraphia, arithmetica, até as quatro operações, grammatica, analyse grammatical, noções de geographia e historia do Brazil. Secundario: portuguez, francez, geographia, arithmetica e historia.
27 anúncios	1886 e 1887	Collegio Pedro II – Directora: Anna Barcello de Moura	Primario: Leitura, calligraphia, arithmetica, até as quatro operações, grammatica, analyse grammatical, noções de geographia e historia do Brazil. Secundario: portuguez, francez, geographia, arithmetica e historia.
04 anúncios	1887 a 1889	Collegio Honra e Trabalho – Directora: D. Maria Luiza de Arruda Pires	Todas as disciplinas que constiueem o ensino primario e secundario.
04 anúncios	1887	Collegio para Meninas – Directora: Mme. Messeder	Primario: leitura, escripta, grammatica portugueza, principios de arithmetica, cathecismo, historia sagrada, desenho linear e costura. Secundario: francez, geographia, cosmographia, mythologia, historia, arithmetica, todos os trabalhos de agulha uteis e agradaveis, elementos de culinaria e cortezia adequadas aos deveres de uma perfeita dona de casa.
09 anúncios	1888	Collegio N. S. da Conceição – Directora: Sra. D. Herminia H. da Rocha	Primario e secundario. Piano, pintura oriental, musica e outras habilidades de agulha.

38 anúncios	1889	Externato Nacional – Directoras: D. D. Antonina Rochefort e Josephina Laquintinie Queiroz	Primario: 1º gráo - Leitura, calculo arithmetica mental, calligraphia, língua materna praticamente, noções de cousas. 2º gráo: grammatica portuguesa, leitura de prosa e verso, calligraphia, geographia do Brazil, arithmetica, noções de geometria, historia pátria e principios de francez. Secundario: lingua portugueza, inclusive noções de litteratura, franceza, ingleza e allemã, e mais noções de geographia, cosmographia, historia do Brazil, historia geral, arithmetica e geometria. Bordados e de todos os trabalhos proprios da mulher como: pianno e canto.
28 anúncios	1890	Collegio Santa Anna – Directora: Anna Barcellos de Moura.	Leitura, calligraphia, arithmetica até as quatro operações, grammatica, analyse grammatical, noções de geographia e historia do Brazil. Trabalhos em agulha, muzica.
01 anúncio	1890	Collegio Minerva – Directora: Ursula da Silva Lima	Portuguez, arithmetica, geographia, francez e allemão, bordados a ouro, seda, froco, e branco, flores de papel, cera, etc.

Os anúncios, além de representar a oferta e, de certa forma, uma demanda pela instrução feminina, demonstram, através das mudanças em relação à quantidade e ao tempo de circulação, os movimentos e as trajetórias desses colégios no período pesquisado. Observa-se que em certos anos havia um número maior de colégios anunciados, o que revela como algumas escolas perduraram e se estabilizaram por longos anos e outras foram sendo sistematicamente substituídas. Apesar dessas diferenças entre a quantidade de anúncios publicados por cada colégio e o seu tempo de duração, é possível apontar o crescimento dos colégios, principalmente após o ano de 1878, quando o número e variação de escolas anunciadas aumentam.

Neste contexto, é possível observar a permanência de dois colégios que se mantiveram anunciando desde os anos de 1875 até o final dos anos 80: o ‘*Collegio de Meninas de Mme. Jeanneret*’ (1875-1890), de Berta Jeanneret, e o ‘*Collegio Acacia*’ (1875-1887), de Maria Malvina de Medeiros. A incidência dos anúncios desses colégios, principalmente o Collegio de Meninas Jeanneret, cujos anúncios aparecem todos os anos da pesquisa, sem dúvida, revela o sucesso dessas escolas na cidade.

Apresento, a seguir, um modelo de anúncio de cada escola – ‘Collegio de Mme. Jeanneret’ e ‘Collegio Acacia’ – entre os diversos modelos de anúncios que as duas escolas publicavam:

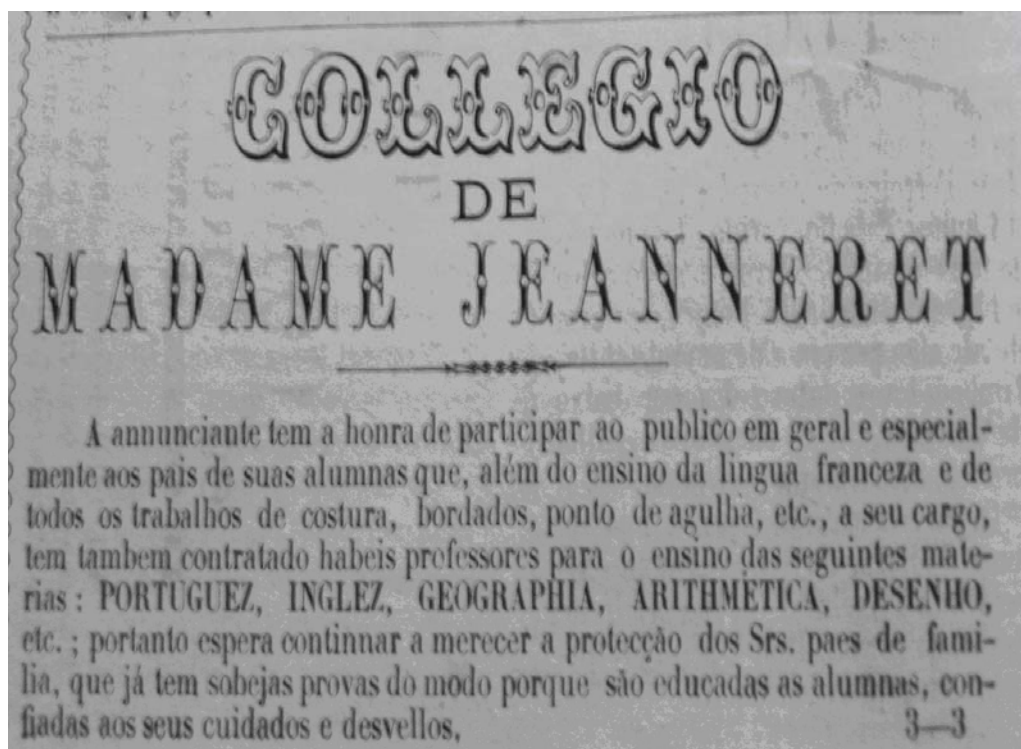


Ilustração 12 – Correio Mercantil, 28 de junho de 1875

**Collegio
Acacia**

Rua Imperador n. 121

Este acreditado estabelecimento de instrução primaria e secundaria reabre suas aulas d 12 do vigente.

O programma das disciplinas é o geralmente adoptado em todos os collegios, sendo ellas transmittidas as alumnas por habéis professores, vantajosamente conhecidos nesta cidade.

As pensões, pagas por trimestre adiantado, tratam se com a directora do estabelecimento, accrescendo que os mezes de Dezembro e Janeiro não soffrem desconto algum, mesmo não frequentando as aulas.

Os exercicios lectivos deste estabelecimento nos fins de anno, presenciados por grande concurso de pessoas, são a melhor garantia para os chefes de familia que queiram collocar uas filhas em um importante collegio.

Pelotas, 1º de Janeiro de 1885.

N. 1015

Ilustração 13 – A Discussão, 05 de novembro de 1885

Foi possível observar uma média de três a sete colégios por ano anunciando, destacando-se os anos de 1878, 1882 e 1889, todos com 6 escolas anunciadas, e o ano de 1886, com 7 escolas anunciadas, ou seja, os períodos que apresentaram um maior número de anúncios de *collegios femininos*. Todavia não eram sempre os mesmos colégios anunciados, com exceção do ‘Collegio de Meninas de Mme. Jeanneret’ e do ‘Collegio Acacia’, todos outros foram sempre alterados, o que pode demonstrar o caráter efêmero dos colégios

femininos particulares. Através da alteração dos próprios anúncios, observa-se que os colégios se mudam e se modificam, com trocas e substituições que revelam certo caráter “rotativo” desses estabelecimentos.

Um exemplo peculiar dessas alternâncias pode ser observado através de dois anúncios do ‘Collegio Pedro II’ e do ‘Collegio Santa Anna’. Esses colégios aparecem em épocas diferentes – o ‘Collegio Pedro II’, em 1886 e 1887, e o ‘Collegio Santa Anna’, em 1889 – dirigidos pela mesma professora e oferecendo o mesmo currículo. Modifica-se, contudo, o nome do colégio, seu endereço e valores. A seguir, o anúncio do ‘*Collegio Pedro II*’, do ano de 1886, e do ‘*Collegio Santa Anna*’, 1889, ambos dirigidos pela professora *Anna Barcellos de Moura*:

**COLLEGIO
PEDRO II**

O edificio em que funciona este estabelecimento de instrução, é junto ao Theatro Sete de Abril, na praça Pedro II n. 22, contendo espaciazas accommodações para receber o maior numero de alumnas internás.

O ensino está dividido em dois cursos, primario e secundario.

O curso primario constará de Leitura, Calligraphia, Arithmetica, até as quatro operações, Grammatica, Analyse grammatical, Noções de geographia e Historia do Brazil.

O curso secundario abrangerá o ensino Portuguez, Francez, Geographia, Arithmetica e Historia.

BELLAS-ARTES

Toda a classe de bordados, rendas de malha, ponto de lan e crochet, trabalhos de coral, de concha, de sôfia, de cortiça, de musgo e desenho oriental.

As pensões serão pagas trimestralmente adiantadas.

Alumnas internas secundarias	110\$000
Alumnas internas primarias	100\$000
Alumnas semi-internas secundarias	60\$000
Alumnas semi-internas primarias	50\$000
Alumnas externas secundarias	25\$000
Alumnas externas primarias	15\$000

O ensino da musica será pago separado.

A directora, em vista dos meios que tem empregado para conter n'este estabelecimento uma direcção moralisadora e intelligente, espera merecer dos Srs. chefes de familia confiança que saberá fazer-se merecedora.

A directora, *Anna Barcellos de Moura*

N. 4184

Ilustração 14 – Correio Mercantil, 25 de dezembro de 1886

Collegio Sta. Anna

O edificio em que funciona este estabelecimento é espaçoso e bem localizado, pois fica a rua 7 de Setembro n. 41 A. tendo em casa da minha residência a rua St. Miguel n. 303 commodidades para receber maior numero de alumnas internas.

O ensino está dividido em dois cursos : primario e secundario.

O curso primario constará de : leitura, calligraphia, arithmetica ate as quatro operações, grammatica, analyse grammatical, noções de geographia e Historia do Brazil.

Bellas artes

Toda a classe de bordados, cordas de malhas, pontos de lã e crochê, trabalhos de coral, de concha, de anlla, do cortico, de musgo e desenho orientado.

As mensalidades serão recolhidas por trimestre adiantado, não descontando-se faltas.

Alumnas internas secundarias	400\$000
» » primarias	80\$000
» semi-internas secundarias	50\$000
» » primarias	30\$000
» externas secundarias	20\$000
» » primarias	15\$000

O ensino da musica será pago em separado.

A directora, em vista dos meios que tem empregado para conter n'esto estabelecimento uma direcção moralisadora e intelligente, espera merecer dos Srs. chefes de familia confiança que lhe ha de fazer se merecedora.

As aulas abrem-se no dia 13 do corrente.

A directora. *Anna Barcellos de Moura.*
(31 Jan)

N. 22

Ilustração 15 – Correio Mercantil, 05 de janeiro de 1890

Estes dois anúncios suscitam uma indagação: qual o interesse, conveniência ou necessidade desta professora em mudar o nome do seu colégio em um período de quatro anos? Por que no ano de 1890 ressurge com as mesmas matérias, mas com um nome diferente para o seu colégio, com outra localização, menor valor exigido e oferecendo sua casa como extensão do internato? Talvez a professora estivesse com dificuldades financeiras, não tivesse clientela, exatamente por isso baixou o valor e acomodou uma parte das alunas na própria casa. Não é

possível com o dado disponível mais do que suposições em relação a esse caso. Contudo, o mais comum para o período da pesquisa é mesmo o “desaparecimento” do anúncio de certas escolas e o “aparecimento” de outras, com diferentes directoras.

Assim, ao identificar uma constante mudança nos anúncios dos *collegios femininos* particulares, tentei agrupar alguns períodos desses colégios a fim de registrar e analisar algumas alterações ou permanências em seus anúncios. Sendo assim, estabeleci três grandes grupos pelo período dos anúncios, enfatizando, novamente, que o ‘*Collegio de Meninas Mme. Jeanneret*’ e o ‘*Collegio Acacia*’ mantiveram-se em todo período da pesquisa. Esta seleção foi sendo delimitada através de um quadro que mostra os períodos de toda a pesquisa.

Nos 16 anos da pesquisa, de 1875 a 1880, que formam o primeiro grupo, foram 08 escolas anunciadas; no período de 1881 a 1886, que corresponde ao segundo grupo, foram 11 colégios anunciados, sete referentes a “novas” escolas e quatro que se mantiveram do período anterior, a saber: ‘Collegio de Meninas Mm. Jeanneret’ e ‘Collegio Acacia’, que anunciaram todos os anos, o ‘Collegio Santa Rosa’, que iniciou em 1877, e o ‘Collegio Santa Cecília’, que iniciou em 1878, permaneceram por dois anos, além do período, ou seja, até 1882; e entre os anos de 1887 e 1890, que constituem o terceiro grupo, foram também 11 escolas femininas anunciando, sendo que 06 são “novas” escolas, e as outras 05 se mantiveram – duas que se encontram no 1º e 2º grupo, ‘Collegio de Meninas Mm. Jeanneret’ e ‘Collegio Acacia’, e três do grupo anterior, ‘Collegio Victoria’, ‘Collegio Perseverança’ e ‘Collegio Pedro II’.

Neste caso, fiz os cortes nos períodos em que houve diminuição de anúncios de determinadas escolas e seu “desaparecimento”, e o aparecimento de outras, apesar de algumas se repetirem nos diferentes grupos, a seguir, o quadro com os colégios e períodos que anunciaram:

QUADRO 6

Nome dos colégios e anos de publicação dos seus respectivos anúncios

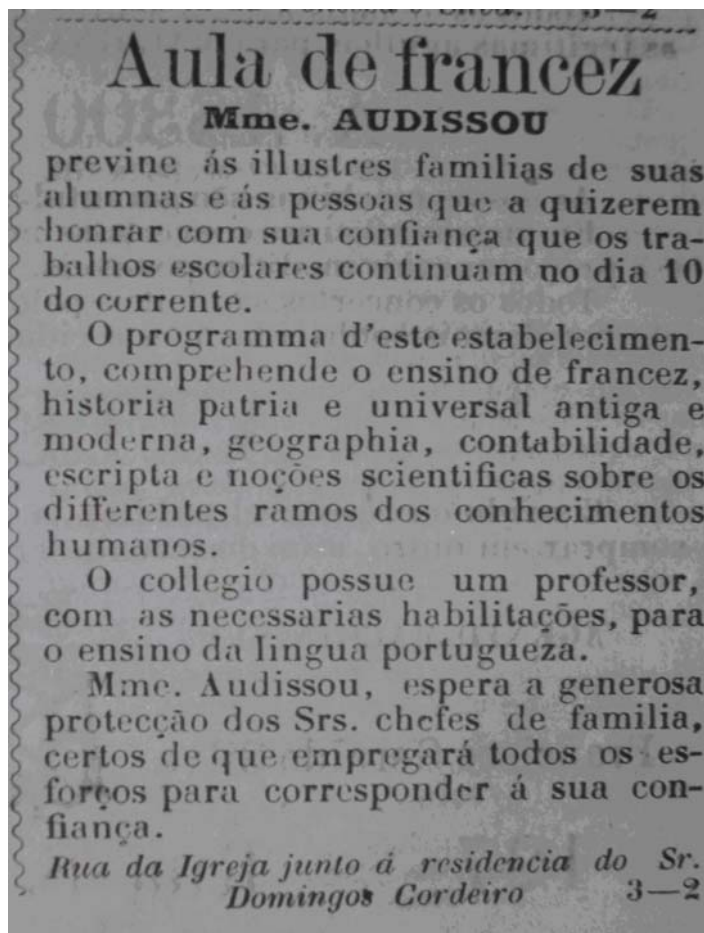
[illegible]

C. Acacia	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	
C. Francez	X	X														
C. Santa Rosa			X	X	X	X	X	X								
C. Santa Cecília				X	X	X	X	X								
C. de Instrução Elementar				X												
C. Franco Brasileiro				X	X											
C. Francez						X										
C. Victoria							X	X	X	X	X	X			X	X
C. Minerva								X								
C. Perseverança									X			X			X	
Externato Particular										X						
Elementarschule												X				
C. São João												X				
C. Pedro II												X	X			
C. Honra e Trabalho													X	X	X	
C. para Meninas													X			
C. N. S. da Conceição														X		
C. Externato Nacional															X	
C. Sta. Anna																X
C. Minerva																X
Total de escolas anunciadas	3	3	3	6	5	5	5	6	4	4	3	7	5	3	6	4

No primeiro grupo, estão as escolas anunciadas entre anos de 1875 e 1880. Nele encontra-se um conjunto de 08 colégios, a saber: *Collegio de Meninas – Mme. Berta Jeanneret*; *Collegio Acacia – Maria Malvina de Medeiros*; *Collegio Francez – Mme. Branca Audissou*; *Collegio Santa Rosa – Rosa B. Pinto*; *Collegio Santa Cecilia – Adelaide Rodrigues Patricia*; *Collegio de Instrucção Elementar – D. Amália P. Furtado*; *Collegio Franco Brasileiro – Mme. Lamaignere*; *Collegio Francez – Miss. Mary Milne*. Apresento a seguir um anúncio de cada colégio deste grupo, sendo que o modelo dos anúncios do Collegio de Mme. Jeanneret e do Collegio Acácia não foram contemplados porque foram anteriormente apresentados. Essa regra, a não repetição da reprodução dos anúncios, será seguida adiante para que não torne o trabalho muito extenso e repetitivo:



Ilustração 16 – Correio Mercantil, 04 de janeiro de 1878



Aula de francez
Mme. AUDISSOU

previne ás illustres familias de suas alumnas e ás pessoas que a quizerem honrar com sua confiança que os trabalhos escolares continuam no dia 10 do corrente.

O programma d'este estabelecimento, comprehende o ensino de francez, historia patria e universal antiga e moderna, geographia, contabilidade, escripta e noções scientificas sobre os differentes ramos dos conhecimentos humanos.

O collegio possui um professor, com as necessarias habilitações, para o ensino da lingua portugueza.

Mme. Audissou, espera a generosa protecção dos Srs. chefes de familia, certos de que empregará todos os esforços para corresponder á sua confiança.

*Rua da Igreja junto á residencia do Sr.
Domingos Cordeiro 3—2*

Ilustração 17 – Correio Mercantil, 10 de janeiro de 1876

**COLLEGIO
SANTA CECILIA**

Adelaide Rodrigues Patricia, directora d'este collegio, participa aos Srs. pais de familia que continúa a receber alumnas, leccionando as seguintes materias.

Ensino primario :
Leitura, calligraphia, arithmetica, systema metrico e grammatica portugueza.

Trabalhos de agulha :
Costuras, crochet, bordados, pontode malha, e trabalhos de lan. Ensina-se tambem a fazer e cortar vestidos e cozer em machina.

O adiantamento em que se acham as alumnas que frequentam este collegio prova evidentemente os esforços empregados pelas professoras para o bom desempenho de seus deveres.

Aceita-se pensionistas e meio-pensionistas por preços razoaveis.

O collegio acha-se estabelecido á rua Paysandú n. 62. 3-2

Ilustração 18 – Correio Mercantil, 22 de janeiro de 1878

**COLLEGIO
DE INSTRUCCÃO ELEMENTAR
PARA O SEXO FEMININO**

Dirigido por D. Amalia P. Furtado

26 RUA SETE DE ABRIL 26

PROSPECTO

O estudo da lingua nacional consta n'este estabelecimento : no 1º grão progressivamente dos rudimentos de leitura, calligraphia, leitura adiantada, compendio orthographico, simples operações arithmetica, systema metrico, grammatica, de cor : no 2º grão comprehende as classes de analyse etymologica e logica, themas sobre redacção, arithmetica desenvolvida, geographia geral e chorographia do Brazil em particular.

Leccionam-se tambem as linguas : franceza e ingleza e toda a sorte de bordados.

São professores os Srs. : Missimi, Benjamin Amaranite, Thomaz King, Arnizant Furtado, e a directora.

A preceptora que hoje tem a honra de fazer um appello ao publico d'esta cidade e especialmente ás distinctas Sras. pelotenses, rogando-lhes uma benevolente protecção e confiança, procurará esmerar-se no cumprimento dos deveres á que se impõe; porque acredita que seus esforços auxiliados pelos referidos professores serão secundados pelos nobres sentimentos das Sras. mães de familia, que sabem contrastar o analphabetismo tendente a desaparecer com os principios solidos da instrucção que surge.

CONDIÇÕES :

Meio-pensionista, frequentando todas as disciplinas ou parte d'ellas por trimestre	60\$000
Externas secundarias inclusive bordado por trimestre	30\$000
Ditas primarias exclusive bordado idem idem	15\$000
Sendo adiantado o pagamento.	(2)

Ilustração 19 – Correio Mercantil, 08 de fevereiro de 1878

PENSIONATO FRANCEZ E PORTUGUEZ
SEXO FEMININO
DIRIGIDO POR
Mme. LAMAIGNERE

Este estabelecimento de instrução primaria e secundaria situado na rua do Imperador, ensina todas as materias exigidas para uma boa educação, e admite pensionistas, meio pensionistas e externas (casa do Exmo. Sr. visconde da Graça).

O professorado d'este estabelecimento recommenda-se pela sua illustração e pratica do magisterio. E' do particular cuidado da directora e de todos os professores, fazer as meninas fallar francez quer nas aulas quer no recreio, podendo assim saberem soffrivelmente esta lingua em pouco tempo.

Ensina se tamem musica vocal, instrumental, dança e mais artes por ajuste particular.

**As aulas prindipiarão a funcionar no dia
15 de agosto proximo.**

(4)

Ilustração 20 – Correio Mercantil, 11 de julho de 1880

COLLEGIO FRANCEZ
RUA DO IMPERADOR N. 98
Dirigido pela Sra. Mary Milne

PROGRAMMA

A applicação paulatina de todos os elementos de ensino aconselhado por uma lingua pratica, nos permite publicar um programma que, aproveitado pelas alumnas que se educam n'este collegio, possa satisfazer os justos desejos dos paes de familia que se propõem dar a suas filhas, uma educação tal, como poderiam receber em os melhores collegios da Europa.

Prim eiro curso
Leitura (desde as primeiras letras), escriptura, arithmetica, numeração escripta e fallada, regras fundamentais, lições oraes de urbanidade, leitura recreativa e fabulas.

Segundo curso
Grammatica elemental, arithmetica theorica e pratica, geometria, geographia, historia sagrada, historia do Brazil e botanica.

Terceiro curso
Analyse, syntaxe, orthographia, prosodia e metrificação, algebra e proporções progressivas.
Historia natural, historia romana e mythologia, litteratura e correspondencia epistolar, historia universal, geographia descriptiva, economia domestica, bordados e tudo quanto possa ser util a uma moça.

Idiomas
Portuguez, francez, inglez, allemão, hespanhol e italiano.

Classes accessorias
Desenho, piano e canto.
Para bem merecer a confiança dos Srs. paes de familia, a directora deste importante estabelecimento de instrucção contractou para leccionar as diversas materias de que se compõe este programma, habilitadissimos professores.

Recebe pensionistas, meias pensionistas e externas.

PROFESSORES
Joaquim Ignacio d'Arnizaut Furtado.
Charles Cantaluppi.
Eduardo Whilhelmy.
Frederico Alberto Trebbi.
Miss Mary Milne.

PREÇOS

Interna, por trimestre	100\$000
Meia pensionista	60\$000
Externa, secundaria	24\$000
" primaria	15\$000

O trimestre é pago adiantado, e não ha nenhum desconto pelas férias, nem por qualquer tempo que as discipulas passam fóra do estabelecimento.
As aulas deste estabelecimento abrir-se-hão no dia 7 de Janeiro proximo futuro.

Pelotas, 30 de Dezembro de 1879.
N. 1,145

A directora, Mary Milne.

10—3

Ilustração 21 – Jornal do Commercio, 30 de novembro de 1880

Neste primeiro grupo, o ano de 1878 é marcante, pois possui o maior número de colégios anunciados, entre eles encontram-se: *Collegio de Meninas* – Mme. Berta Jeanneret; *Collegio Acacia* – Maria Malvina de Medeiros; *Collegio Santa Rosa* – Rosa B. Pinto; *Collegio Santa Cecilia* – Adelaide Rodrigues Patricia; *Collegio de Instrucção Elemental* – D. Amália P. Furtado; *Collegio Franco Brasileiro* – Mme. Lamaignere.

O segundo grupo pode ser considerado a partir do ano de 1881, com o ‘Collegio Victoria’, até 1886. O ápice desse grupo foi o ano de 1886, quando a quantidade de colégios femininos anunciando atinge um total de 7 escolas, mostrando uma significativa incidência desses colégios na cidade de Pelotas. Neste segundo grupo, de 1881 a 1886, encontrei no total 11 colégios, entre os quais encontram-se: *Collegio de Meninas – Mme. Berta Jeanneret*; *Collegio Acacia – Maria Malvina de Medeiros*; *Collegio Santa Rosa – Rosa B. Pinto*; *Collegio Santa Cecilia – Adelaide Rodrigues Patricia*; *Collegio Victoria – Isabel Mac Ginity*; *Collegio Minerva – Emilia Frazão Silveira*; *Collegio Perseveraça – Maria Antonia Mursa*; *Externato Particular – Emilia de Mendonça*; *Elementarschule – Angelina Kleyn*; *Collegio São João – Florinda de Souza Barcellos*; *Collegio Pedro II – Anna Barcellos de Moura*.

Nesse período, em relação ao primeiro grupo e período delimitado, é possível perceber que não são os mesmo colégios. Excetuando o ‘Collegio de Mme. Jeanneret’ e o ‘Collegio Acacia’, que permanecem sempre, e os colégios Santa Rosa e Santa Cecília, que param de anunciar em 1882, são totalizadas 07 “novas” escolas, ou seja, são outros colégios e professoras anunciados, além disso, o ano de 1886 marca o ano em que um maior número de escolas anunciam simultaneamente nos jornais. Vasconcelos também percebe essa prática do aumento significativo de anúncios no Rio de Janeiro, segundo a autora “*no limiar do Império do Brasil, estas práticas não só continuavam a ser bastante aceitas e utilizadas na educação de jovens e adultos como multiplicam sua abrangência em atendimento.*” (2005, p.40)

A propaganda, neste período, já havia se instituído como uma prática comum na educação privada, com um discurso que contribuía na expansão de importantes colégios e solidificação da instrução feminina. Entre os colégios femininos privados que anunciavam, deste segundo grupo estão:

Collegio Victoria
98 RUA PAYSANDU' 98

DIRIGIDO POR
 M^{te}. Izabel Mac-Gnity, ex-alumna do collegio de S. José, em S. Leopoldo, e professora do collegio de M^{tes}. Jeanneret.

A directora d'este collegio previne aos respeitaveis pais de familia que abre as aulas de seu estabelecimento de instrucção primaria e secundaria no dia 10 do corrente. As materias do ensino se compõe :

Ensino primario
 Leitura, calligraphia, arithmetica, orthographia, grammatica e systema metrico.

Ensino secundario
 Portuguez, francez, inglez, allemão, geographia geral, chorographia do Brazil, analyse, themas de redacção, arithmetica desenvolvida, etc.

Trabalhos de agulha
 Crochet, tricot, netting, ponto de marca, flores de papel, lã e pennas, bordados em branco, filó, matiz, fróco, ouro e applicação.

Preços

Externas primarias	15\$000		Por trimestres
Ditas secundarias	24\$000		adiantados

Bellas-Artes
 Piano, canto e desenho.
 Desde o começo das aulas abrir-se-ha uma classe para praticar a falar o francez, inglez e allemão.

O ensino das Bellas-Artes é pago separadamente. N. 48

Ilustração 22 – Jornal do Commercio, 07 de janeiro de 1881

COLLEGIO MINERVA
 DIRECTORA
EMILIA FRAZÃO SILVEIRA
 Rua General Victorino n. 80

Este estabelecimento de instrução para o sexo feminino abrirá as suas aulas no dia 2 de Abril proximo futuro.

Professores r
 Heitorio Jorge de Oliveira Marques
 Albino da Silva Silveira

CONDIÇÕES :

Alumna secundaria	30\$000 por semestre
Idem primaria	12\$000 por trimestre

Os trabalhos de agulha são pagos adiantados.

A directora, *Emilia Frazão Silveira*.

N. 646 -3

Ilustração 23 – Jornal do Commercio, 12 de março de 1882

COLLEGIO
PERSEVERANÇA
 DIRIGIDO POR
MARIA ANTONIA MURSA
 Rua 7 de Setembro n. 58 (sobrado)

Reabrem-se a 10 de Janeiro, as aulas d'este estabelecimento de instrução primaria e secundaria para o sexo feminino

CORPO DOCENTE
 Carlos A. Laquintinie.
 Bernardo Taveira Junior.
 Maria Imbert.
 Deolinda de Freitas.
 Maria Antonia Mursa.

N. 1195 10-1

Ilustração 24 – Correio Mercantil, 27 de dezembro de 1883

ANNUNCIOS

EXTERNATO PARTICULAR

DIRIGIDO POR
O. Emilia de Mendonça
 Professora aprovada pela
Instrução Publica da Côrte
 307 RUA S. MIGUEL 307

N'este estabelecimento recebem-se alumnas primarias e secundarias, podendo estas cursar as aulas de francez, italiano, historia e geographia.

A directora ensina tambem piano e musica seguindo um methodo moderno adoptado pelos mais abalissados professores.

Nos intervallos das classes as alumnas aprenderão os trabalhos domesticos indispensaveis a uma senhora, taes como : coser, marcar, bordar, cortar, fazer rendas, etc., etc.

CONTRIBUIÇÕES

TRIMESTRE	
Alumna primaria	15\$000
Alumna secundaria	30\$000
MEZ	
Piano e musica	20\$009

Rua S. Miguel n. 307
 (30 de Junho.)

Elementärschule für Mädchen

Am 7 Januar 86 wird hier unter Leitung des Lehrers Wilhelmy und der Frau Angelina Kleyn eine Mädchenschule mit Pensionat eröffnet.

Näheres bei Wilhelmy
 RUA DO IMPERADOR N. 103, PELOTAS
 N. 7

Ilustração 25 – A Discussão, 02 de janeiro de 1885
 de janeiro de 1886¹⁷

Ilustração 26 – Correio Mercantil, 05

¹⁷ Escola Elementar para meninas

No dia 7 de janeiro de 1886 o Senhor Niro sob a direção desta, com os professores Wilhelmy e a Senhora Anelina Kleyn inauguram a escola de meninas com pensionato.
 Mais informações com Wilhelmy

Collegio S. João

O edificio em que funciona este estabelecimento de instrucção accao de passar por importantes reformas, contendo actualmente espaciaosas accommodações para receber um regular numero de alumnas internas.

O ensino será dividido em dois cursos : primario e secundario.

O curso primario constará de leitura, calligraphia, arithmetica até ás quatro operações, grammatica, analyse grammatical, noções de geographia e historia do Brazil.

O curso secundario abrangerá o ensino de portuguez, francez, geographia, arithmetica e historia.

Bellas-Artes

Toda a classe de bordados, renda de malha, pontos de lan, e crochet.

As pensões serão pagas trimestralmente adiantadas.

Alumnas internas secundarias.....	110\$000
Alumnas internas primarias.....	100\$000
Alumnas semi-internas secundarias.....	60\$000
Alumnas semi-internas primarias.....	50\$000
Alumnas externas secundarias.....	30\$000
Alumnas externas primarias.....	15\$0 0

O ensino da musica e piano será pago em separado.

A directora, em vista dos esforços que tem empregado para imprimir a este estabelecimento uma direcção moralisadora e intelligente, espera continuar a merecer dos Srs. chefes de familia a confiança que até o presente tem sido honrada.

A directora, *Florinda de Souza Barcellos*.

N. 1035 4-1

Ilustração 27 – Correio Mercantil, 19 de maio de 1886

COLLEGIO PEDRO II

O edificio em que funciona este estabelecimento de instrucção, á junto ao Theatro Soto de Abril, na praça Pedro II n. 22, contendo espaciaosas accommodações para receber o maior numero de alumnas internas.

O ensino está dividido em dois cursos, primario e secundario.

O curso primario constará de Leitura, Calligraphia, Arithmetica, até as quatro operações, Grammatica, Analyse grammatical, Noções de geographia e Historia do Brazil.

O curso secundario abrangerá o ensino Portuguez, Francez, Geographia, Arithmetica e Historia.

BELLAS-ARTES

Toda a classe de bordados, rendas de malha, ponto de lan e crochet, trabalhos de coral, de concha, de sôla, de cortiça, de musgo e desenho oriental.

As pensões serão pagas trimestralmente adiantadas.

Alumnas internas secundarias	110\$000
Alumnas internas primarias	100\$000
Alumnas semi-internas secundarias	60\$000
Alumnas semi-internas primarias	50\$000
Alumnas externas secundarias	25\$000
Alumnas externas primarias	15\$000

O ensino da musica será pago separado.

A directora, em vista dos meios que tem empregado para conter n'este estabelecimento uma direcção moralisadora e intelligente, espera merecer dos Srs. chefes de familia confiança que saberá fazer-se merecedora.

A directora, *Anna Barcellos de Moura*

N. 1181

Ilustração 28 – Correio Mercantil, 25 de dezembro de 1886

O terceiro grupo vai de 1887 a 1890. Nele, também, é possível registrar 11 *collegios femininos*, com destaque para o ano de 1889, com 6 colégios anunciados paralelamente. Os colégios que anunciaram entre 1887 e 1890 são: *Collegio de Meninas de Mme. Jeanneret* – Berta Jeanneret; *Collegio Acácia* – Maria Malvina de Medeiros; *Collegio Victoria* – Isabel Mac’Ginity; *Collegio Perseverança* – Maria Antonia Mursa; *Collegio Pedro II* – Anna Barcellos de Moura; *Collegio Honra e Trabalho* – Maria Luiza de Arruda Pires; *Collegio para Meninas* – Mme. Messeder; *Collegio N. S. da Conceição* – D. Herminia H. da Rocha; *Externato Nacional* – Antonia Rochefort e Josephina Laquintinie Queiroz; *Collegio Santa Anna* – Anna Barcellos de Moura; *Collegio Minerva* – Ursula da Silva Lima.

A seguir, apresento os anúncios dos *collegios femininos* do terceiro grupo que marcaram os jornais pelotenses, novamente não repetirei anúncios apresentados anteriormente, somente do ‘Collegio de Mme. Jeanneret’ porque muda seu modelo:



Ilustração 29 – Diário de Pelotas, 20 de dezembro de 1887

Collegio Sta. Anna

O edificio em que funciona este estabelecimento é espaçoso e bem localizado, para nos a rua 7 de Setembro n. 41 A, tendo em casa a minha residência a rua St. Miguel n. 303 commodidades para receber maior numero de alumnas internas.

O ensino está dividido em dois cursos : primario e secundario.

O curso primario constará de : leitura, calligraphia, arithmetica ate as quatro operações, grammatica, analyse grammatical, noções de geographia e Historia do Brazil.

Bellas artes

Toda a classe de bordados, cordas de malhas, pontos de 12 e crochê, trabalhos de coral, de concha, de salla, do cortico, de musgo e desenho orientado.

As mensalidades serão recebidas por trimestre adiantado, não descontando-se faltas.

Alumnas internas secundarias	40\$000
" " primarias	80\$000
" semi-internas secundarias	50\$000
" " primarias	50\$000
Alumnas externas secundarias	20\$000
" " primarias	15\$000

O ensino da musica será pago em separado.

A directora, em vista dos meios que tem empregado para conter n'esto estabelecimento uma direcção moralisadora e intelligente, espera merecer dos Srs. chefes de familia confiança que lhe fará fazer as merecedoras.

As aulas abrem-se no dia 13 do corrente.

A directora, *Anna Barcellos de Moura*,
(31 Jan)

N. 62

Ilustração 30 – Correio Mercantil, 05 de janeiro de 1890

COLLEGIO

A professora Mme. Messeder, approvada pelo conselho director da Instrucção Publica de Paris (e tendo á disposição das pessoas que quizerem certificar-se d'isso os referidos diplomas), tem a honra de participar aos Srs. paes de familia que acaba de abrir n'esta cidade um collegio para meninas á rua do Imperador n. 200 ; receberá pensionistas e externas.

O ensino divide-se em aula primaria e secundaria.

O ensino primario comprehende : Leitura, escripta, grammatica portugueza, principios de arithmetica, cathecismo, historia sagrada, desenho linear, costura.

O ensino secundario : Francez, geographia, cosmographia, mythologia, historia, arithmetica, todos os trabalhos de agulha uteis e agradaveis, elementos de civilidade e cortezia adequados aos deveres de uma perfeita dona de casa.

Preços

Pensionista	35\$000
Meio-pensionista	20\$000
As externas da aula primaria	5\$000
As da secundaria	10\$000

Piano e desenho separado.

Mme. Messeder, coadjuvada por suas filhas e por peritos professores, garante o cuidado e desvelo necessarios n'esta profissão, que tem adquirido na longa pratica do ensino.

Dá-se lições particulares de francez, inglez e piano no collegio ou em casas particulares.

As aulas abrir-se-hão no dia 9 de Janeiro.

N. 2496

8—1

COLLEGIO

N. S. da Conceição

DIRIGIDO PELA SRA.

D. Germinia F. da Rocha

A proprietaria d'este novo estabelecimento de instrucção competente-mente habilitada para o exercicio do magisterio espera merecer a coadjuvação de todos os paes de familias dispensando-lhes o ensino de suas filhas.

Lenciona-se todas as materias do ensino primario e todas do secundario ; assim como : piano, pintura oriental, musica e outros trabalhos de agulha.

As condições de pensões serão apresentadas pela directora em sua residencia á

Rua Gonçalves Chaves n. 160

N. B.— As aulas começarão á funcionar no dia 10 do corrente.

Ilustração 31 – Correio Mercantil,
11 de dezembro de 1887

Ilustração 32 – A Pátria, 05 de janeiro de 1888

ANNUNCIOS
COLLEGIO
HONRA E TRABALHO
169 Rua do Imperador 169

Impulsionada por essa vontade que nos deu o germinio a prestar um serviço a terra natal, resolvei fundar nesta cidade um estabelecimento de educação e instrução para o sexo feminino, com a denominação acima.

O collegio *Honra e Trabalho*, sob minha direcção, terá as moças da mais severa moralidade e as alumnas confiadas aos meus cuidados encontrarão em mim a ternura maternal, de que tanto carecem.

PROGRAMMA

O collegio se encarrega, sob um methodo especial e sã direcção, de todas as disciplinas que constituem o ensino primario e secundario.

Recebe alumnos do sexo masculino que não tenham mais de dez annos de idade.

As pensões trimestraes, são:

Pensionista primario ou secundario	100\$000
Meto pensionista, idem	50\$000
Externo secundario	30\$000
Idem primario	15\$000

São professoras as Srs. Bento José T. Vitor, a Exma. Sra. D. Mathilde Figueira, Francisco de Paula Pires e a directora.

As aulas foram abertas hoje, 10 do corrente.

Pelotas, 10 de Janeiro de 1887.
A directora
Maria Luiza Arruda Pires.
N. 22 10 1

Ilustração 33 – Diário de Pelotas,
11 de janeiro de 1887

Externato Nacional
Fundado pelos directores do Collegio Evolução

Este novo estabelecimento de instrução primaria e secundaria para o sexo feminino começará a funcionar a 1^a de Fevereiro do corrente anno, no espichado sobrado n. 177 situado á rua Felix da Cunha (antiga do Imperador).

Aceita alumnas mediante as contribuições seguintes, pagas por trimestres adiantados:

Curso primario (1 ^o grão)	15\$000
> (2 ^o grão)	24\$000
> secundario	36\$000

Além da contribuição cada alumna pagará uma joia annual de 6\$000

No curso primario ensina-se: 1^o grão—Leitura, calculo arithmetico mental, calligraphia, lingua materna praticamente, noções de cousas; 2^o grão — Grammatica portugueza, leitura de prosa e verso, calligraphia, geographia do Brazil, arithmetica, noções de geometria, historia patria e principios da franceza.

O curso secundario abrange o estudo das linguas portugueza, inclusive noções de litteratura, franceza, ingleza e allemã e mais de geographia, cosmographia, historia do Brazil, historia geral, arithmetica e geometria.

O estudo de bordados e de todos os trabalhos proprios da mulher, bem como de piano e canto, será pago em separado.

As aulas serão regidas pelas professoras Antonina Rochefort e Josephina Laquintinie Queiroz, auxiliadas por Luiz Carlos Massot e Affonso E. Massot.

N. 166 A directora, Josephina Laquintinie Queiroz.
(22 Fev.)
chita de costura, salm, todos

Ilustração 34 – Correio Mercantil,
21 de março de 1889

Assim, constato que o maior número de escolas anunciadas foi no ano de 1886, com 7 colégios anunciando. O que pode-se afirmar, após verificar este quadro, é, por um lado, a permanência do ‘Collegio de Meninas de Mme. Jeanneret’ e do ‘Collegio Acacia’; o ‘Collegio de Meninas de Mme. Jeanneret’, destaca-se como o maior investidor em tempo de anunciante, 1875-1890, e o ‘Collegio Acacia’, como o maior investidor em número de anúncios, até o ano de 1889 publicou 202 anúncios. Por outro lado, nota-se uma constante substituição dos colégios e suas directoras. Além disso, verifica-se uma média estimável de 5 a 7 escolas anunciadas por ano. A presença dessas escolas no cenário educativo local

demonstra que os *collegios femininos* foram se tornando espaços importantes na formação da elite pelotense e contribuíram para legitimar o ensino privado na cidade.

Por fim, pode-se destacar o caráter “rotativo” das escolas. A divisão por grupos se deu exatamente para mostrar que as escolas que anunciavam nos primeiros anos da pesquisa, com exceção do ‘Collegio de Meninas Jeanneret’ e do ‘Collegio Acacia’, se alteraram em relação aos anos finais da pesquisa, revelando que talvez as escolas tivessem um caráter efêmero, passageiro e/ou pouco duradouro.

4.1 O currículo: os conhecimentos anunciados

No que diz respeito às matérias escolares nos anúncios, observa-se que, na sua maioria, traziam destaque para o “programa escolar”, ou seja, mencionavam as diversas matérias para os diferentes níveis de ensino, divididos, geralmente, em ensino primário e secundário. Diferentemente das aulas particulares, que geralmente atendiam aos interesses das famílias, os colégios particulares já traziam estipuladas as matérias que seriam ministradas.

A partir dos anúncios dos *collegios femininos*, foi possível perceber que, entre os anos de 1875 e 1880, a quantidade de matérias oferecidas era menor em relação à década final da pesquisa e com características do ensino elementar. Para comprovar essa afirmação, apresento alguns exemplos: o anúncio da professora Mme. Jeanneret, no Jornal Correio Mercantil do ano de 1875, no qual as matérias oferecidas eram “francez, portuguez, inglez, geographia, arithmetica, desenho, costura, bordados e pontos de agulha”; no ‘Collegio Francez’, de Mme. Audissou, em 1876, “francez, historia pátria e universal antiga e moderna, geographia, contabilidade scripta e noções scientificas sobre os diferentes ramos dos conhecimentos humanos, língua portuguesa”; e no colégio ‘Santa Cecília’, em 1878, as matérias de “leitura, calligraphia, arithmetica, systema métrico, grammatica portugueza e trabalhos de agulha”.

Após 1878 as matérias foram sendo divididas em dois níveis de ensino que reuniam, além das matérias escolares, os trabalhos manuais e alguns conhecimentos específicos. Em 1878, o ‘Collegio de Instrução Elementar’ começa a utilizar a divisão do ensino com terminações de 1º e 2º graus. As matérias oferecidas nos anúncios eram:

1º grau: Lingoa nacional, rudimentos da leitura, calligraphia, leitura adiantada, compendio orthographico, simples operações arithmetica, systema métrico, grammatica de cor; 2º grau: classes de analyse etymologica e lógica, themas sobre redacção, arithmetica desenvolvida, geographia geral e corographiano Brazil (Correio Mercantil, 07/02/1878).

Mas o que predominou nos anúncios, depois de 1878, foram os termos ensino primário e secundário, como forma de organização escolar. Conforme Schneider (1993, p.319), essa divisão no ensino foi efetuada a partir de 1876, com o novo Regulamento da Instrução Pública:

“surge, em 1876, novo Regulamento da Instrução Pública, conforme Ato da Presidência de 22 de fevereiro e alterado pela Lei de 20 de maio do mesmo ano. Esse regulamento dividiu as escolas públicas primárias em duas classes, as escolas de 1º grau, de instrução elementar, e as escolas de 2º grau, de instrução primária superior. As escolas do 1º grau compreenderiam o ensino de: leitura, caligrafia, princípios de moral cristã, aritmética até proporções, gramática nacional e análise gramatical, o ensino das coisas. As escolas de 2º grau compreenderiam, além das matérias do 1º grau, o ensino de: regência em prosadores, exercícios de composições, tanto sobre pontos de gramática como sobre outros assuntos, continuação da aritmética das aplicações práticas de sistema métrico e das proporções, elementos de geografia em geral, corografia e história do Brasil, geometria prática e continuação do ensino as coisas.

E segue:

Um novo regulamento do ensino primário, em 1881, dividiu as escolas públicas em tres categorias, conforme o grau de ensino - 1º grau ou preliminar, 2º grau ou elementar e 3º grau ou complementar (1993, p.367).

Sendo assim, ao compararmos o Regulamento da Instrução Pública com o programa curricular das escolas particulares, verifica-se que ambos coincidiam em algumas matérias, principalmente leitura, português, caligrafia, aritmética e o *ensino das cousas*. Em 1879, alguns das matérias das escolas públicas foram substituídas, conforme a Lei Leôncio de Carvalho, no decreto – N.7247 de 19 de abril de 1879, as matérias eram:

instrucção moral, instrucção religiosa, leitura, escripta, noções de cousas, noções essenciaes de grammatica, principios elementares de arithmetica, systema legal de elementos pesos e medidas, noções de historia e geographia

do Brasil, elementos de desenho linear, rudimentos da musica, com exercicios de solfejo e canto, gymnastica, costura simples (para as meninas) (In: Tambara e Arriada, 2005b, p.77).

Percebe-se, assim, pelos sucessivos regulamentos de ensino público, que as matérias eram substancialmente alteradas. Além disso, é possível perceber que, no currículo do ensino primário dos *collegios femininos* particulares, algumas matérias são similares às matérias ministradas na escola pública, como afirmei. Apesar dessas similaridades, percebe-se a instrução religiosa, prescrita no currículo do ensino público, como uma matéria que na maioria dos anúncios das escolas particulares não era oferecida; apenas o ‘Collegio Perseverança’ ofereceu, em 1886, “doutrina christan” e o ‘Collegio para Meninas’, de Mme. Messeder, em 1887, ofereceu “cathecismo”. Isso indica que provavelmente a maioria dos colégios particulares ofereceria um ensino laico, não religioso.

Esse indicador da tendência do ensino feminino laico em Pelotas é contrário ao que ocorreu na educação do Brasil imperial de uma forma geral. Conforme Cury (2005, p.7), a “igreja católica é uma destinatária da educação” e “da abertura de colégios”, até mesmo por sua condição, posta o ordenamento jurídico, de religião oficial do Reino e, depois, do Império”. E segue afirmando que a igreja católica manteve, nessa época, uma ligação urbana, “especialmente no setor de assistência social com destaque a orfanatos, asilos e santas casas de misericórdia. Essa característica assistencialista da Igreja combinou-se com a educação das elites em colégios e instituições” (2005, p.7). Severino (2005, p.32) também faz essa observação, dizendo que “do início da colonização até a Revolução de 1930”, a “educação, ao longo da Colônia, do Império e das primeiras décadas da República, fica totalmente entregue ao domínio da Igreja. A educação quase se confunde com evangelização católica”. Os autores indicam, portanto, um predomínio da igreja, especialmente a católica, na educação das elites. Contrariamente a esse predomínio no Brasil, o ensino feminino privado em Pelotas, entre 1875-1890, era laico, o que pode ser verificado nos anúncios de jornais de uma forma geral é a inexistência de igrejas e congregações na educação feminina e a ausência do ensino religioso nos próprios currículos das escolas privadas. Embora o ensino religioso fosse matéria na educação pública, nas escolas particulares femininas essa matéria apareceu em apenas dois colégios dos 21 anunciados.

Outra característica marcante dos anúncios dos colégios particulares em relação ao ensino público é a diversidade de matérias oferecidas, principalmente o francez e outras

línguas como, por exemplo, o *inglês, o italiano e o alemão*; das matérias como *desenho, piano, canto, música vocal, instrumental, dança e artes*; e de matérias denominadas ‘*Bellas Artes*’, como *bordados, costura, trabalhos de agulha, de mão e de machão, crochê, economia doméstica, renda de malhas, pontos de lã, trabalho de coral, de canção, de sã, de cortiça, de musgo, de cortiça, desenho oriental, flores de papel, cera*, ou seja, uma diversidade de matérias, muitas delas específicas à educação da mulher. Os *colégios femininos* se destacam, nesse momento, pela diversidade na oferta de matérias com conhecimentos para a formação intelectual, literária e doméstica das mulheres. Conforme Louro (1997a), na virada do século XIX para o XX, uma das características desse modelo de ensino era a preparação das moças com destino ao lar:

Para as filhas de grupos sociais privilegiados, o ensino da leitura, da escrita e das noções básicas da matemática era geralmente contemplado pelo aprendizado do piano e do francês que, na maior parte dos casos, era ministrado em suas próprias casas por professoras particulares, ou *em escolas religiosas*. As habilidades com agulha, os bordados, as rendas, as habilidades culinárias, bem como as habilidades de mando das criadas e serviçais, também faziam parte da educação das moças; acrescida de elementos que pudessem torná-las uma companhia mais agradável ao marido (Louro, 1997a, p.446) (Grifos meus).

O que é possível deduzir desses objetivos de educar e instruir o sexo feminino é o intuito de oferecer às mulheres um ensino voltado aos trabalhos do lar, como a primeira educação dos filhos, os cuidados com a casa, o desenvolvimento de habilidades manuais e artísticas, além de atividades literárias, como as leituras em diferentes idiomas; conhecimentos para o convívio no lar e na sociedade que, de certa forma, exigia um tipo de formação voltado especificamente a determinado grupo social, a elite.

Essa variedade de conhecimentos e habilidades referidas nos anúncios para a educação feminina, apesar de oferecer uma instrução variada para as mulheres, é, também, uma educação baseada na diferença entre os sexos. Mesmo que buscando ampliar as matérias em relação ao ensino público, a educação nos *colégios femininos* particulares estava vinculada às circunstâncias históricas específicas que separavam e diferenciavam as mulheres dos homens e ofereciam oportunidades de conhecimentos diferenciados. Embora recebendo uma instrução de certa forma mais completa que a das aulas públicas do sexo feminino, as mulheres educadas nos colégios femininos privados continuavam sendo instruídas de forma diferente dos homens. Isso pode ser percebido, por exemplo, conforme anúncio de um colégio

masculino, o Collegio Evolução, publicado no jornal Correio Mercantil, do dia 28/04/1887. Segundo esse anúncio, as matérias oferecidas, além das do curso primário, eram: *educação physica a par da intelectual a moral, proporcionado aos alumnos toda a sorte de exerícios, como sejam passeios, natação, gymnastica e jogos*. E ainda ofereciam um *Curso Commercial* à noite, com as matérias de *allemão, italiano, francez, inglez, aritmhetica e escripturação mercantil*. Ao comparar as matérias oferecidas pelos colégios particulares femininos e masculinos, percebe-se que, assim como na comparação entre escola pública e particular, as matérias do ensino primário se assemelham, sendo a partir do ensino secundário que as habilidades específicas para meninos e meninas se diferenciam. O anúncio do Colégio Reis, outro colégio masculino do mesmo período, traz como matérias do ensino primário: *“leitura, grammatica nacional, calligraphia, aritmética, systema métrico, geographia, historia pátria, desenho linear, doutrina christan, etc.* E do ensino secundário: *‘latin, portuguez, francez, inglez, allemão, grego, historia, geographia, arithmetica, mathematicas, historia natural, physica, chimica, rethorica, philosophia’*. (Correio Mercantil, 27/07/1875). Assim, percebe-se que as matérias de economia doméstica, bordados, costura, piano, canto e musica instrumental eram matérias prioritariamente ministradas para as mulheres; e as matérias de *philosophia, mathematicas, escripturação mercantil, rethorica, etc.* eram matérias ministradas aos homens.

No ensino secundário, a exigência era por outros conhecimentos mais ampliados. São perceptíveis, nessa fase da instrução feminina, as maiores diferenças entre os conhecimentos oferecidos pelas escolas públicas e particulares. Fazendo um apanhado das matérias anunciadas no ensino secundário pelas escolas particulares femininas é possível encontrar disciplinas variadas, porém as mais recorrentes são: *francez, portuguez, noções de litteratura, geographia, cosmographia, mytologia, historia geral, historia natural, historia romana, historia universal, analyse, sintaxe, ortographia, prosódia e metrificação, algebra e proporções progressivas, arithmetica, allemã, italiana, economia domestica, bordados e tudo quanto pode ser útil a uma moça*. E nas escolas públicas, conforme a Lei Leôncio de Carvalho, de 1879, encontram-se:

princípios elementares de algebra e geometria, noções de physyca, chimica e historia natural, com explicações de suas principaes applicações a industria e aos usos da vida, noções geraes dos deveres do homem e do cidadão, com explicação succinta da organização politica do imperio, noções de lavoura e horticultura, noções de economia social (para os meninos), pratica manual dos officios (para meninos), trabalhos de agulha para meninas (In: Tambara e Arriada, 2005b, p.77).

Nesse sentido, é possível observar alguns elementos importantes. A diferença de gênero, novamente, estava explícita nas matérias oferecidas às moças, tanto no ensino público, quanto no privado, através do ensino das matérias como: “*economia domestica, bordados e tudo quanto pode ser útil a uma moça*” e aos meninos: *noções de lavoura, horticultura, economia social ou pratica manual de officios*.

É preciso considerar os colégios particulares femininos, sem dúvida, como um espaço educativo privilegiado para a formação da elite feminina pelotense. Era um ensino que, além da oferta das matérias básicas do ensino primário e secundário, ampliava o currículo com a oferta de várias matérias e habilidades como, por exemplo, aprendizagens de instrumentos musicais, dança, canto, diferentes idiomas (inglês, francês, italiano, alemão); matérias que eram valorizadas pela própria influência européia na cidade e devido à inserção das professoras estrangeiras, vindas principalmente da Europa. Nesse sentido pode-se dizer que os programas escolares eram acrescidos de saberes valorizados e práticas vivenciadas pela elite pelotense.

A ênfase na língua francesa nos currículos dos colégios femininos se caracteriza como um dos “passaportes” para o mundo social e cultural da sociedade pelotense. Segundo Peres (2002, p.144), as aulas de francês “revelam o caráter francófilo da sociedade pelotense. Tudo que vinha da França tinha um status superior, a elite pelotense era aficcionada pela vida francesa”. E segue:

Os jornais pelotenses guardam registros muito interessantes sobre o uso da língua francesa na cidade no final do século XIX e primeiras décadas do século XX. Era comum, em atividades sociais – e certamente na vida familiar –, que a elite fizesse uso do francês. Muitos convites de casamentos, menus de jantares e de casamentos, listas de presentes divulgadas na imprensa, programações de saraus, de concertos, das peças de teatro, eram impressas em português e francês ou apenas na segunda língua (Peres, 2002, p. 144).

Nesse sentido, é possível destacar um mundo privado, um universo letrado que ostentava conhecimentos que não eram certamente do domínio de toda a sociedade, mas de algumas mulheres da elite que eram estimuladas a ler e declamar em francês. Conforme Bastos (2002a, p.223), “no Brasil, o século XIX pode ser considerado como um século de francofonia por excelência, onde a nossa cultura absorveu tudo ou quase tudo o que se produzia na França”, principalmente “na área da educação, a influência francesa é

extremamente significativa” (2002a, p.224). Neste caso, é possível perceber que havia uma correlação entre as necessidades e interesses da educação feminina, as habilidades que as professoras detinham, principalmente o conhecimento do francês, o interesse da cidade em manter a língua, a cultura e o modo de vida européia, especialmente a francesa. Percebe-se que o caráter francófilo em Pelotas era além de uma característica local era também parte de um fenômeno nacional e internacional do século XIX.

Sendo assim, os ‘programas escolares’ oferecidos pelos colégios femininos particulares revelam os principais ensinamentos às meninas e moças da época e, fundamentalmente, demonstram, através dessas matérias específicas às mulheres, uma instrução construída a partir da divisão entre os sexos, com forte influência européia e com saberes adequados à vida da elite pelotense.

4.2 As *directoras*, as professoras e os professores dos *collegios femininos*

Pretendo, neste item, descrever e dar visibilidade às *directoras*, professoras e professores dos colégios femininos particulares encontrados nos anúncios no período de 1875 a 1890.

Na categoria *directoras*, dos 657 anúncios referentes aos 21 colégios encontrados, foi possível identificar 21 mulheres atuando como fundadoras e directoras dessas escolas. Entre elas, encontram-se: *Mme. Berta Jeanneret, Maria Malvina de Medeiros, Mme. Branca Audissou, Rosa B. Pinto, Adelaide Rodrigues Patricia, D. Amália P. Furtado, Mme. Lamaignere, Miss Mary Milne, Isabel Mac Ginity, Emilia Frazão Silveira, Maria Antonia Mursa, Emilia de Mendonça, Angelina Kleyn, Florinda de Souza Barcellos, Anna Barcellos de Moura, D. Maria Luiza de Arruda Pires, Mme. Messeder, Sra. D. Herminia H. da Rocha, D. Antonia Rochefort e Josephina Laquintinie Queiroz, Ursula da Silva Lima.*

Além da fundadora, que geralmente atuava como professora, os colégios anunciavam o “corpo docente”, no qual foi possível identificar 10 professoras, cinco do *Collegio de Mme. Jeanneret*: *Mme. Fulcher, Camille Tarnac, D. Pulcheria Soares, Julia Jeanneret, Miss Milna*; duas do *Collegio Santa Cecília*: *D. Augusta Martinez e D Amélia Penedo Pinto*; duas do *Collegio Perseverança*: *Maria Imbert e Deolinda de Freitas*; uma do *Collegio Honra e Trabalho*: *Mathilde Figueira*.

Uma das características dos colégios era exatamente o uso do nome das fundadoras logo após a denominação dos colégios ou o próprio nome como denominação da escola, como, por exemplo: *Collegio de Meninas de Mme. Jeanneret, de Berta Jeanneret*; do *Collegio Santa Rosa*, de *Rosa B. Pinto*; e do *Collegio Santa Anna*, de *Anna Barcellos de Moura*. A direção de um colégio era, ao que tudo indica, um lugar de poder, identificava e dava credibilidade às diretoras. Em todos os anúncios encontrados, a direção do colégio é anunciada, ou seja, a diretora é referida como um dos destaques dos colégios.

Apesar das mulheres representarem o maior número, 21 directoras e 10 professoras, constata-se também a atuação de homens, 22 professores. Entre os 21 anúncios dos *collegios femininos*, em seis escolas apareceram professores como parte do corpo docente, a saber: *Jose Henrique de Lara Ulrich, Aristides Guidony, Julio Freire Sebastião Domingues, Luiz Carlos Massot, Affonso Massot, Carlos A. Laquintinie, Bernanrdo Taveira Junior, Missimi, Benjamin Amarante, Thomas King, Arnizaut Furtado, Francisco de Paula Pires, Charles Cantaluppi, Camilo Tarnac; Eduadro Whilhelmy, Frederico Alberto Trebbi; Alberto M. Moreira, Hemeterio Jorge de Oliveira Marques, Albino da Silva Silveira, João Affondo Correa de Almeida, João Benzon e Fernando Pimentel*.

É perceptível, nesses anúncios, a pouca diferença entre o número de professores (22) e professoras (31) que ministravam aulas nos *collegios femininos*. A seguir, apresento um exemplo que demonstra essa característica da atuação de professores nos colégios femininos:

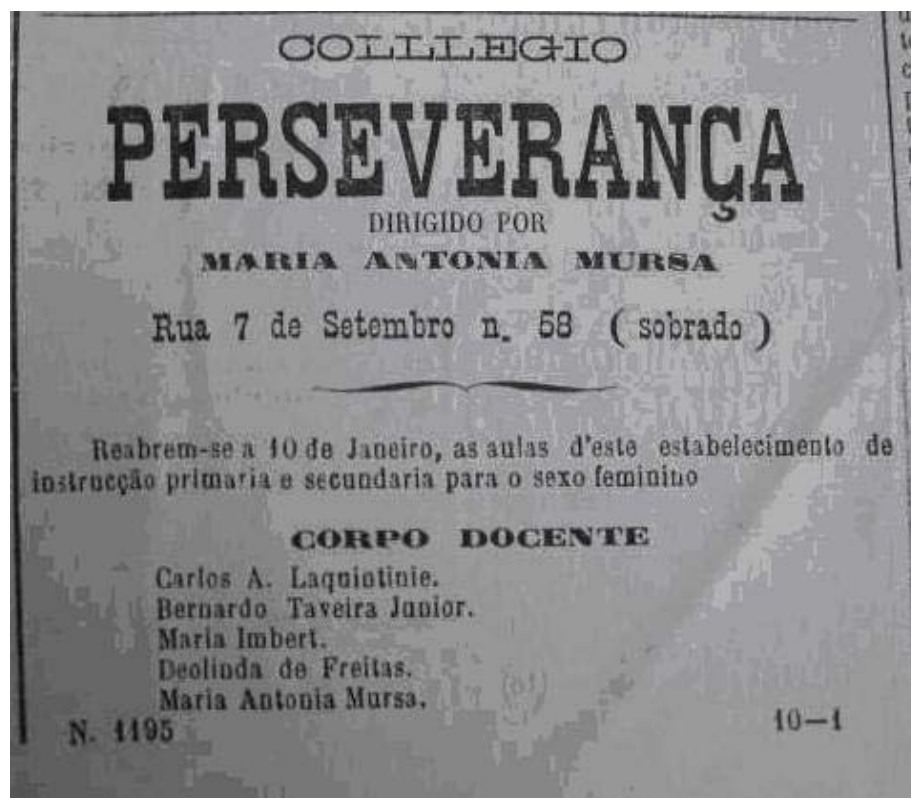


Ilustração 35 – Correio Mercantil, 27 de dezembro de 1883

Neste anúncio, verifica-se que, logo após o nome do colégio, é destacado o nome da diretora 'Maria Antonia Mursa' e, posteriormente, o nome do 'corpo docente', dos quais dois eram professores e três professoras, entre elas a própria diretora.

É possível observar que o magistério nas classes femininas, neste momento, era uma prática de ambos os sexos¹⁸. Essa prática não era equivalente às mulheres, pois, enquanto os homens poderiam atuar nos colégios femininos, o inverso não ocorria. Um exemplo dessa afirmação é o próximo anúncio:

¹⁸ Após identificar um significativo número de professores, fica a sugestão da necessidade de um estudo mais aprofundado sobre os professores das escolas particulares.

Collegio Evolução

Fundado na cidade de Pelotas

Este estabelecimento de instrução primaria e secundaria abertose a 7 de Janeiro p. f. no espaçoso edificio situado á praça da Igreja esquina da rua do Imperador.

Aceita alumnos internos, semi-internos e externos, sendo as contribuições pagas por trimestres adiantados, nas condições seguintes :

Internos secundarios . . .	150\$	Semi internos primarios . .	75\$
Idem primarios	120\$	Externos secundarios	50\$
Semi internos secundarios .	90\$	Idem primarios	45\$

O alumno interno, além da pensão, pagará a joia de 40\$000 que lhe dá direito ao uso da mobilia do dormitório.

Corpo docente

Carlos André Laquintinie, portuguez e francez.
 Dr. Alexandre Cassiano do Nascimento, philosophia e rhetorica
 Antonio Lorenzini, latim e calligraphia.
 Affonso Emilio Massot, francez e geographia.
 Pedro de A. Gama, curso primario.
 José Stott, inglez.
 Luiz Carlos Massot, arithmetica, algebra, geometria e historia.

O curso primario será tambem attendido pelos professores Antonio Lorenzini e Affonso Emilio Massot, achando-se sob a immediata vigilancia dos directores, que procurarão accommodar o ás exigencias da pedagogia moderna.

O **Collegio Evolução** cuidará da educação physica a par da intellectual e moral, proporcionando aos alumnos toda a sorte de exercicios, como sejam passeios, natação, gymnastica, jogos, etc.

O ensino de musica, desenho e pintura, a cargo dos professores Frederico Trebbi e José Stott, será pago em separado.

Curso commercial

Este curso funcionará á noite, no estabelecimento, mediante a contribuição mensal de 20\$000.

Comprehende os estudos de allemão, italiano, francez, inglez, arithmetica e escripturação mercantil, sendo regido pelos professores Eduardo Wilhelmy, Antonio Lorenzini, Affonso E. Massot, Frederico Torres e José Stott.

Attentos os grandes melhoramentos introduzidos pelo **Collegio Evolução** e ainda mais a capacidade intellectual e moral do corpo docente, os directores esperam merecer dos Srs. chefes de familia a confiança que procurarão conservar pelo trabalho e pela escrupulosa observancia de seus deveres.

Os directores, José Stott, director interno.
 Luiz Carlos Massot.

N. B. — Recommendamos a leitura dos estatutos espalhados n'esta cidade e na campanha.
 N. 1930

(31 dezbr.)

Ilustração 36 – Correio Mercantil, 28 de abril de 1887

Este exemplo de um colégio masculino particular demonstra a exclusiva presença masculina no quadro de professores dessas escolas. Isto é verificado igualmente em outros anúncios das escolas masculinas privadas, evidenciando as diferenças de gênero que havia entre professores e professoras na possibilidade de atuação concreta em escolas particulares femininas e masculinas para homens e apenas nas femininas para mulheres.

Apesar dessas diferenças, pode-se concluir que as classes femininas contribuíram para o crescimento das mulheres no magistério. Conforme Almeida (1998, p.111), esse fenômeno da ocupação no magistério por parte das mulheres ocorreu nessa época, porque as mulheres “pela Lei de 5 de outubro de 1827 adquiriram o direito à educação” e segue:

(...) o repúdio à coeducação e à necessidade de professoras para reger classes femininas, dado a moral vigente não vendo com bons olhos professores ensinando meninas, possibilitou a abertura de um espaço profissional para as mulheres no ensino.

Em Pelotas, verifica-se que nos *collegios femininos*, ao contrário do que mostram algumas pesquisas, os homens ensinavam meninas; porém não era aceito mulheres ensinar meninos. Ao menos elas não aparecem nos anúncios de escolas masculinas. É fato que a ampliação da educação feminina significou a abertura do mercado de trabalho para as mulheres, como afirma Louro:

a entrada das mulheres no exercício do magistério – o que, no Brasil, se dá ao longo do século XIX (a princípio lentamente, depois de forma assustadoramente forte) – foi acompanhada pela ampliação da escolarização de outros grupos ou, mais especialmente, pela entrada das meninas nas salas de aula (Louro, 1997b, p.78).

Assim, a educação das meninas, necessariamente, abriu espaço no magistério para mulheres. A educação das crianças, segundo a autora, passou a ser *destino das mulheres, naturais educadoras*, pelo próprio fato de uma suposta “inclinação para o trato com as crianças”. No entanto, em Pelotas, isso se deu dentro de alguns limites, pois apesar das professoras lecionarem para meninas, nas escolas masculinas isso ainda não era “permitido”, o que denota um cenário educacional desigual no que tange a questão de gênero.

Segundo Bruschini e Amado (1998, p. 5 apud Demartini e Antunes, 2002, p. 72), “a mulher, e apenas ela era biologicamente dotada da capacidade de socializar crianças, como parte de suas funções maternas. E, sendo o ensino na escola elementar visto como extensão dessas atividades, o magistério passou a discutir e aceitar a presença das mulheres como educadoras. E continua: “O salário certamente foi uma das prováveis causas do pouco estímulo dos homens postulantes à carreira”. Em relação a esse discurso vinculado à feminização do magistério no século XIX, pode-se considerar, no ensino feminino privado de Pelotas, uma caracterização diferente na organização do trabalho escolar e no próprio processo de feminização do magistério. Isso porque as professoras não eram exclusivas no

ensino das escolas elementares femininas e, principalmente, não lecionavam nas escolas de ensino masculino; dividiam a carreira do magistério feminino com homens “postulantes”. As mulheres, portanto, levavam desvantagem em relação aos homens no magistério, nesse período, nest contexto. E, diferentemente, do que afirmam as autoras não “representavam a maioria absoluta” (Idem, 2002, p.72) nas escolas. O que demonstra uma clara diferença entre os sexos na carreira do magistério e uma difícil ascensão das mulheres na vida como professoras.

É possível, destacar a docência de professores nos *collegios femininos*, eram homens “bem conceituados” na sociedade. Segundo Peres, (2002, p.59), Francisco de Paula Pires, por exemplo, foi “professor dos cursos noturnos da BPP – defendia a instrução para mulheres”, e também foi:

professor durante 14 anos na 1ª aula, Paula Pires ocupou, concomitantemente, desde 1877, os cargos de professor e bibliotecário da instituição, dos quais afastou-se apenas em 1892 quando foi dirigir o jornal O Rio Grande do Sul, na cidade de Rio Grande. Era republicano – fundou, dirigiu e redigiu o jornal O Radical, órgão republicano pelotense – e abolicionista, tendo sido secretário do Clube Abolicionista. Como poeta escreveu livros e muitos trabalhos literários em jornais como A Tribuna Literária e Álbum Literário, desenvolvendo atividades de redator e diretor nestes semanários. Fiel aos princípios positivistas, que defendia e propagandeava, Paula Pires usou as colunas do Radical, de sua propriedade, para defender a liberdade de ensino, a separação da Igreja e do Estado e os direitos iguais de todas as religiões perante as leis.” (2002, p.115)

Outro professor de destaque foi Bernardo Taveira Junior. Segundo site sobre os rio grandinos (www.riograndeemfotos.fot.br/rghisto.html, 2007) que fizeram história, observa-se que este professor nasceu em 1836 e:

foi professor na vizinha cidade de Pelotas, lecionando as cadeiras de Latim, Inglês, Português e História. Abolicionista e republicano ardoroso. Escreveu entre outras obras “Poesias Americanas”, o “Anjo da Solidão” e “Coração e Dever”. Traduziu do alemão alguns livros entre os quais “Guilherme Tell” em versos. Faleceu após longa enfermidade nessa cidade a 19 de setembro de 1892.

Outro professor, Frederico Trebbi, segundo Anjos (2000, p. 145), “nasceu em Roma, a 22 de maio de 1837. Estudou desenho e pintura na Academia de Belas-Artes de Roma, foi homem de negócios e, por vezes, fotógrafo. Entre os anos de 1858 e 1864 residiu no Chile, na

Artentina, no Uruguai, Bolívia e Paraguai”. Em “1870 chega a Pelotas. Dez anos mais tarde montou seu ateliê de pintura” (...).

Esses exemplos dos professores demonstram que, em sua maioria, estes eram homens “de destaque” na sociedade pelotense, donos de jornais, escritores, poetas, políticos, artistas, músicos, fotógrafos, etc. Além destes “conceituados” professores, conforme Betemps (1999, p.1), outros professores vinham à cidade porque “famílias abastadas de Pelotas mandavam vir da França professores para os filhos”, entre eles:

Charles Bachellery que fundou um dos colégios mais famosos de Pelotas e do Rio Grande do Sul onde se fazia até exercício de tiro; *Afonso Emílio Massot* e *Luís Carlos Massot* que em 1886 fundam o colégio Evolução fechado em 1893 com a guerra civil, *Aristides Guidony* que fundou o colégio Francês com aulas de esgrima, ginástica e dança; *Berta Jeaneret* com um colégio para meninas; e *Carlos André Laquintinie* que, entre outros, ministravam nas residências aulas particulares, lecionando as primeiras letras, gramática, aritmética, geografia, história, matemática, latim, francês, artes, bordados, croché, piano, pintura, boas maneiras e caligrafia. Trazer professores franceses para ensinar aos filhos da terra nos indica que a cultura francesa era bem aceita entre as famílias pelotenses. (Betemps, p.1, 1999).

A atuação desses professores, em escolas femininas, em alguns casos, como o do Colégio Francez, chegava a representar a maioria, segundo anúncio do Jornal do Commercio, do dia 30 de janeiro de 1880:

COLLEGIO FRANCEZ
RUA DO IMPERADOR N. 98
Dirigido pela Sra. Mary Milne
PROGRAMMA

A applicação paulatina de todos os elementos de ensino aconselhado por uma longa pratica, nos permite publicar o programma que a aprovação das senhoras que se educam n'este collegio, possa satisfazer os justos desejos dos paes de familia que se propõem dar a suas filhas, uma educação tal, como poderiam receber em os melhores collegios da Europa.

Prim eiro curso
Leitura (desde as primeiras letras), escriptura, arithmetica, numeração escripta e fallada, regras fundamentais, lições oraes de urbanidade, leitura recreativa e fabulas.

Segundo curso
Grammatica elemental, arithmetica theorica e pratica, geometria, geographia, historia sagrada, historia do Brazil e botanica.

Terceiro curso
Analyse, syntaxe, orthographia, prosodia e metrificação, algebra e proporções progressivas.
Historia natural, historia romana e mythologia, litteratura e correspondencia epistolar, historia universal, geographia descriptiva, economia domestica, bordados e tudo quanto possa ser util a uma moça.

Idiomas
Portuguez, francez, ingloz, allemão, hespanhol e italiano.

Classes accessorias
Desenho, piano e canto.

Para bem merecer a confiança dos Srs. paes de familia, a directora deste importante estabelecimento de instrucção contractou para locconar as diversas materias de que se compõe este programma, habilitadissimos professores.

Recebe pensionistas, meias pensionistas e externas.

PROFESSORES
Joaquim Ignacio d'Arnizaut Furtado.
Charles Cantaluppi.
Eduardo Whilhelmy.
Frederico Alberto Trebbi.
Miss Mary Milne.

PREÇOS

Interna, por trimestre	100\$000
Meia pensionista	60\$000
Externa, secundaria	24\$000
" primaria	15\$000

O trimestre é pago adiantado, e não ha nenhum desconto pelas férias, nem por qualquer tempo que as discipulas passem fóra do estabelecimento.
As aulas deste estabelecimento abrir-se-hão no dia 7 de Janeiro proximo futuro.

Pelotas, 30 de Dezembro de 1879.
N. 1,145

A directora, *Mary Milne.*

10—3

Ilustração 37 – Jornal do Commercio, 30 de janeiro de 1880

Ao comparar os anúncios dos colégios femininos nos quais homens aparecem como docentes, é recorrente encontrar o nome dos mesmos professores atuando em vários colégios, ou seja, os mesmos professores atuavam em diferentes escolas. Entre esses professores, encontrados nos colégios femininos, estão os franceses que também mantinham seus próprios colégios particulares masculinos, como por exemplo, Aristides Guidony, que em 1875 era proprietário do 'Collegio Frances' (Correio Mercantil, 04/01/1875); Charles Bachalery, que inaugurou em 1876 seu 'Collegio Frances' (Correio Mercantil, 25/01/1876); Eduardo Wilhelmy, professor do 'Collegio Osorio', fundado em 1880; Sr. Missimy, fundou o Curso Racional (Correio Mercantil, 17/01/1884); Os irmãos Affonso Emilio Massot e Luis Carlos Massot fundaram o 'Collegio Evolução' (Correio Mercantil, 28/04/1887); Frederico Trebbi

também lecionava no ‘*Collegio Reis*’ (Correio Mercantil, 17/12/1875); Carlos A. Laquintinie fundou o ‘*Collegio S. Francisco de Paula*’ (Correio Mercantil, 07/01/1876). Além dos franceses, encontram-se os professores ingleses Thomas King e João Benzon (Correio Mercantil, 21/03/1876), que lecionavam inglês; e os portugueses Fernando Pimentel e Bernardo Taveira Junior do Lyceu Municipal (Correio Mercantil, 09/05/1875), João Affonso Correa de Almeida (MAGALHÃES, 1993, p.229). Conforme Anjos (2000, p.136), Pelotas foi “extremamente influenciada por padrões culturais europeus, a cidade de Pelotas abrigou, durante a segunda metade do século passado, expressivo número de escolas e aulas particulares que utilizavam como tática de cooptação da clientela a origem européia de seus professores”. Para além disso pode-se dizer que eram homens de “notoriedade”.

Outro exemplo da atuação concomitante em diferentes escolas é do professor ‘Sr. *Emilio de Missimi*. Verifica-se que no mesmo ano, 1878, atuou no ‘Collegio de Instrução Elementar’ de educação feminina, (Correio Mercantil, 08/02/1878) e no ‘Collegio Curso Racional’, masculino (Correio Mercantil, 26/06/1878). Em outros casos, havia os que mudaram de escola, como é o caso do professor Benjamim Amarante, que lecionou, em 1878, no Collegio de Instrução Elementar, e em 1880, no Collegio de Mme. Jeanneret.

É possível perceber que o quadro de professores muda regularmente, como podemos observar no Colégio de Mm. Jeanneret, que, em 1876, tinha como professores Srs. Bernardo Taveira Junior, José Henrique de Lara Ulrich, Frederico Trebbi, Mme. Fulcher e a directora, (Correio Mercantil, 07/01/1876); enquanto em 1880, o corpo docente era formado por Julie Jeanneret, Pulcheria Soares, Carlos Laquintinie, Benjamim Amarante, e a directora (Jornal do Commercio, 07/01/1880). Em 1881, eram professores Carlos Laquintinie, Benjamin Amarante, João Affonso de Corrêa de Almeida, Alberto M. Moreira, e Julia Jeanneret (Jornal do Commercio, 07/01/1881). Analisando essa escola é possível perceber que os quadros de professores eram quase que anualmente modificados. Se comparados os anos de 1876 e 1880, é possível perceber que apenas a diretora permaneceu. Do ano de 1880 para o 1881, ficaram a diretora, Carlos Laquintinie, Benjamin Amarante e Julia Jeanneret, a professora Pulcheria Soares não aparece e passaram a ministrar aulas no estabelecimento João Affonso de Corrêa de Almeida e Alberto M. Moreira. A partir do exemplo dessa escola, evidencia-se, além do caráter rotativo das escolas, também a rotatividade das/os professoras/es. Apesar dessa substituição constante de professores, é verificada outra característica nos anúncios em relação

à docência, a transmissão da profissão do magistério de mãe para filhas, conforme o anúncio a seguir:

COLLEGIO

A professora Mme. Messeder, approvada pelo conselho director da Instrucção Publica de Paris (e tendo à disposição das pessoas que quizerem certificar-se d'isso os referidos diplomas), tem a honra de participar aos Srs. paes de familia que acaba de abrir n'esta cidade um collegio para meninas à rua do Imperador n. 200 ; receberá pensionistas e externas.

O ensino divide-se em aula primaria e secundaria.

O ensino primario comprehende : Leitura, escripta, grammatica portugueza, principios de arithmetica, cathecismo, historia sagrada, desenho linear, costura.

O ensino secundario : Francez, geographia, cosmographia, mythologia, historia, arithmetica, todos os trabalhos de agulha uteis e agradaveis, elementos de civilidade e cortezia adequados aos deveres de uma perfeita dona de casa.

Preços

Pensionista	35\$000
Meio-pensionista	20\$000
As externas da aula primaria	5\$000
As da secundaria	10\$000

Piano e desenho separado.

Mme. Messeder, coadjuvada por suas filhas e por peritos professores, garante o cuidado e desvelo necessarios n'esta profissão, que tem adquirido na longa pratica do ensino.

Dá-se lições particulares de francez, inglez e piano no collegio ou em casas particulares.

As aulas abrir-se-hão no dia 9 de Janeiro.

N. 2496 8—1

Ilustração 38 – A Discussão 11 de dezembro de 1887

No exemplo, é clara a ‘coadjuvação’ por parte das filhas, revelando certa “tradição” familiar, uma vez que filhas e filhos eram, muitas vezes, “herdeiros” do legado profissional de pais e mães.

Outro aspecto peculiar dos anúncios dos colégios é a utilização da publicação das qualidades morais e as habilidades das professoras. Conforme o anúncio da escola de Mme. Messeder, observa-se a preocupação explícita em informar às famílias suas qualidades morais.

Nos exemplos seguintes, do ‘*Collegio de Instrucção Elementar*’, ‘*Collegio Honra e Trabalho*’, ‘*Collegio Santa Anna*’, ‘*Collegio São João*’, ‘*Collegio Pedro II*’, são destacadas algumas qualidades morais das professoras:

Collegio de Instrucção Elementar: (...) auxiliadora das cumpridoras mães de família’ (Correio Mercantil, 08/02/1878).

Collegio Honra e Trabalho: O collegio Honra e Trabalho, sob minha direcção, terá nos moldes da mais severa moralidade as alumnas confiadas aos meus cuidados encontraram em mim a *ternura maternal*, de que tanto carece (Diário de Pelotas, 10/01/1887) (grifos meus).

Collegio Santa Anna: (...) “directora em vista dos meios que tem empregado, para conter n’este estabelecimento uma direcção *moralisadora e intelligente*” (Correio Mercantil, 05/01/1890) (grifos meus).

Collegio São João: “a directora em vista em vista dos esforços que tem empregado para imprimir a este estabelecimento uma direcção, *moralisadora e intelligente*, espera continuar a merecer dos chefes de família a confiança que até o presente tem sido honrada” (Correio Mercantil, 19/05/1886).

Collegio Pedro II: “a directora, em vista dos meios que tem empregado para conter neste estabelecimento uma direcção *moralisadora e intelligente*, espera merecer dos Srs. Chefes de família confiança que saberá fazer-se merecedora” (Correio Mercantil, 25/12/1886).

Nesse sentido, as professoras usavam atributos, virtudes, dotes que as distinguiam na época, por exemplo, inteligência, moral, ternura, como atrativo da possibilidade de oferecer uma “boa educação”. Conforme as qualidades enfatizadas, é perceptível que alguns anúncios repetem as mesmas características, o que pode denotar características imprescindíveis a uma professora, principalmente porque muitas alunas viviam no regime de internato, convivendo

diariamente com as professoras e ficando longe das famílias. Os anúncios, nesse sentido, referiam-se a valores pessoais e morais das professoras e diretoras que refletiam o tipo de “cuidado” que era desejado pelas famílias das *alumnas*.

Somados às qualidades morais, os termos ‘habilitadas’ ou ‘completamente habilitadas’ referiam-se, nos anúncios, à formação das professoras e diretoras. Na educação feminina, parece ter sido um diferencial o destaque da qualidade das professoras, sua chegada de outros países, a própria condição da professora de estrangeira e, principalmente, os diplomas, exames e aprovações em Universidades da França, da Corte, do Conselho da Instrução Pública. Algumas professoras atestavam, através dos anúncios, essas qualificações, como é o caso de ‘Mme. Messeder,’ formada pelo ‘Conselho Director da Instrucção Publica de Paris’, que oferece “para quem queira certificar-se seus diplomas” (A Discussão, 11/12/1887); ‘Emilia de Mendonça’, professora aprovada pela Instrucção Publica da Corte (A Nação, 04/06/1884); Angelina Kleyn, habilitada nos melhores institutos da Alemanha e Bélgica (Correio Mercantil, 05/01/1886); Isabel Mac Ginity, aluna do Collegio São José em São Leopoldo (*Jornal do Commercio*, 07/01/1881) e professora do “Collegio de Mme. Jeanneret”. Sendo assim, verifica-se que muitas professoras possuíam uma formação com importantes qualificações, o que contribuía, provavelmente, na disputa do mercado de trabalho.

Outra característica marcante das professoras dos colégios femininos são as publicações, nos anúncios, da sua origem como mulheres ‘estrangeiras’, como já referi. Entre as professoras estrangeiras estavam: Mme. Jeanneret, “esposa do cidadão suíço Eduardo Jeanneret” (Correio Mercantil, 25/12/1890); Mme. Audissou; Mme. Lamaignere; Mme. Messeder; Miss Mary Milne. O estudo de Anjos sobre a presença de estrangeiros em Pelotas mostra que os professores franceses foram os “que mais oportunidade encontraram em seu mister” (2000, p.138), e, sem dúvida, foram “a maioria do professorado do ensino particular”. Provavelmente entre as professoras francesas essas oportunidades também eram maiores.

A experiência é outra característica destacada nos anúncios: ‘um longo tempo de experiência’. Conforme anúncio do ‘Pensionato Francez e Portuguez’, o “professorado d’este estabelecimento recommenda-se pela sua illustracção e pratica do magistério” (Correio Mercantil, 11/07/1878). O ‘*Collegio Victoria*’ anunciava o local de formação de sua *directora* “ex-aluna do Collegio de S. José, de São Leopoldo”, e o tempo de experiência em outro colégio: “ex professora do collegio de Mme. Jeanneret” (*Jornal do Commercio*, 07/01/1881).

E, finalmente, o esforço em propagandear os colégios dava-se através de notícias dos exames finais, que enfatizavam os resultados dos trabalhos escolares e procuravam atestar a competência das professoras, como é o caso do Collegio Acacia, o qual destaca: “os exercicios lectivos deste estabelecimento nos fins de anno, presenciados por grande concurso de pessoas, são as melhores garantias para os chefes de familia” ‘garantias’ de uma boa educação para as famílias (Correio Mercantil, 07/12/75).

Na publicidade dos colégios, são destacados, portanto, as diretoras, professoras e professores que lecionaram nos *collegios femininos* neste período, bem como as qualidades morais, profissionais, suas habilidades, experiências e discursos de como garantir às famílias uma “boa educação”.

Um outro aspecto a ser destacado como um diferencial é o espaço físico dos *collegios femininos*, questão discutida a seguir.

4.3 A localização dos colégios femininos

A crescente importância obtida pelos colégios particulares na educação feminina pelotense expressou-se na tendência dessas escolas em oferecer espaços apropriados para o seu funcionamento, em lugares bem localizados, na zona urbana da cidade.

De uma maneira geral, a localização geográfica dos colégios na cidade pôde ser observada através da publicação dos seus endereços nos anúncios, mostrando que estes ocupavam partes importantes da cidade de Pelotas. Com base no estudo de Anjos (2000, p.30) sobre as Ruas da Freguesia (longitudinais), relacionadas no mapa de Pelotas do ano de 1973, foi possível situar os endereços de alguns colégios femininos. A seguir, apresento a tabela com a denominação das ruas no ano de 1815 e nos dias atuais e, posteriormente, a relação dessas ruas com os colégios:

QUADRO 07

Denominação das ruas no ano de 1815 e nos dias atuais:

Denominação em 1815	Denominação atual
da Boa Vista	Marcílio Dias
das Lavadeiras	Professor Araújo
da Lagoa	Santos Dumont
do Açougue	Barão de Santa Tecla
da Santa Bárbara	Marechal Deodoro
Augusta	General Osório
das Flores	Andrade Neves
São Miguel	Quinze de Novembro
da Igreja	Anchieta
do Comércio	Félix da Cunha
Alegre	Gonçalves Chaves
das Fontes	Almirante Barroso

* 1870 - Rua Imperador (Félix da Cunha).

Fonte: Anjos (2000, p.30).

À rua **São Miguel**, hoje rua **Quinze de Novembro**, encontravam-se:

1. Collegio de Meninas Jeanneret, de Berta Jeanneret, n. 153.
2. Collegio Santa Anna, de Anna Barcellos de Moura, n. 4.
3. Externato Particular, de Emilia Mendonça, n. 307.
4. Collegio Minerva, de Ursula da Silva Lima, n. 259.

À **Rua do Imperador**, hoje rua **Félix da Cunha**, encontravam-se:

1. Collegio Francez e Português, de Mme. Lamaignere, (casa do Exmo Sr. Visconde da Graça).
2. Colégio Francez, de Mary Milne, n. 98.
3. Elementarschule für, de Angelina Kleyn, n. 165.
4. Externato Nacional, de Antonia Rochefort e Josephina H. da Rocha, n. 177.
5. Honra e Trabalho, de Maria Luisa de Arruda Pires, n. 169.
6. Collegio Acacia, de Maria Malvina de Medeiros, n. 124.

À Rua **Pedro II**, na praça Pedro II, junto ao theatro Sete de Abril, hoje **praça Coronel Pedro Osório**, encontravam-se:

1. Collegio Pedro II, de Anna Barcellos de Moura, n. 22.

2. Collegio de Instrução Elementar, de Amalia Furtado, n. 26.

À **Rua da Igreja**, hoje rua **Anchieta** estavam:

1. Collegio Francez, de Mme. Audissou', (a residencia do Sr. Domingos Cordeiro).

À rua **7 de Setembro** (mesmo nome ainda hoje), encontrava-se:

1. Collegio Perseverança, de Maria Antonia Mursa, n. 58.

À rua **Paysandú**, hoje rua Santa Tecla¹⁹ encontravam-se:

1. Collegio Santa Cecília (1878), de Adelaide Rodrigues Patricia Paysandú, n. 61, em 1880, mudou-se para Rua Santa Bárbara n. 20B, hoje Marechal Deodoro.

2. Collegio Victoria, de Isabel Mac-Ginity, n. 98

À rua **General Victorino**, hoje Anchieta²⁰, encontra-se:

1. Collegio Minerva, de Emilia Frazão Silveira, n. 80.

À rua **Gonçalves Chaves** encontravam-se:

1. Nossa Senhora da Conceição, de Herminia H. da Rocha, n.160.

Observação: o Collegio São João e o Collegio Santa Rosa não publicaram seus endereços.

A partir dessa relação entre as ruas no ano de 1815 e nos dias atuais, foi possível localizar no mapa o local aproximado dos colégios femininos, que ficavam no entorno da praça central da cidade. A seguir, apresento, no mapa da cidade de Pelotas, a demarcação da praça Coronel Pedro Osório (quadrado central preto). E no quadrado pequeno destacado, o *Collegio Pedro II*, que ficava “junto ao Teatro Sete de Abril”. Por estas referências é possível ter uma idéia geral da localização dos colégios:

¹⁹ Esta rua foi encontrada na planta da cidade de Pelotas do ano de 1909, isto porque no estudo de Anjos, das ruas do ano de 1815, são contempladas somente as ruas longitudinais. Ou seja, as ruas latitudinais não são referenciadas. Foi preciso, portanto, a consulta em outras fontes: Mapa da Biblioteca Particular do professor Eduardo Arriada.

²⁰ A rua Anchieta (hoje) denominava-se em 1815 ruas da Igreja e em 1909 General Victorino.

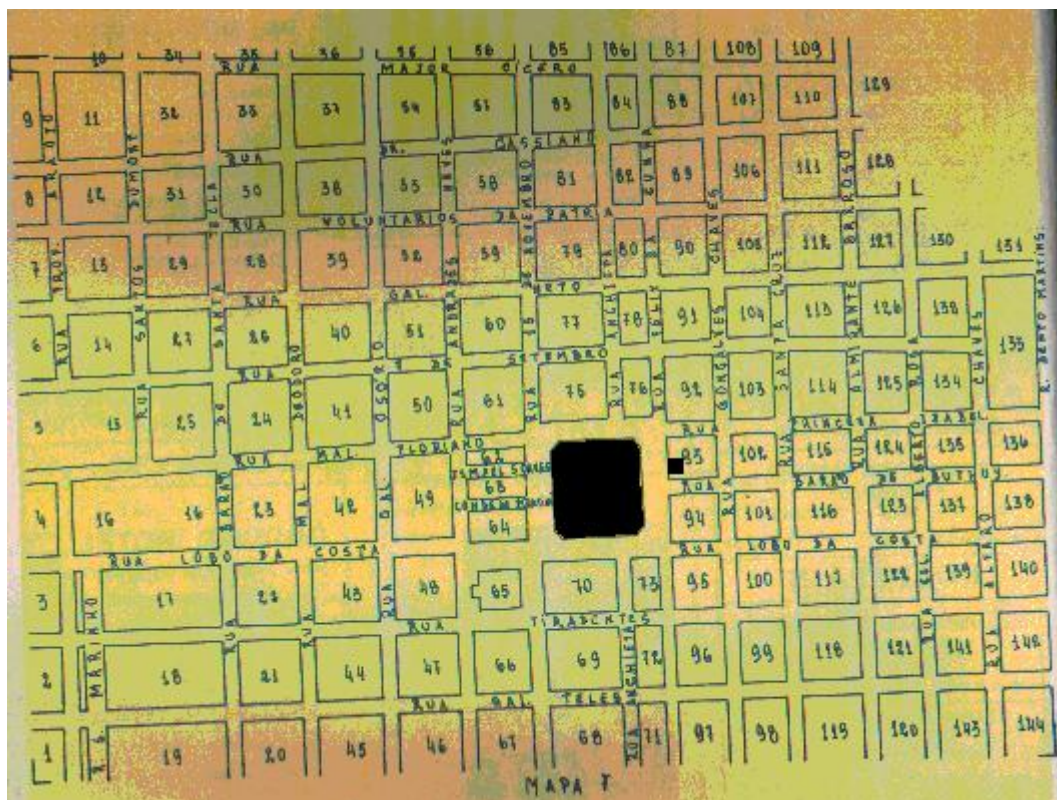


Ilustração 39 – Mapa da cidade de Pelotas – 1973.

Verifica-se, portanto, pelos anúncios, que os colégios concentravam-se no perímetro central da cidade de Pelotas, cercados de estabelecimentos comerciais, bancos, instituições públicas, palacetes, residências das famílias mais abastadas, próximas da Praça Cel. Pedro Osório e do Teatro 7 de Abril, centro da cidade até os dias de hoje. Além disso, através das numerações dos colégios é possível perceber a proximidade dos mesmos. Conforme o exemplo da antiga Rua Imperador, hoje Félix da Cunha, em que estavam localizados quatro colégios: Elementarschule für, n.165; Externato Nacional, n.177; Honra e Trabalho, n. 169 e Collegio Acacia, n. 124. As numerações indicam, portanto, que os colégios ficavam muito próximos. Em relação à ocupação dos pontos centrais da cidade pelas escolas, Faria Filho (1996, p. 58) ressalta que essa é uma característica que denota “um esforço por demonstrar a centralidade que o lugar da educação escolar deveria representar, no interior da cidade, enquanto projeção política da ordem social que se queria impor ao conjunto da população”.

Somada a essa característica, da localização central das escolas, observa-se a preocupação com a qualidade dos prédios, edifícios e sobrados. Um exemplo é o anúncio do colégio ‘Sta. Anna’, no qual encontra-se a referência ao edifício como sendo: “espaçoso e bem localizado, pois fica a rua 7 de Setembro n. 41” (Correio Mercantil, 05/01/1890). Em outro

exemplo, o colégio ‘Externato Nacional’ publica que “este novo estabelecimento de instrução funcionará” em um “espaçoso sobrado n. 177 rua Felix da Cunha (antiga Rua do Imperador)” (Correio Mercantil, 23/01/1889). E, segundo o anúncio do ‘Collegio Pedro II’, “o edifício em que funciona este estabelecimento de instrução, é junto ao Theatro Sete de Abril, na praça Pedro II n.22, contendo espaçosas acomodações, para receber o maior número de alumnas internas” (Correio Mercantil, 25/12/1886). No Collegio São João, o edifício em que se encontra “acaba de passar por importantes reformas, contendo actualmente espaçosas acomodações para receber um regular numero de alumnas internas” (Correio Mercantil, 19/05/1886).

Segundo Frago e Escolano (1998, p. 47), as preocupações com o espaço físico das escolas, no século XIX, estavam influenciadas “pelas exigências das transformações culturais associadas aos industrialismo, ao positivismo científico” e “ao movimento higienista”.

Adaptados em um espaço isolado, emancipando-se do entorno do lar e da família das professoras, ainda segundo Frago e Escolano, esses espaços destacaram-se como lugares especializados “nas funções de instrução, inclusive com anexos complementares (reservados higiênicos, pátios...)” (Idem, 1998, p.46).

É possível perceber que as escolas ofereciam nos seus anúncios o ensino primário e secundário, vários professores e professoras, portanto, as escolas necessitavam de várias salas de aula que contemplassem níveis diferenciados de ensino. Nesse sentido, o desenvolvimento da educação particular feminina impulsionava a criação de novas propostas para o aperfeiçoamento da prestação deste serviço. Esse processo de oferecimento de prédios grandes e *bem localizados* dos estabelecimentos educacionais, segundo Buffa (2002, p.33):

surge no momento mesmo que a escola primária começa a ter a configuração que conhecemos hoje. Mais que simultâneos são processos profundamente interligados: quando as escolas primárias começam a se organizar em classes seqüenciais, passam a exigir uma nova organização do espaço escolar.

Cabe ressaltar que a educação feminina, objeto da atenção da elite, tentava acompanhar essas novas concepções educacionais que surgiam, oferecendo adaptações nos espaços escolares (isso porque não havia construções de prédios próprios das escolas, mas uma adequação dos espaços físicos). Característica essa que provavelmente também fazia parte da concorrência entre as escolas particulares existentes.

Nesse sentido, fica evidente que a localização das escolas particulares bem como o oferecimento de estabelecimentos próprios com *espaçosas acomodações*, na educação feminina privada, revela claramente o momento das preocupações higienistas, científicas etc. e da importância da efervescência dessas escolas na década de 80 a 90 dos Oitocentos. Além do aumento na oferta desses colégios, esse período parece ter sido caracterizado pelo melhoramento da estrutura dos prédios, sobrados ou edifícios e das próprias condições dos estabelecimentos.

A partir dos anúncios, muitos aspectos referentes aos colégios podem ser discutidos, entre eles estão as mensalidades escolares, assunto que será apresentado a seguir.

4.4 As mensalidades, contribuições e/ou pensões trimestrais

Nos anúncios dos colégios femininos de iniciativa privada, diferentemente dos anúncios da educação feminina realizada nas casas, é possível verificar as formas de cobrança de mensalidades, visto que os preços eram publicados, revelando que era uma forma de instrução para uma camada da população que dispunha de recursos suficientes para manter suas filhas nas escolas, ou seja, para a elite pelotense.

No que diz respeito aos valores, as expressões encontradas nos anúncios dos colégios são: *contribuição das alumnas, condições, preços, pensões trimestrais, pensões trimestralmente adiantadas*. Segundo o exemplo do anúncio do ‘Collegio Sta. Anna’, é possível observar que o pagamento das mensalidades era adiantado trimestralmente: “as mensalidades serão recebidas por trimestre adiantado, não descontando-se as faltas” (Correio Mercantil, 05/01/1890). Assim como nesse colégio, em todos os outros que anunciavam percebe-se a prática de cobrar as mensalidades ‘adiantadas’ em um período ‘trimestral’. É perceptível nos anúncios dos *collegios femininos* uma prática comum em relação aos valores e formas de pagamento. O que revela, portanto, a forma das professoras garantirem antecipadamente o pagamento, talvez como maneira de manutenção da escola e pagamento de professores/as. Também pelo fato dessas escolas aceitarem alunas internas e semi-internas, precisando, portanto, garantir subsistência às matriculadas.

Neste mesmo anúncio do colégio ‘*Sta. Anna*’, é interessante observar a citação de que a escola não descontaria as faltas, sendo possível questionar a descontinuidade e até possíveis desistências ou troca de escolas por parte das alunas.

Nas propostas de pagamento nos anúncios, é possível encontrar a diferença nos valores conforme o nível de instrução e as formas de internato e externato, publicados da seguinte maneira:

As pensões serão pagas trimestralmente adiantadas.

Alumnas internas secundarias	110\$000
Alumnas internas primarias	100\$000
Alumnas semi-internas secundarias	60\$000
Alumnas semi-internas primarias	50\$000
Alumnas externas secundarias	30\$000
Alumnas externas primarias	15\$000

O ensino da musica e piano será pago em separado.

Ilustração 40 – Collegio São João

Aceita alumnas mediante as contribuições seguintes, pagas por trimestres adiantados :

Curso primario (1º grão)	15\$000
» » (2º grão)	24\$000
» secundario	36\$000

Além da contribuição cada alumna pagará uma joia annual de 3\$000

Ilustração 41 – Collegio Externato Nacional

As pensões serão pagas trimestralmente adiantadas.

Alumnas internas secundarias	110\$000
Alumnas internas primarias	100\$000
Alumnas semi-internas secundarias	60\$000
Alumnas semi-internas primarias	50\$000
Alumnas externas secundarias	25\$000
Alumnas externas primarias	15\$000

O ensino da musica será pago separado.

Ilustração 42 – Collegio Pedro II

Esses valores indicam que, se compararmos as aulas particulares, que custavam em média 3\$000 réis por mês, às aulas dos colégios particulares, que custavam por trimestre 15\$000, e por mês, no regime de externato, entre 4\$000 e 5\$000 réis, os colégios particulares representavam um gasto aproximado em relação às aulas particulares, por parte das famílias. Diferentemente seria se as famílias enviassem suas filhas ao internato, cujo custo passaria de 120\$000 por trimestre e 40\$000 réis por mês, ou seja, o valor se multiplicaria dez vezes em relação ao externato.

De acordo com essas cobranças, é possível verificar que os colégios, apesar de ter gastos com as escolas, professores, etc., por manter um ensino coletivo, poderiam representar às *directoras* uma remuneração mais expressiva.

Conforme notícia do ‘Collegio de Mme. Jeanneret’, do jornal A Discussão, do dia 30/11/1882, é possível observar que o colégio teve, naquele ano, 39 alunas que prestaram exames finais. Sendo assim, se fizermos uma simulação de que as 39 alunas dessa escola fossem externas (menor valor pago), esse valor recebido pela professora, conforme preços cobrados pela escola no anúncio publicado no Correio Mercantil do dia 07/11/81, de 15\$000, multiplicado às 39 alunas seria de 585\$000 réis por trimestre, 195\$000 réis por mês. Comparando aos honorários dos professores da Instrução Pública, que ganhavam entre 600\$000 e 1.500\$00 por ano (Correio Mercantil, 17/04/1889), verifica-se que cada professor/a pública recebia aproximadamente 50\$000 réis por mês. Nas escolas particulares, se levarmos em conta gastos com as escolas e professoras/es, que eram em média 5, percebe-se que os honorários e/ou remunerações destes professores/as eram possivelmente menores. Portanto, a Instrução Pública representava às professoras/es uma remuneração maior do que as das escolas particulares.

Esses valores e as formas de pagamento (trimestrais), se comparados aos colégios masculinos, revelam que os colégios femininos eram equivalentes, em alguns casos, como os do ‘Collegio Arnizaut Furtado’ (Correio Mercantil, 11/08/1876) e ‘Collegio Reis’ (Correio Mercantil, 17/12/1875). Em outros casos, como o Collegio Evolução (Correio Mercantil, 28/04/1887) e ‘Collegio Francez’ (Correio Mercantil, 25/01/1876), diferenciavam-se em razão de os colégios masculinos representarem em média de 25 % a mais nos custos das mensalidades em relação a alguns colégios femininos. Essa diferença pode ser observada através da quantidade de matérias oferecidas, ou seja, quanto maior o número de matérias maior os valores cobrados. Por fim, em relação a pagamentos é preciso ressaltar que as matérias como música e bellas artes eram pagas em separado, embora sem preços estipulados nos anúncios.

Os valores e as formas de pagamentos indicam, sem dúvida, que essas escolas eram para a elite pelotense. Sendo assim, a falta de escolas e de professoras/es para essa classe social foi sendo solucionada ou minimizada através dessas escolas.

Para finalizar este capítulo, faço uma discussão em torno das avaliações, dos exames finais e dos exercícios escolares.

4.5 A avaliação: os *exercícios escolares*

De modo geral os *collegios femininos* noticiavam nos jornais os exercícios escolares referentes ao final do ano letivo, notícias nas quais é possível encontrar menção ao nome das *alumnas*, às matérias em que eram argüidas, às formas de argüição, ao corpo docente que compunha o júri de avaliação, ao lugar em que eram realizados os exercícios, ao tipo de comemoração realizada, às premiações, bem como aos trabalhos literários e artísticos realizados pelas *alumnas*. Essas avaliações eram expostas publicamente nos jornais, registravam o desempenho das alumnas e mostravam o resultado do trabalho desenvolvido durante o ano. Geralmente, no final do ano, entre os meses de novembro e dezembro, os colégios informavam a população, através das notícias dos jornais, como haviam sido as avaliações e as distinções das suas *alumnas*.

A notícia seguinte, publicada no Jornal do Commercio, do dia 12 de Dezembro de 1880, traz um desses registros dos exercícios escolares do ‘Collegio Acacia’:

EXAMES – No dia 2 realizaram-se os exames no collegio *Acacia*, habilmente dirigido pela Exma. Sra. D. Maria Malvina de Medeiros.

Não nos tendo sido possível assistir a essa festa escolar, louvamos na apreciação de um illustrado amigo que bondosamente se prestou a ministrar-nos as seguintes informações:

A convite da digna directora presidiu aos trabalhos o Sr. Dr. José Baptista Pereira, servindo de examinadores os Srs. Bernardo Taveira Junior, Fernando Pimentel e Arthur Lara Ulrich.

Versaram os exames sobre portuguez, francez, arithmetica, geographia, e noções de cosmographia.

As examinandas pronunciaram-se de um modo admiravel, respondendo com desembaraço a todas as perguntas que lhes foram feitas, principalmente as da 1ª classe que mereceram louvores do numeroso concurso de cavalheiros e senhoras que presencavam a satisfactoria realidade do adiantamento das alumnas do collegio *Acacia*.

Depois dos exames, seguiram-se a recitação de trechos litterarios, e eloqüentes demonstrações de gratidão à directora e professores, da parte de algumas alumnas, o que tudo coren esplendidamente.

Terminadas as recitações, cantaram as meninas, acompanhadas no piano pelo professor o Sr. Quaglia, o hymno do collegio que produziu muito effeito.

Após o hymno, o Sr. Dr. Baptista Pereira pronunciou um pequeno, mas bellissimo discurso, concernente à educação e instrucção qual mereceu-lhe sinceros e justos applausos.

Seguiu-se a distribuição dos premios. As alumnas offereceram bonitos ramalhetes à Exma. Sra. D. Maria Malvina, aos examinadores e ao Sr. Dr. Baptista Pereira.

Logo depois foi servida aos circumstantes uma profusa e magnifica mesa de doces.

Em resumo, as alumnas do collegio *Acacia* honrando-se a si honraram a sua muito digna directora e aos seus professores, e deram viva satisfação a muitos pais e mãis que alli testemunhavam os triumphos alcançados por suas filhas.

A vida d'esta pequena, mas verdadeira noticia, chamamos a attenção para o collegio *Acacia*, que cada vez mais digno se torna da protecção das famílias.

Analisando essa notícia, verifica-se o momento em que alunas tinham que provar à banca examinadora os conhecimentos que haviam recebido durante o período letivo na escola. Pelo exemplo acima verifica-se que primeiramente as alunas responderam publicamente e oralmente a um questionário, em seguida recitaram trechos literários, cantaram, ofereceram flores à diretora e aos examinadores e festejaram com doces os “triumphos alcançados”. Mais do que uma prova do desempenho das alunas, essa notícia revela o interesse na publicação do sucesso das escolas femininas e das suas respectivas diretoras na educação e instrução feminina. Essa prática de publicar os exames finais pode ser verificada principalmente através das notícias dos colégios ‘Acacia’, ‘Mme. Jeanneret’ e ‘Victoria’.

A organização desses exames contava com a participação, como ‘examinadores’, da diretora e de professores dos colégios masculinos, conforme notícias encontradas. Nesses exames especificamente, os lugares de “poder” e de decisão nas bancas examinadoras eram marcados pela presença exclusiva dos professores. As *directoras* apenas “assistiam” ao processo de avaliação. Novamente, é perceptível, conforme Louro (1997b, p.78-79), um espaço “diferenciador”, no qual “as formas e os sujeitos do magistério ocuparam lugares sociais distintos”.

Nessas avaliações eram feitas pela banca examinadora questionamentos oralmente e as alunas respondiam publicamente às perguntas sobre as matérias que prestavam exames, como, por exemplo, *portuguez, francez, arithmetica, geographia e noções de cosmographia*.

Durante os exames, as alunas atestavam seus conhecimentos e eram ‘habilitadas’ para seguir os estudos.

Após os questionamentos orais, as alumnas apresentavam-se recitando poesias, proferindo discursos, trechos de obras literárias francesas, especialmente, cantando e tocando instrumentos musicais, muitas vezes aprendido na escola. A cerimônia encerrava-se, geralmente, com premiações às alunas, presentes às autoridades e à professora, seguidas de bailes, festas e comemorações.

É preciso considerar que, nessas avaliações escolares, a leitura oral de trechos literários e os cantos eram bastante comuns. Conforme Chartier (2000, p.21), a leitura em voz alta tem uma “função pedagógica”. Segundo ele, “demonstrar que se é um bom leitor, lendo em voz alta, constitui um ritual de passagem obrigatório para jovens que exibem, assim, seu domínio da retórica e do falar em público”.

No próximo exemplo, a avaliação das alunas revela exatamente o momento em que as alunas provam publicamente os conhecimentos adquiridos nos colégios, através das respostas às interrogações referentes às matérias e através da representação de uma produção dramática, em francês:

EXERCICIOS ESCOLARES. – No domingo passado, no salão da sempre prestativa *Terpsichore*, realizaram-se os exames das alumnas do Collegio Francez, dirigido pela habil professora a Exma. Sra. Branca Audissau. Compareceram a essa festa da juventude das mais illustres familias pelotenses, que tiveram ensejo de presenciar um acto assás, edificante e nunca visto n’esta cidade. As alumnas, depois de mostrar ao numeroso auditorio o quanto teem aproveitado seus estudos durante a existencia de seis mezes apenas que conta aquelle collegio, respondendo admiravelmente em todas as materias em que foram interrogadas – grammatica franceza, geographia, historia, arithmetica - etc., etc., representaram, a caracter, uma interessante produção dramatica denominada Perette et Gabrielle, elegante composição de Mme. Audissou, e de tal maneira desempenharam os differentes papeis, tão bem ensaiadas estavam, que os espectadores, por mais de uma vez promoveram em freneticos applausos de admiração. Depois da representação, que esteve realmente digna de todo elogio, as alumnas recitaram diversas poesias e cantaram belíssimos *couplets*, acompanhadas ao piano (...). (Jornal Correio Mercantil, 28/12/1875).

Chama a atenção a utilização de espaços públicos para a realização dos exames, como, por exemplo, a *Sociedade Terpsichore*, uma sociedade bailante que promovia bailes e saraus na cidade. Nesse sentido, era um momento festivo dos colégios, em que as famílias “ilustres”

podiam, além de acompanhar o aproveitamento das suas respectivas filhas nos estudos, utilizar este espaço para exibição pública e promoção social.

Nos próximos exemplos, verifica-se novamente a prática da leitura oral, em público e na língua francesa, como característica essa que pode ser evidenciada através dos títulos das obras lidas:

COLLEGIO VICTORIA – Teve lugar hoje, neste estabelecimento de instrução primaria e secundaria para o sexo feminino, os exercicios sobre diversas disciplinas.

As alumnas da 1º e 2º classes responderam satisfatoriamente em todos os pontos que foram argüidas.

A mesa dos exames compunha-se da digna directora Exma. Sr. D. Izabel Mac Ginity e dos Srs. Albino da Silva Silveira, Thomas King e Arnizaut Furtado.

Em francez leram e traduziram, com elegância alguns trechos de Beautés de Chateaubriand as alumnas D.D. Josephina Mac Ginity, Elysa Schneider e Izabel Fernandes.

Estas mesmas alumnas e juntamente D. Amelia Tavares analysaram logicamente alguns periodos em portuguez, seguindo-se a analyse etymologica pelas alumnas D. Honorina Silva,, Florinda Paula, Josephina Mac Ginity, Alice King, Emma King, Angélica Coimbra, Thereza Amoretty, Victorina Amoretty e Francisca Xavier. (Jornal do Commercio 01/07/1880).

COLLEGIO JEANNERET – Continuaram e concluíram hoje n'este estabelecimento de instrução os exercicios do fim do anno escolar. Notava-se no salão da cerimonia grande reunião de Sras. e cavalhaeiros para esse fim convidados. Compunha-se a mesa dos exames dos seguintes: Mme. Jeanneret, Mlle. Jeanneret, Srs. Carlos Laquintinie, e Alberto Mendonça Moreira.

Nas diversas disciplinas em que forão argüidas, responderam satisfatoriamente todas as alumnas tanto da 1º como das outras classes. Merece, entretanto especial menção na 1º classe, em portuguez, francez, arithmetica e geographia astronomica as seguintes jovens: D.D. Idalina Calero, Antonia Chaves, Senhorinha Laquintinie, Percilia Rios, Maria Cecília Duarte, Coleta Guimarães, Cecília Guimarães, Luiza Leivas, Leopoldina Lopes, Carolina Borges, Augusta Koeler, Christina Soares, e Adelaide Ramos.

Na 2º classe, em portuguez, franzez, arithmetica e geographia as seguintes jovens: D.D. Umbelina Tavares, Corina Moreira, Cecília Pereira, Lucilia Souza, Michaela Ardilha, Florinda Machado, Adelaide Leite, Mathilde Kratz, Ricardina Almeida, Maria Luiza Chaves, Florinda Mendonça, Manoela Soares, Honorina Koeler, e Alice Duarte.

Na 3º classe, em portuguez, arithmetica, as seguintes jovens: D. D. Arlinda Pereira, Elvira Gama Lobo, Ignacia Barreto, Núncia Leite, Maria Angélica Crespo, Alice Soares, Elvira Prates, Emma Brusque, Guiomar Oliveira, Izabel Garcia, Alice Koeler, Maria José Amaral.

Houve um bonito dialogo na lingua franceza entre as intelligentes jovens Maria Luiza Chaves, Lucilia Souza e Alice Duarte, o qual mereceu vivos applausos do numeroso auditórios, seguindo-se outro dialogo no mesmo

idioma pelas não menos inteligentes alumnas D. D. Luiza Leivas, a Senhorinha Laquintinie.

As gentis discipulas de Mme. Jeanneret, D. D. Leopoldina Lopes, e Magdalena Tamborindéguy recitaram lindas poesias analogas ao acto, pronunciando uma bella producção poetica a cerca de Joanna d’Arc, a galante jovem Adelaide Ramos.

Pela digna directora foram distribuídos a todas as suas alumnas, como signal de lembrança, pela assiduidade e applicação aos trabalhos escolares durante o anno lectivo, lindos livros elegantemente encadernados. Felicitamos a Mme. Jeanneret pelo excellente êxito alcançado nesse certamen, devido a seus esforços como distincta preceptora da mocidade. (A Discussão, 30/11/1882).

Nesse sentido, é possível perceber, especificamente nos exercícios escolares, o predomínio das leituras em francês, indicando que os colégios estimulavam esse tipo de leitura reservada a uma minoria capaz de ler nesta língua. Poesias, ‘*dialogo na língua franceza*’, *bella producção de Joanna d’Arc*, trechos de *Beautés de Chateaubriand*, mostram claramente a tendência de leituras públicas de clássicos, especialmente da cultura européia.

Além disso, havia a distribuição de livros como prêmios. No Collegio de Mme. Jeanneret, as 39 alunas “foram agraciadas”, como sinal de “lembrança, assiduidade e applicação” nos trabalhos escolares com livros “elegantemente encadernados” (A Discussão, 30/11/1882).

Cabe ressaltar que as notícias referentes aos exercícios escolares, além de trazer informações importantes sobre as formas de avaliação dos colégios, também traziam informações sobre o nome das alunas, a quantidade de alunas que haviam prestado os exames, as matérias e os níveis de ensino em que se encontravam. Conforme a notícia do ‘Collegio de Mme. Jeanneret’, do jornal A Discussão, do dia 30/11/1882, é possível perceber que 39 alunas haviam prestado os exames, revelando a quantidade de alunas que freqüentaram a escola naquele ano.

Se compararmos essa quantidade de alunas que prestaram os exames do Collegio de Mme. Jeanneret com a quantidade de alunas matriculadas na aula pública do sexo feminino, descrita no “Movimento Escolar” e publicada no jornal Diário de Pelotas, do dia 08/02/1887, é possível perceber que a média das matrículas das aulas públicas femininas variavam de 30 a 75 alunas por professora. Nessa comparação, é preciso ressaltar que uma se refere às matrículas, que não registram desistências ou reprovações, e outra aos exames, ou seja, às meninas que efetivamente freqüentaram as aulas. Sendo assim, o número de meninas nas escolas privadas pode ser considerado expressivo se comparado ao ensino público.

Pelos exames, vê-se que havia 3 classes, com uma média de 13 alunas por classe. As matérias em que as alunas foram argüidas, no exemplo referido, eram português, francês, geografia astronômica e aritmética na 1º classe; português, francês, geografia e aritmética na 2º classe; português e aritmética na 3º classe. A notícia permite afirmar que as matérias no exame final deste colégio foram praticamente as mesmas publicadas no anúncio, com exceção para as matérias de cosmografia e história, oferecidas no currículo. Um exemplo que demonstra, de alguma forma, a aplicabilidade do ensino oferecido nos anúncios.

Outro exemplo é a continuidade dessa educação, que pode ser observada através do destaque da aluna Idalina Calero. Conforme notícia anterior, do ‘Collegio de Mme. Jeanneret’, do ano de 1882, Idalina foi aluna deste colégio e prestou exames na 1º classe. Seis anos depois encontra-se no jornal *A Ventarola*, do dia 02/061888, Idalina como uma jovem de destaque na sociedade pelotense:

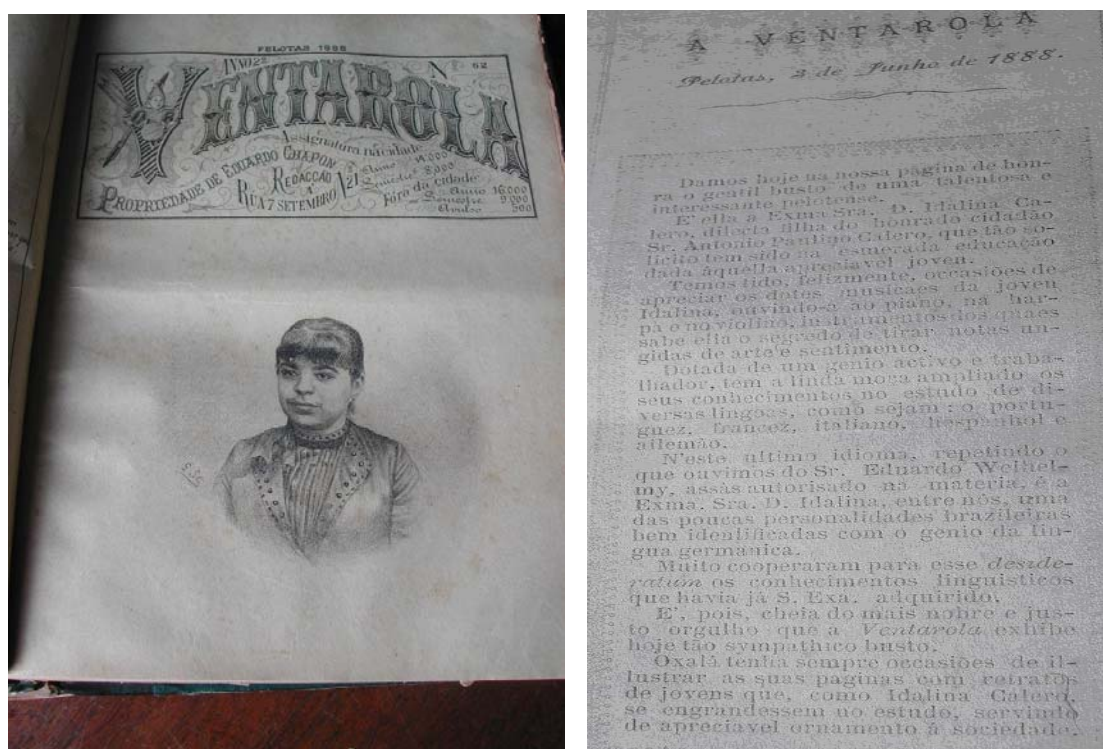


Ilustração 43 – *A Ventarola*, 02 de junho de 1888

Diz a matéria que Idalina era filha do Sr. Antonio Paulino Calero, que “tão solícito tem sido na esmerada educação dada aquella apreciavel jovem”, fazendo com que a filha, além

dos seus dotes musicais, ampliasse seus conhecimentos em diversas línguas, como uma das “poucas personalidades brasileiras, bem identificadas com o genio da lingua germanica”. Idalina é uma moça que “se engrandeceu no estudo”(A Ventarola, 02/06/1888).

Este exemplo indica, além da distinção da jovem, alguns fatores que revelam seu sucesso nos estudos, entre eles, a ‘esmerada educação’. Sendo assim, pode-se concluir que o ‘Collegio de Mme. Jeanneret’ foi, em parte, responsável por essa ‘educação esmerada’. Outra característica do seu “sucesso”, conforme o jornal, são seus dotes musicais, também um ensinamento priorizado pelo colégio e, finalmente, a ampliação dos seus conhecimentos em diversas línguas, que também eram oferecidas pelo colégio em que estudou, ou seja, o ‘Collegio de Mme. Jeanneret’.

O ‘Collegio de Mme. Jeanneret’, aliás, é destacado no próximo capítulo, assim como sua “*respeitavel*” directora.

5. - Alguns aspectos da vida da professora madame Berta Jeanneret



Ilustração 44 – Mme. Berta Jeanneret

5.1 Aspectos do colégio e da vida profissional da professora ‘Mme. Jeanneret’

O Rio Grande do Sul teve e tem em seu meio educadores que fizeram a História da Educação rio-grandense, cujas histórias individuais correm o risco de perder-se pois não há acervo a respeito. Ademais, a história pessoal e profissional, antes de ser unicamente individual, tem natureza social, pois se inscreve na e constrói a própria História da Educação e da Profissão Docente em nosso estado (Abrahão, 2004a, p.13).

As fases da trajetória de vida da professora Berta Jeanneret, certamente passa pelas fases do próprio ‘Collegio de Meninas Mme. Jeanneret’. Partindo desse entendimento, coloco em evidência os anúncios do seu colégio, para marcar o período da trajetória profissional da professora na cidade de Pelotas, as experiências e práticas da professora no ensino feminino e os processos de continuidade e descontinuidade da escola que dirigia.

O período da trajetória profissional da professora Mme. Jeanneret, em Pelotas, sem dúvida, pode ser seguido e explicitado através dos anúncios nos jornais pelotenses. Verifica-se que anualmente a professora anunciava sua escola, sendo na pesquisa, a professora e o colégio “permanente” em termos de anúncio. Essa série contínua de anúncios modifica-se anualmente e mostra um ciclo que vai consolidando a escola na sociedade pelotense. E revela, de certa forma, principalmente através do currículo e dos exames finais, as características do trabalho exercido pela professora como, por exemplo, a ênfase no ensino da língua francesa e dos bordados.

Como forma de acolher as necessidades e anseios das famílias da elite pelotense, a professora, no que tange a educação feminina, soube associar suas qualidades e habilidades aos desejos e preocupações da época. Nesse sentido, seu colégio parece ter tido muito sucesso em Pelotas. Apresento, a seguir os anúncios selecionados para demonstrar as diferenças dos mesmos. Primeiramente, o anúncio é mais completo e posteriormente apenas informa os dias de reabertura da escola:

Precisa-se de uma creada, de 10 a 12 annos, livre ou escrava, para cuidar de uma creança. — Informações n'esta typographia. (2)

um lindo passeio campestre, garantindo-se-lhe prompto e asseado serviço mediante preços razoaveis.

PELOTAS (23)

COLLEGIO

DE

MADAME JEANNERET

A annunciante tem a honra de participar ao publico em geral e especialmente aos pais de suas alumnas que, além do ensino da lingua franceza e de todos os trabalhos de costura, bordados, ponto de agulha, etc., a seu cargo, tem tambem contratado habeis professores para o ensino das seguintes materias: PORTUGUEZ, INGLEZ, GEOGRAPHIA, ARITHMETICA, DESENHO, etc.; portanto espera continnar a merecer a protecção dos Srs. paes de familia, que já tem sobejas provas do modo porque são educadas as alumnas, confiadas aos seus cuidados e desvellos. 3—3

Ilustração 45 – 1875

Collegio

DE

Mme. JEANNERET

Rua S. Miguel n. 153

A directora d'este estabelecimento participa aos pais de suas alumnas e ao publico em geral, que no dia 7 do corrente mez reabrir-se-ha as aulas em seu collegio. 3—1

Ilustração 46 – 1878

COLLEGIO DE MENINAS
 DIRIGIDO POR
Mm. Jeanneret

As aulas d'este estabelecimento de instrução primaria e secundaria, ra.
 abrir-se-hão no dia 7 de Janeiro.

MATERIAS DE ENSINO A CARGO DO COLLEGIO :
 Linguas franceza e portugueza, leitura, calligraphia, arithmetica, geogra-
 phia, historia sagrada e trabalho de agulha de todas as qualidades.
 O desenho, piano, as linguas inglesa e allemã são retribuidas em separado.

PROFESSORES

D. Julia Jeanneret.
 D. Pulchéria Soares.
 Sr. Carlos Laquintiale.
 Sr. Benjamin Amaraute.
 E a directora.

Preços :

Interna, por trimestre	100\$000
Meia pensionista	60\$000
Externa, secundaria	24\$000
e primaria	15\$000

O trimestre é pago adiantado e não ha nenhum desconto pelas férias, nem
 por qualquer tempo que as discipulas passem fóra do estabelecimento.

N. 926 8-3

Ilustração 47 – 1880

N. 4 —3 | N. 44 —3

COLLEGIO DE MENINAS

DE

Mme. Jeanneret

As aulas deste collegio de instrucção primaria e secundaria
reabrir-se-hão no dia 10 de Janeiro

MATERIAS DE ENSINO A CARGO DO COLLEGIO

Linguas portugueza e franceza,
leitura, historia, geographia, cosmographia
E TRABALHOS DE AGULHA DE TODAS AS QUALIDADES

PROFESSORES

Srs. CARLOS LAQUINTINIE — BENJAMIN AMARANTE
JOÃO AFFONSO CORRÊA DE ALMEIDA — ALBERTO M. MOREIRA
e D. JULIA JEANNERET

CONTRIBUIÇÃO DAS ALUMNAS

Pensionistas secundarias	120\$000	—	Pensionistas primarias	100\$00
Meias pensionistas secundarias e primarias	60\$000			
Externas secundarias	30\$000	—	Externas primarias	15\$000

N. 60 *Pagamento adiantado e por trimestre* 6-1

Ilustração 48 – 1881

COLLEGIO

de Madame Jeanneret

Reabertura das aulas no dia 9 de Janeiro

N. 949 6-2

Ilustração 49 – 1887

Além dos professores e dos valores cobrados, que variavam nos anos da pesquisa, também o nome do colégio varia, em alguns anos denominou-se ‘Collegio de Mme. Jeanneret’, em outros, ‘Collegio de Meninas de Mme. Jeanneret’ e, depois da venda da escola, “Instituto Jeanneret”. Conforme indiquei no capítulo anterior, entre os professores, no ano de 1880, observa-se *Julie Jeanneret, Pulcheria Soares, Carlos Laquintinie, Benjamim Amarante, e a directora*; no ano de 1881, continuam *a directora, Julie Jeanneret, Carlos Laquintinie e Benjamim Amarante*, porém percebe-se a saída da professora *Pulcheria Soares* e a entrada dos professores *João Affonso Corrêa de Almeida e Alberto M. Moreira*. Em 1883, lecionam na escola a *directora, Julie Jeanneret, Benjamia Amarante, Carlos Laquintinie, João Affonso de Corrêa de Almeida, Alberto Mendonça de Moreira* e verifica-se a entrada de *Miss Milna*. Portanto, percebe-se um aumento de um professor ou professora por ano. Apesar de indicar um acréscimo e aumento de alunas e da própria escola essa característica não pôde ser acompanhada nos outros anos porque, dos anos de 1883 a 1890, a professora utilizou anúncios conforme modelo do ano 1887 (ilustração 46), apresentado anteriormente, no qual apenas informava os dias do início das aulas. Um indicador de que a escola estava estabelecida como espaço de ensino feminino. Através do anúncio a seguir, do dia 30/12/1890, do Instituto Jeanneret, é possível destacar o ano de fundação do colégio, 1872. Segue o anúncio:

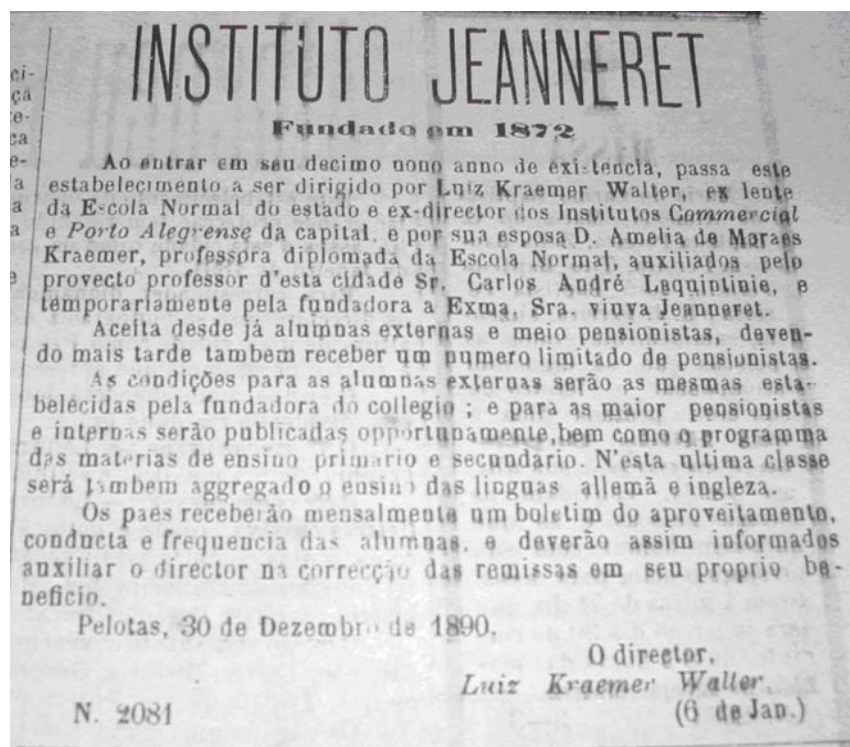


Ilustração 50 – Correio Mercantil 30 de dezembro de 1890

Conforme o anúncio, “em seu decimo nono anno de existencia”, o colégio de Berta Jeanneret passa a ser dirigido por outros professores, “*por Luiz Kraemer Walter, ex-lente de Escola Normal do estado e ex-director dos Institutos Commercial e Porto Alegre da capital, e por sua esposa D. Amelia de Moraes Kraemer*”. Esse anúncio revela o fim de quase duas décadas do “Collegio de Mme. Jeanneret”, sob a direção de Berta Jeanneret.

O colégio foi vendido pela professora Berta em 1890, por razões familiares. Entender, portanto, a trajetória desta professora e de seu colégio passa pela compreensão de aspectos de sua vida familiar.

5.2 Aspectos da vida familiar de Berta Jeanneret

Das diversas obras que tratam da educação feminina brasileira no século XIX poucas são as que dão ênfase à vida das professoras. Ao pesquisar nos jornais literários pelotenses *A Ventarola* e *o Cabrion*, pôde-se perceber algumas biografias de homens e mulheres de Pelotas. Em um deles, *A Ventarola*, encontra-se uma pequena biografia da professora **Mme. Jeanneret**. É preciso considerar que o encontro com a imagem da professora foi uma boa surpresa nesta pesquisa.

Através dessa imagem da professora Mme. Berta Jeanneret e sua pequena biografia, aproximei-me dos detalhes, do rosto esquecido no tempo, do nome, de fatos de sua vida. Mais que uma nova forma na investigação, mostrar aspectos da vida desta professora pode representar a oportunidade de tentar contemplar e esclarecer um pouco da vida de muitas outras que estão perdidas ou continuam esquecidas. Como afirma Abrahão (2004a, p.13), reproduzida na epígrafe deste capítulo, “a história pessoal e profissional, antes de ser unicamente individual, tem natureza social”, ou seja, biografias de professoras são “um manancial rico de ser explorado”. As biografias de professoras eram pouco comuns nos

jornais, o que chama a atenção e torna ainda mais singular o fato do destaque jornalístico da professora Mme. Jeanneret.

Estive atenta, durante a pesquisa, às possíveis manifestações em que as professoras eram citadas, na tentativa de encontrar informações sobre o período do seu ingresso na cidade, o início de suas atividades como professoras, sua origem, e outras características que pudessem retratar, de certa forma, as experiências das muitas vividas por mulheres que trabalharam na docência das classes femininas em Pelotas. Porém, é preciso considerar a dificuldade do registro de vidas de professoras. Apesar de dispor de vários anúncios das aulas particulares e dos colégios femininos particulares, poucos registros específicos sobre a origem, vida e trajetórias das mulheres professoras, como os que foram considerados, neste capítulo, foram encontrados. Isso significa que os dados apresentados, uma pequena biografia da professora, notícias, anúncios, aviso de leilão de objetos da família são, sem dúvida, particularidades que possibilitam a descrição de alguns aspectos da trajetória de vida da professora. É preciso considerar que provavelmente a vida de Berta Jeanneret tenha sido noticiada e registrada no jornal menos pela sua condição de professora e mais pela sua condição familiar e sócio-econômico.

Nesse sentido, é preciso considerar que a “escolha” pela história da professora Mme. Jeanneret é resultado da seleção dos próprios jornais que a “elegeram” como uma presença importante na sociedade. A história da professora só pôde ser delineada porque, diferentemente de muitas outras, essa foi uma profissional da educação que se sobressaiu, pela família a qual pertencia, pela credibilidade que alcançou com sua escola, ‘Collegio de Mme. Jeanneret, pelo tempo de atuação no magistério, mais de 19 anos.

Madame Berta Jeanneret, conforme biografia, era uma professora ‘*respeitavel*’ e o “*verdadeiro typo do trabalho*”. Segue a biografia do jornal literário A Ventarola, do dia 08 de janeiro de 1888:

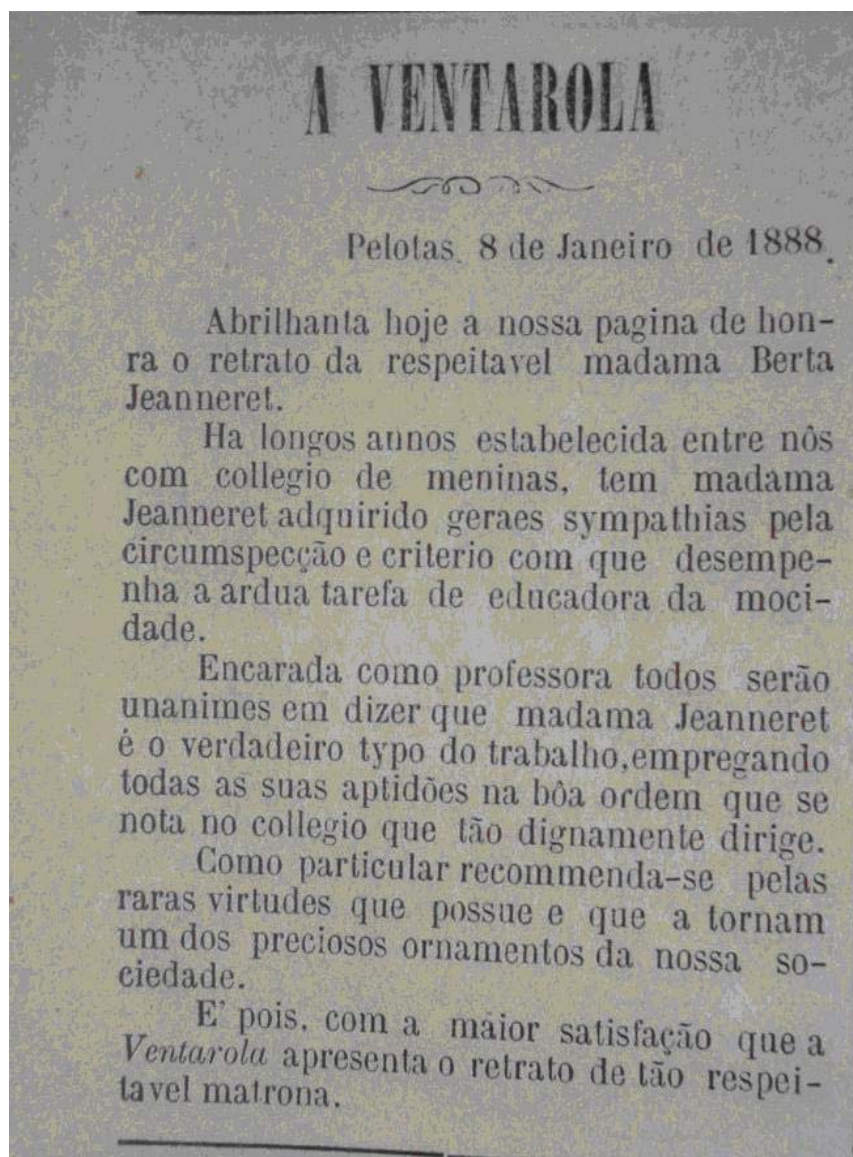


Ilustração 51 – A Ventarola, 08 de janeiro de 1888

Os atributos da personalidade da professora destacados são: uma “respeitavel matrona²¹”, que emprega “todas as suas aptidões na boa ordem que se nota no collegio que tão dignamente dirige”. Constata-se que a “boa ordem”, assim como o tempo de atuação da professora, “há longos annos estabelecida entre nós com collegio de meninas”, faz dela uma presença significativa na vida educacional da cidade.

²¹ Matrona, conforme Aurélio, é uma mulher madura e corpulenta (2004, p.331).

Para compreender o sucesso do colégio e da vida da professora, é preciso referir algumas notícias relacionadas à sua família. Jeanneret foi uma família que se sobressaiu na cidade de Pelotas, em especial o marido da professora, um “honrado cidadão suíço, que exercia atividades comerciais, com “uma importante relojoaria” e atividades filantrópicas, entre elas à Biblioteca Pública Pelotense, com uma doação de 2\$000 réis, no ano de 1880 (Correio Mercantil, 04/06/1880). Assim, todo material com referências à família também foi selecionado no esforço de tentar compreender quem foi Berta Jeanneret. Dentre os matérias localizados, está a notícia do falecimento do marido de Mme. Jeanneret, em 1890:

EDUARDO JEANNERET

Sepultou-se no domingo á tarde o cadáver do laborioso e honrado cidadão suíço Sr. Eduardo Jeanneret, que há cerca de 25 annos morava na cidade de Pelotas, onde se estabelecera com uma importante relojoaria e casa de aparelhos diversos, á rua S. Miguel. Debaixo de uma apparencia pouco communicativa, Eduardo Jeanneret possuía um coração generoso e uma alma nobre, que o tornaria sympathico a quantos privavam na intimidade das suas relações. Gozou sempre o finado Jeanneret da maior estima na cidade de Pelotas, e não pouco contribuiu para o progresso local, na esphera em que exercia sua actividade. O Sr. Eduardo Jeanneret era oriundo do cantão de Neyfchathel, Republica Suissa, que deixou para residir na Bahia, posteriormente no Rio de Janeiro, e finalmente, no Rio Grande do Sul. Era casado com a respeitavel Mme. Jeanneret, *directora de um dos mais importantes estabelecimentos de educação d'esta cidade* e, sucumbiu atacado pela albuminuria. O sepultamento do seu cadaver foi muito concorrido, tendo o préstito sahido directamente da casa mortuaria para o cemiterio acatholico. Damos as condolencias a sua Exma. viuva, filhos e genro (Correio Mercantil, 25/11/1890) (grifos meus).

Da República Suíça ao Brasil, das províncias da Bahia, Rio de Janeiro e, finalmente, Rio Grande do Sul à vida em Pelotas. O que poderá ter atraído Eduardo Jeanneret à cidade de Pelotas? Afinal, onde conheceu Berta Jeanneret? Vieram juntos da Suíça? Como participavam da sociedade pelotense, se inseriram no mercado de trabalho e foram aceitos nesta cidade? Essas questões, entre outras, são suscitadas pela notícia.

Contudo, através dessa notícia é possível identificar o país de origem do marido da professora, a Suíça, e as várias estadas em outras províncias, demonstrando que muitas famílias estrangeiras não se fixavam exatamente nos lugares em que desembarcavam, mas procuravam cidades prósperas e com potenciais econômicos para se fixar. O tempo em que

residiram na cidade, 25 anos, revela, de alguma forma, uma boa inserção da família na sociedade local.

Percebe-se que Eudorado Jeanneret, ou a família Jeanneret, chegou em Pelotas por volta de 1865, e 7 anos depois, em 1872, Mme. Jeanneret fundou seu colégio, o “Collegio de Mme. Jeanneret”.

Assim como a origem, a notícia permite, além de saber que a professora era casada, tinha filhos e genro, conhecer um aspecto sobre a religião da família, ‘acatholicos’, ou seja, não eram católicos. Vindos da Suíça há uma grande probabilidade de serem protestantes.

Cabe destacar, além dessas características, o empreendedorismo da família Jeanneret. Eduardo Jeanneret “que não pouco contribuiu para o progresso local”, e Mme. Jeanneret, como diretora de “um dos mais importantes estabelecimentos de educação d’esta cidade”. Portanto, esta família obteve o reconhecimento da sociedade como tendo contribuído para o seu *progresso* e desenvolvimento.

Além da atividade comercial na cidade de Pelotas, a família, conforme exemplo a seguir, da propaganda reproduzida no Anuario mantinha negócios em outros locais da Província:

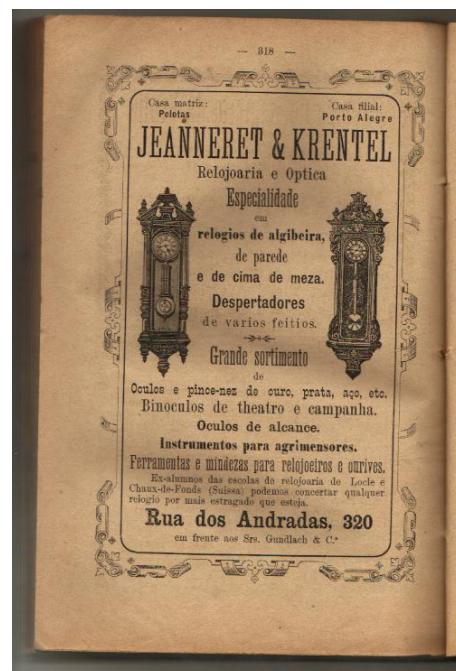
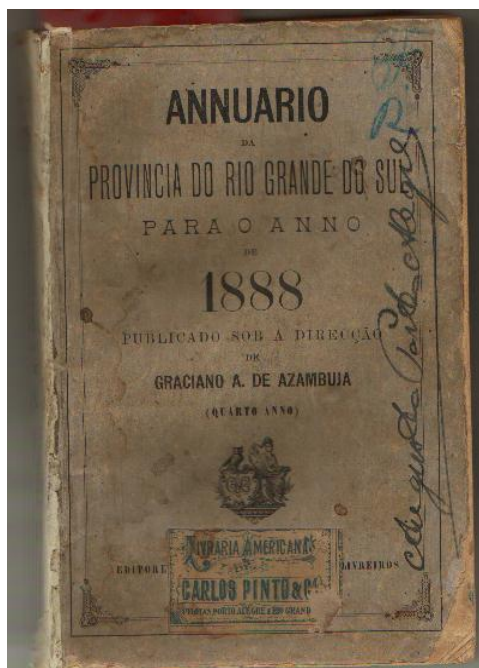


Ilustração 52 – Anuario de 1888

Eduardo Jeanneret era sócio em uma relojoaria na cidade de Pelotas (matriz) e Porto Alegre (filial) do Sr. Krentel²². Tal anúncio do ‘Anuario’ revela que a família mantinha dois estabelecimentos em cidades diferentes, como prestadores de serviços no conserto e venda de relógios, demonstrando que a família atuava em vários estabelecimentos, em diferentes localidades e relacionava-se com outros estrangeiros, o que possivelmente fortalecia seus negócios. Nesse período pesquisado, nos anúncios pode-se observar a significativa presença de estrangeiros na oferta de vários serviços, como, por exemplo, os anúncios de médicos, advogados, artesãos, *professoras e professores particulares*, fotógrafos, modistas, artistas e hotéis; ou produtos em estabelecimentos comerciais, como em relojoarias, livrarias, lojas de vestuário, sapataria, perfumes, etc. Pelotas foi, nesse sentido, uma das cidades eleitas como lugar que possibilitava ascensão econômica, social e cultural para estrangeiros e suas famílias, da mesma forma que a Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre,.

Além da notícia do falecimento do marido e dos anúncios no *Anuario* de 1888, outro anúncio revelou o fechamento dos estabelecimentos da família, o leilão dos bens dos Jeanneret. Foi possível destacar os bens relativos à casa e à relojoaria, como os utensílios domésticos e relógios, e aqueles que provavelmente poderiam fazer parte do colégio, entre eles ‘em especial o piano Pleyel’, as lãs para bordar e ‘muitos livros próprios para ensino, exemplares de escripta’, etc. Observa-se que a notícia do leilão circulou menos de um mês depois da morte de Eduardo Jeanneret. Segue a notícia do Jornal Correio Mercantil, do dia 17/12/1890:

²² Anúncio do Anuario da Província do Rio Grande do Sul, p. 318, 1888. Biblioteca Particular de Eduardo Arriada.

Leilão

de um especial piano Pleyel, alguns moveis, um grande e variado sortimento de relógios e pendulas de diversos padrões, portas, vitrinas, janellas balcão, espingardas, flores em vasos, armarios, grades de ferro, lampêões, encanamento do gaz, estantes para musica, ferramenta miuda, bastidores, estufa, gaiolas, escadas, magnifico fogão e canos, caixões, barris e bordalezas vazias, taboas, sarrafos, vidros para conservas, alguma louça, guarda-comidas, cadeiras de pão, um grande e variado sortimento de lãs para bordar e contas brancas e de côr, muitos livros proprios para ensino, exemplares de escripta e outras miudezas e para definitiva liquidação que serão presentes no acto do leilão pelo agente

F. E. Laquintinie

Quarta-feira, 17 do corrente
às 10 1/2 horas

A' rua S. Miguel ns. 92 e 94 -
onde esteve estabelecida a casa
dos Srs.

Jeanneret & Krentel

Atenção

O comprador das bemfeitorias
tem preferencia á chave da casa.
N. 1979

Ilustração 53

Nesse sentido, verifica-se que a família detinha um patrimônio considerável, possivelmente referente aos bens da relojoaria, da casa e do colégio de Berta Jeanneret.

Um mês após o falecimento do marido, Berta Jeanneret coloca a venda seu colégio. Conforme anúncio do dia 30/12/1890, o “estabelecimento” passa a ser dirigido sob a responsabilidade dos professores Luiz Kraemer Walter e sua esposa, D. Amelia de Moraes Kraemer, ficando o nome Jeanneret como legado.

No esforço ainda de encontrar vestígios de Berta Jeanneret como educadora, percorri os jornais pelotenses dos anos de 1891 e 1892, nos quais apenas encontrei anúncios do Instituto Jeanneret sob a responsabilidade do professor e professora acima mencionados.

Cabe ressaltar, por fim, a importante atuação de Mme. Jeanneret no processo de ampliação e constituição das escolas particulares femininas no século XIX, podendo ser considerada, sem dúvida, como uma mulher/professora que, através das suas atividades, representou uma parte da história das conquistas das mulheres na educação. Aparentemente teve coragem, ousadia e condições concretas como mulher estrangeira, para fundar um colégio para meninas. Soube atrair clientela pelas suas habilidades, conquistou credibilidade, dirigiu e disputou espaço no ensino feminino e foi reconhecida pelo seu trabalho como professora, “eminente educadora”..

Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo tentar compreender o ensino feminino privado, através das notícias dos jornais pelotenses, mais precisamente através dos anúncios dos jornais, entre os anos de 1875 e 1890. Com tal intenção, mostrou-se indispensável fazer uma leitura geral dos jornais, conhecer a bibliografia existente sobre os temas, história das mulheres e história da educação, selecionar os anúncios das aulas e colégios femininos particulares, compreender os discursos dos jornais através de algumas notícias sobre as mulheres, e tentar remontar uma parte da história da educação através dessas iniciativas privadas de educação feminina e do trabalho exercido pelas mulheres na docência.

O que se pôde constatar, em relação à bibliografia sobre os estudos da educação feminina, é que eles são necessários e pertinentes. O que sugere o questionamento: até que ponto o registro da educação feminina, a presença das mulheres na educação e no magistério têm interessado aos historiadores (as)? Apesar de surgirem muitos grupos de trabalhos, conforme Lopes (2001, 69), “programas de pós-graduação, dissertações e teses que têm se empenhado em realizar tanto pesquisa que incluem gênero”, em especial como “aquelas que têm por objeto a mulher e as particulares relações que estabelecem”, no campo da história da educação feminina, percebe-se que há ainda poucas pesquisas relacionadas à educação específica sobre as mulheres no século XIX, ou seja, a educação feminina continua a merecer a atenção dos pesquisadores (as).

Na busca por uma parte desta história, durante o período investigado, procurei desenvolver um olhar sobre o contexto no qual estavam inseridas as mulheres na cidade de

Pelotas. Nessa perspectiva, a leitura geral dos jornais foi fundamental para o processo de aproximação e reconhecimento dos diferentes grupos sociais, ideologias e indivíduos que estavam relacionados à educação feminina. A questão da emancipação da mulher, da abertura no mercado de trabalho e do direito à educação estiveram em evidência. Idéias positivistas, liberais e feministas foram propagadas pelos jornais pelotenses, contribuindo para o controverso debate em relação às mulheres e à educação feminina.

Em relação ao ensino feminino no Brasil, o que as notícias dos jornais enfatizavam era a abertura do ensino superior que, finalmente, começava a ser permitido para as mulheres. Era um momento em que as idéias defendidas como, por exemplo, o direito à educação, iam tomando forma e ganhando força. Apesar de controversas, essas idéias representavam planos e projetos sobre a educação e sobre a necessidade de instrumentalizar as mulheres com as ferramentas básicas, porque elas seriam responsáveis pela formação das gerações futuras. Sendo assim, uma “boa educação” poderia contribuir na civilização e progresso da sociedade.

Nesse sentido, a primeira conclusão que se pode inferir desta análise é que as discussões nos jornais sobre a emancipação feminina, a abertura no mercado de trabalho e o direito à educação das mulheres foram questões que influenciaram o movimento de educação feminina em Pelotas. Somadas a esse movimento, percebe-se uma educação pública ausente em relação às necessidades da sociedade do final do império, com poucos investimentos em escolas e falta de escolas de formação de professores. Foi um período marcado por constantes polêmicas, como a instituição de leis relacionadas à obrigatoriedade e à liberdade de ensino. Esses motivos contribuíram para o aumento de uma estrutura educacional privada capaz de atender a sociedade pelotense, caracterizada, naquele momento, pela riqueza econômica e cultural. A cidade de Pelotas fortemente influenciada pelas tendências européias foi um campo fértil para o estabelecimento de instituições de ensino. Foi dentro deste contexto, mesmo que restrito a uma minoria, que as aulas e as escolas particulares foram lentamente se expandindo e tornando-se, de fato, na época, uma forma de educar e instruir a elite pelotense. Uma evidência deste estudo é o de que na educação feminina em Pelotas, no caso das classes mais abastadas, a predominância foi do ensino laico, diferentemente de outros casos apontados em estudos historiográficos que indicam, para outros contextos e locais, a predominância de escolas religiosas como sendo responsáveis pela educação das mulheres.

Constatou-se a existência de aulas particulares e colégios femininos particulares como espaços de formação das meninas e moças da elite pelotense. Ao longo da investigação, os dois modelos estiveram em vigência para a educação feminina. Os anúncios das aulas particulares, especificamente, permitiram constatar que, além dos colégios particulares, as práticas domésticas de escolarização foram, sem dúvida, uma modalidade de educação feminina comum nos Oitocentos, em Pelotas, que em consonância com outras províncias brasileiras utilizaram a educação na “Casa” como uma prática das elites no Brasil Oitocentos. Nesse sentido, vale ressaltar que, segundo Vasconcelos (2005), “é pelos jornais que desde as primeiras décadas dos Oitocentos a educação doméstica pode ser constatada”, ou seja, metodologicamente o anúncio é “quase” a única forma de analisar esse modelo de educação. Portanto, a contribuição desse estudo é, também, indicar e registrar a vigência e a forma dessas aulas particulares femininas para o caso de Pelotas.

Durante o período estudado, observa-se que os colégios femininos foram se consolidando como espaço de educação feminina. Há um número maior de anúncios de colégios em relação aos das aulas particulares e também um número maior de professoras nessas escolas. Porém, é possível indicar, através dos anúncios, o caráter rotativo dessas escolas e das/os professoras/es. Exceto os casos do ‘Collegio de Meninas de Mme. Jeanneret’ e do ‘Collegio Acacia’ e suas respectivas directoras-professoras.

Considerando os 349 anúncios das aulas particulares, foi possível identificar 16 professoras particulares e, a partir dos 657 anúncios, 21 colégios particulares, 21 diretoras, 10 professoras e 22 professores. É clara neste cenário educacional a presença significativa das mulheres, principalmente como diretoras dos *collegios femininos*. Essa é outra evidência deste trabalho, as aulas e os colégios particulares femininos representaram um espaço profissional importante para as mulheres-professoras, mas isto deu-se de forma restrita. Nos colégios, a elas estava, ainda, “vedado” o acesso à docência nos colégios masculinos, pelo menos é o que se percebe pelos anúncios analisados. Os homens, contudo, ministravam aulas tanto nos colégios femininos quanto nos masculinos.

Para além disso, pelos dados disponíveis, nos 21 colégios anunciados no período de 1875-1890, encontra-se 31 mulheres, professoras e diretoras-professoras, e 22 homens, professores. É um número significativo de homens, o qual indica que era lícito homens ensinarem mulheres e o inverso não. Pode-se observar que as professoras identificadas

anunciaram qualidades morais como, por exemplo, inteligência, moral, ternura, uma formação variada, que ia desde a experiência a certificados obtidos nas Faculdades de Paris, na Corte e em colégios da Província, o que indica que as mesmas eram “habilitadas” para exercer a profissão do magistério.

Ao contrário de muitos estudos que revelam apenas uma educação moral e doméstica ao sexo feminino, os colégios dessas professoras ofereciam um *programa escolar* amplo e variado, dividido em ensino primário e secundário, com vários conhecimentos intelectuais e literários. O ensino primário era o mesmo oferecido aos meninos, assim como o francês, que fazia parte dos conhecimentos instituídos pela elite, ensinados (os conhecimentos ou o francês) principalmente pelas professoras estrangeiras. Nesse sentido, percebe-se a forte influência européia nos costumes da cidade e das famílias, e a aceitação das professoras estrangeiras como hábeis para a instrução das matérias e da língua estrangeira. No ensino secundário aparecem as maiores diferenças entre o currículo feminino e masculino, porém as escolas femininas continuam a oferecer um currículo variado às jovens pelotenses.

Outra característica percebida nos anúncios foi a preocupação com o melhoramento da estrutura dos prédios, sobrados ou edifícios, e com as próprias condições dos estabelecimentos e com a localização das escolas particulares. Oferecidas nos anúncios como estabelecimentos próprios com *espaçosas acomodações e bem localizado*, essas escolas refletiram novas formas e espaços de ensino feminino a partir da entrada do industrialismo, das idéias positivistas e científicas e do movimento higienista. Além dos espaços físicos, outra forma de demonstrar que essa era uma educação para a elite foram as cobranças de mensalidades através da publicação dos preços nos anúncios, revelando que era uma forma de instrução para uma camada da população que dispunha de recursos suficientes para manter suas filhas nas escolas, ou seja, para a elite pelotense. O que denota-se, também nos exames finais, momento em que as alunas apresentavam-se à sociedade pelotense e demonstravam as “novas” aprendizagens através de arguições de diversas matérias, de leituras de obras francesas e da demonstração de habilidades literárias, como por exemplo, leituras de poemas, declamações, diálogos, oralmente e publicamente. Assim, o ensino feminino particular, em Pelotas, revelou-se um modelo de ensino de “boa” qualidade que oportunizava o acesso à escola às mulheres da elite.

Certamente que apesar dessas conclusões o estudo não contempla as múltiplas histórias da educação feminina privada em Pelotas. Muitas outras relações podem ser feitas.

Foi difícil a tarefa de analisar todos os anúncios, de encontrar outras fontes que pudessem complementar este estudo e, principalmente, difícil foi encontrar dados sobre as professoras. As conclusões são, portanto, parciais. Contudo, ressalta-se o caráter relevante da pesquisa tanto no tema ‘história da educação feminina’ quanto na fonte, ou seja, os ‘anúncios’. Considera-se que a investigação traz para a História da Educação um importante mapeamento das aulas e dos colégios particulares do final do século XIX, o qual provavelmente não seria possível de ser feito através de outras fontes e que pode contribuir para futuros trabalhos.

Fontes de Pesquisa:

1. Jornais pesquisados de Pelotas que circularam entre os anos de 1875-1890:

Correio Mercantil (1875 a 1879; 1883; 1886; 1887; 1889 a 1900)

Jornal do Commercio (1880 a 1882)

A Discussão (1882 e 1885)

Diário de Pelotas (1884 e 1887)

A Pátria (1888)

A Nação (1884)

Onze de Julho (1883)

Rio Grandense (1886)

A Ventarola (1884; 1887 a 1888)

O Cabrion (1880)

2. Mapa da cidade de Pelotas:

SYLOS, Hundemburg Ribeiro de. SYLOS, Lurdes Scherer. Guia da Cidade de Pelotas. Logradouros, mapas, informativo comercial, industrial e profissões liberais. 1973, p.38.

Planta da cidade de Pelotas, 1909, Biblioteca Particular Eduardo Arriada.

3. Sites pesquisados:

Famílias Pelotenses: <http://br.geocities.com/josimo70/fampel.html>, acessado em 26/01/2007.

Rio Grande em Fotos: <http://www.riograndeemfotos.fot.br/rghisto.html>, acessado em 26/01/2007.

3. Relatórios e Leis:

Anuario da Província do Rio Grande do Sul. Publicado sob a direcção de Graciano A. de Azambuja (Quarto anno). Porto Alegre, Editores: Gundlach & Cia, Livreiros. 1888.

BRASIL. [Leis etc.,] Coletânea de leis sobre o ensino primário e secundário no período imperial brasileiro: Lei de 1827; Reforma Couto Ferraz – 1854; Reforma Leôncio de Carvalho – 1879/ Org. Elomar Tambara e Eduardo Arriada. Pelotas: Seiva, 2005.(Filosofia e História da Educação: n.3)

Referências Bibliográficas

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Histórias e Histórias de Vida: destacados educadores fazem a história da educação rio-grandenses**. Org. Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2º ed. 2004a.

_____. **Identidade e Vida dos Educadores Rio-Grandenses: Narativas na primeira pessoa (...e em muitas outras)**. Org. Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004b.

ALMEIDA, Jane Soares de. Vestígios para uma reinterpretação do Magistério Feminino em Portugal e Brasil (Séculos XIX e XX). In: Souza, Rosa Fátima de; Valdemarin, Vera Teresa e Almeida, Jane Soares de. **O Legado Educacional do Século XIX**. Araraquara: UNESP – Faculdade de Ciências e Letras, 1998.

ALVES, Francisco das Neves. Imprensa e Política: Algumas reflexões acerca da investigação histórica. **História em Revista 7** – Dezembro de 2001. Disponível em:

<http://ich.ufpel.edu.br/ndh/revista.htm> Acesso em: 08 jan. 2006

ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e Modernização**: Pelotas no último quartel do Século XIX. Pelotas, Editora e Gráfica Universitária. UFPEL, 2000.

ARRIADA, Eduardo. Do Liceu D. Afonso ao Ateneu Rio-Grandense: tentativas frustradas de implantação do ensino secundário público na Província de São Pedro. **Anais VII Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação**. Pesquisa em História da Educação: educação comparada. Pelotas: Seiva, p. 50-70, 2001.

BASTOS, A Imprensa Periódica Educacional no Brasil (1808-1944) – Apêndice. Org. CATANI, Denice. BASTOS, Maria Helena Câmara. **Educação em Revista**. São Paulo, Escrituras, pg.173-187, 1997.

_____, Maria Helena Câmara. Manuais Escolares Franceses no Imperial Colégio de Pedro II (1856-1892). **Anais do VIII Encontro Sul-rio-grandense de pesquisadores em História da Educação**. P. 223-238, Gramado, 2002.

_____, Maria Helena Câmara. História da Educação No Rio Grande do Sul – O Estado da Arte. **Histórias e Memórias da Educação do Rio Grande do Sul**. (Org.) BASTOS, Maria Helena Câmara. TAMBARA, Elomar. KREUTZ, Lúcio Seiva Publicações, p.11 - 42, 2002.

_____, Maria Helena Câmara. BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. CUNHA, Maria Teresa Santos **Uma cartografia da pesquisa em História da Educação na Região Sul: Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul (1980-2000)**. Pelotas: Seiva, 2004.

BELO, André. História & Livro e Leitura. Belo Horizonte: Autêntica. Coleção História & Reflexões, 3; 116p. 2002.

BETEMPS, Leandro Ramos. Aspectos da colonização francesa em Pelotas. **História em Revista**, n. 5 1999. Disponível em:

<http://ich.ufpel.edu.br/ndh/rev05art06.htm> Acesso em: 26 de jan. de 2007

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine (USP): **O cotidiano em anúncios de jornais do século XIX**. Disponível em:

<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/HBrandao001.pdf>. Acesso em: 07 de jan. 2006

BRUSCHINI, Cristina, AMADO, Tina. Mulheres na Escola. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas. N. 80, fevereiro, 1992. p.62-74.

BUFFA, Ester. PINTO, Gelson de Almeida. **Arquitetura e Educação - Organização do Espaço e Propostas Pedagógicas dos Grupos Escolares Paulistas, 1893/1971**. São Carlos: Brasília, EdUFSCar, INEP, 2002.

CARDOSO, Teresa Fachada. As aulas régias no Brasil. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena C. **Histórias e memórias da educação no Brasil**, vol.1: séc. XVI-XVIII, Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 179-191.

CAVALVANTE, Maria Juraci Maia. O jornal como fonte de pesquisa no campo da História Educacional. **Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação**. p. 226-228, 2004.

CHARTIER, Roger. **Cultura Escrita, Literatura e História**. Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre, Jesús Anaya Rosique, Daniel Godin e Antonio Saborit. – Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

_____, **As Utilizações do Objecto Impresso (Séculos XV-XIX)**. Tradução de Ida Boavida. Difel Difusão Editorial. Portugal, 1998.

CERQUEIRA, Fábio Vergara e CÉZAR, Temistocles Américo. Os periódicos do final do século XIX e do início do século XX e o cotidiano de Pelotas. **História em Revista 1**. Núcleo de Documentação Histórica. Pelotas. 1994.

CURY, Carlos Roberto J. O público e o privado na história da educação brasileira: concepções e práticas educativas. Org. José Claudinei Lombardi, Mara Regina M. Jacomeli, Tânia Mara T. da Silva. Campinas, SP: Autores Associados; HISTEDBR; Usinal, 2005.

DEMARTINI, ZÉLIA de Brito Fabri. ANTUNES, Fátima Ferreira. Magistério Primário: profissão feminina, carreira masculina. **Feminização do Magistério: vestígios do passado que marcam o presente**. Org. Maria Christina Siqueira de Souza Campos; Vera Lucia Gaspar da Silva. – Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX**. – 2.ed.rev. São Paulo: Brasiliense, 1995.

Dicionário Aurélio, versão eletrônica,

FARIA FILHO, Luciano. M. & VIDAL, Diana G. *Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil*. 500 Anos de Educação Escolar. **Revista Brasileira de Educação**. Editora Autores Associados. Mai/Jun/Jul/Ago. p. 19-33, n.14. 2000.

_____. “Dos Pardieiros aos Palácios”: Forma e Cultura Escolares em Belo Horizonte (1906/1918). Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação Programa de Pós-Graduação, 1996.

_____. O jornal e outras fontes para a história da educação mineira do século XIX. **Novos Temas em História da Educação Brasileira**. Instituições Escolares e Educação na

Imprensa. Org. José Carlos Souza Araújo & Décio Gatti Júnior. Campinas, SP: Editora Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002. (Coleção Memória e Educação).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0. 3ª. edição, 1ª. impressão da Editora Positivo, revista e atualizada do Aurélio Século XXI, O Dicionário da Língua Portuguesa, contendo 435 mil verbetes, locuções e definições. ©2004 by Regis Ltda.

FRAGO, Viñao Antonio. ESCOLANO, Augustín. Currículo, Espaço e Subjetividade – a arquitetura como programa. Tradução: Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

GARCIA, Sonia Tavares. LONER, Beatriz Ana. Relação de jornais existentes na Biblioteca Pública Pelotense. **História em Revista 6** - Dezembro 2000. Disponível em:

<http://ich.ufpel.edu.br/ndh/revista.htm> Acesso em: 08 de jan. de 2006.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares. Os fios de Penélope: A mulher e a educação feminina no século XIX. **GT História da Educação, ANPED**, Caxambu, 2003.

HAHNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940**. Tradução: Eliane Lisboa. Florianópolis: Editora Mulheres, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

ISMÉRIO, Clarice. **Mulher: a moral e o imaginário (1889-1930)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 191 p. – (Coleção História; 7), 1995.

LOBO, Elizabeth Souza. **A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. Pensar categorias em História da Educação e Gênero. **Projeto História**, São Paulo, n.11, nov. p. 19-29, 1994.

LOPES. Eliane Marta Teixeira e GALVÃO. Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. *Mulheres na Sala de Aula*. In: **História das Mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). São Paulo: Contexto, p.443-481, 1997a.

_____. Gênero e Magistério: Identidade, História, Representação. **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. Org. Denice Bárbara Catani. São Paulo: Escrituras Editora, 1997b.

_____. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**. V.20, n.2, p.101-133, jul/dez. 1995.

_____. Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva de gênero. **Projeto História**, São Paulo, n.11, nov., p. 31-46, 1994.

MAESTRI, Mário. **O escravo gaúcho: resistência e trabalho**. Porto Alegre: Universidade, 1993.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: EdUFPEL: Co-edição Livraria Mundial, 1993.

MUNIZ, Diva de Couto Gontijo. Construindo diferenças: a escolarização de meninos e meninas na Minas oitocentistas (1834-1889). In: **História da Educação em Minas Gerais**. Ana Amélia Borges de Magalhães Lopes, Irlen Antonio Gonçalves, Luciano Mendes de Faria Filho, Maria do Carmo Xavier (org.). Belo Horizonte: FCH/FUMEC, 2002.

NETO, Wenceslau Gonçalves. *Representações de mulher e de educação na imprensa de Uberabinha (MG), 1910-1926*. In: **História da Educação em Minas Gerais**. Ana Amélia Borges de Magalhães Lopes, Irlen Antonio Gonçalves, Luciano Mendes de Faria Filho, Maria do Carmo Xavier (org.). Belo Horizonte: FCH/FUMEC, 2002.

Normatizações de teses, dissertações e trabalhos acadêmicos da Universidade Federal de Pelotas: manual de orientações/ Carmen Lúcia Lobo Giusti, (Coord.). Pelotas: Ed. da UFPel, 2005, 66p.

NÓVOA, Antonio. A Imprensa de Educação e Ensino. Org. CATANI, Denice. BASTOS, Maria Helena Câmara. **Educação em Revista**. São Paulo, Escrituras, p.11-32, 1997.

PERES, Eliane T. **Templo de Luz: os cursos noturnos masculinos de Instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875-1925)**. Pelotas: Seiva Publicações, 2002.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PRIORI, Mary DEL. História do cotidiano e da vida privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarin & Vainfas, Ronaldo (org). **Domínios da História**. São Paulo: Ed.Campus, 1997.

RAGAZZINI, Dario. Os Estudos Histórico-Educativos e a História da Educação. **Anais do III Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil**, In: Claudinei Lombardi (coord. e org.). Unicamp, FE, Histedbr, Campinas, mar. 1995.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação Formal, Mulher e Gênero no Brasil Contemporâneo. **Revista Estudos Feministas**. CFC/CCE/UFSC V. 9, N.2, p.515-540, 2001.

_____. Caminhos Cruzados: educação e gênero na produção acadêmica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.27, n.1, p.47-68, jan/jun.2001.

ROSEMBERG, Fúlvia e AMADO, Tina. Mulheres na Escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.80, p.62-74, fev. 1992.

SALOMON, Marlon. A propósito da história das mulheres e do gênero: entrevista com Gabrielle Houbre. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 2, 2004. Disponível em:

<http://www.scielo.br> Acesso em: 12 Nov 2006.

SCHNEIDER, Regina Portella. **A Instrução Pública no Rio Grande do Sul (1770-1889)**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS/EST Edições, 1993.

SCHUELER, Alessandra Frota. A instrução primária no Rio de Janeiro imperial: esboço das escolas públicas nas últimas décadas do século XIX. **Cadernos da Educação**. FaE/UFPEL. Pelotas (17):93-123, jul./dez.2001.

_____. Representações da docência na imprensa pedagógica na Corte imperial (1870-1889): o exemplo da Instrução Pública. **Educação e Pesquisa**. Vol.31 n.3, São Paulo Set.Dez. 379-390, 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. V.20, n.2, p.71-99, jul/dez. 1995.

SEVERINO, Antônio Joaquim. O público e o privado como categoria de análise em educação. Org. José Claudinei Lombardi, Mara Regina M. Jacomeli, Tânia Mara T. da Silva. Campinas, SP: Autores Associados; HISTEDBR; Usinal, 2005.

SOUZA LOBO, Elizabeth. **A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

TAMBARA, Elomar e ARRIADA, Eduardo. Leis e Regulamentos sobre Educação no Período Imperial na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. **Coleção Documentos da Educação Brasileira**. Brasília, nov. 2004.

_____, Elomar e ARRIADA, Eduardo. A instrução pública no Brasil / pelo conselheiro José Liberato Barroso. Pelotas. (Org.) Tambara, Elomar e Arriada, Eduardo. Seiva, 2005a. (Série Filosofia e História da Educação).

_____. Coletânea de Leis sobre o ensino primário e secundário no período imperial brasileiro: Lei de 1827; Reforma Couto Ferraz – 1854; Reforma Leôncio de Carvalho – 1879. Pelotas: Seiva, 2005b. (Filosofia e História da Educação; n.3).

TAMBARA, Elomar. *A Educação Feminina no Brasil ao final do século XIX*. **Revista História da Educação**. N.1 (abr. 1997) – Pelotas: Editora da UFPEL – Semestral, p. 67-90, 1997.

VANTI, Elisa dos Santos. O Fio da Infância na trama da História: um estudo sobre significações de infância e de Educação Infantil em Pelotas (1875-1900). 1998. 366f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A Casa e os seus Mestres**. A educação no Brasil Oitocentos. Rio de Janeiro Gryphus, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves. CARVALHO, Marília Pinto de. Mulheres e Magistério Primário: Tensões, Ambigüidades e Deslocamentos. **Brasil 500 Anos: Tópicos em História da Educação**. (Org.) Diana Gonçalves Vidal; Maria Lúcia Spedo Hilsdorf. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

VIEIRA, Lula. **História contada pelos anúncios**. Jornal Zero Hora, Caderno Economia. Porto Alegre, Domingo, 15/08/2004, p. 24.

WOLFF. Cristina Scheibe; POSSAS, Lúcia M. Vianna. Escrevendo a história no feminino. **Revista Estudos Feministas**. V.13, n.3 Florianópolis set./dez/2005.

ANEXO I

Conforme estudos de Sônia Tavares Garcia e Beatriz Ana Loner, “a Biblioteca Pública Pelotense possui um rico acervo de jornais do estado, especialmente do século passado. Também possui numerosa coleção de revistas, dispersa pelos seus vários setores. Nessa compilação, vamos nos deter apenas nos jornais e revistas de interesse histórico, existentes no chamado Museu da Biblioteca, com referências ainda incompletas a jornais que encontram-se em outros locais da mesma” (Garcia e Loner, 2000, p. 2 e 3). Entre os jornais pelotenses destaco os anos de circulação do Jornal Correio Mercantil:

CORREIO MERCANTIL – PELOTAS

ANO	SEMESTRE	OBSERVAÇÕES
1875	1º e 2º	
1876	1º e 2º	
1877	1º e 2º	
1878	1º e 2º	
1879	1º e 2º	
1880	1º e 2º	
1881	1º e 2º	
1882	1º	
1883	1º e 2º	
1884	2º	
1885	1º e 2º	
1886	1º e 2º	
1887	1º e 2º	
1888	1º e 2º	

CORREIO MERCANTIL – PELOTAS

1889	1º e 2º	
1890	1º e 2º	
1891	1º	
1892	1º e 2º	
1893	2º	
1894	1º e 2º	
1895	1º e 2º	
1896	1º e 2º	
1897	1º e 2º	
1898	1º e 2º	
1899	2º	
1900	1º e 2º	
1901	1º e 2º	
1902	1º e 2º	
1903	1º e 2º	
1904	1º e 2º	
1905	1º e 2º	
1906	-----	NÃO FORAM ENCONTRADOS EXEMPLARES
1907	1º e 2º	
1908	1º e 2º	
1909	1º e 2º	
1910	1º e 2º	
1911	1º e 2º	
1912	1º e 2º	
1913	1º e 2º	

CORREIO MERCANTIL – PELOTAS

1914	1º e 2º	
1915	1º e 2º	
1916	a 1928	O JORNAL NÃO CIRCULOU
1929	2º	
1930	1º e 2º	
1931	1º e 2º	
1932	1º	

Jornal do Commercio

ANO**SEMESTRE**

1875	1° e 2°
1876	1° e 2°
1877	1° e 2°
1878	1° e 2°
1879	1° e 2°
1880	1° e 2°
1881	1° e 2°
1882	1°